



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE FILOSOFIA

TAILSON SOUSA MARQUES

DE CORTESÃS À FILÓSOFA:

a condição das mulheres *hetairas* da primeira geração do Jardim de Epicuro

SÃO LUÍS - MA

2024

TAILSON SOUSA MARQUES

DE CORTESÃS À FILÓSOFAS:

a condição das mulheres *hetairas* da primeira geração do Jardim de Epicuro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

SÃO LUÍS - MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa Marques, Tailson.

De cortesãs à filósofas : a condição das
mulheres hetairas da primeira geração do Jardim
de Epicuro / Tailson Sousa Marques. - 2024.
140 p.

Orientador(a): José Assunção Fernandes
Leite. Monografia (Graduação) - Curso de
Filosofia, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2024.

1. Hetairas. 2. Epicurismo. 3. Condição. 4.
Produção Filosófica. 5. Protagonismo. I.
Fernandes Leite, José Assunção. II. Título.

TAILSON SOUSA MARQUES

DE CORTESÃS À FILÓSOFAS:

a condição das mulheres *hetairas* da primeira geração do Jardim de Epicuro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Aprovado em: 20/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas (1º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Daniel Schiochett (2º Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

Mas nosso compatriota Taurus, sempre que se falava de Epicuro, tinha sempre nos lábios e na língua estas palavras de Hierocles, o estóico, um homem de retidão e dignidade: “Prazer é um fim, uma crença de prostituta; não há Providência, nem mesmo a crença de uma prostituta.” (Gell., *NA*, IX, 5, tradução nossa).¹

¹“But our countryman Taurus, whenever mention was made of Epicurus, always had on his lips and tongue these words of Hierocles the Stoic, a man of righteousness and dignity: ‘Pleasure an end, a harlot’s creed; there is no Providence, not even a harlot’s creed.’” (Trad. de John C. Rolfe).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de minha bisavó, Marcelina Silva, e de meu primo, Alex Jonas, que, embora já não estejam entre nós, sempre acreditaram e apoiaram este sonho. Seu amor e fé em mim foram fundamentais para a realização deste projeto, mesmo que não tenham vivido para ver os frutos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão aos deuses epicuristas, caso algum dia se importem conosco; ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; aos caboclos, pretos-velhos, pombagiras, guias e mentores espirituais, que, em sua compaixão, se importam conosco em nossa pobreza e insignificância — na vida em vida, na morte em vida, e na impotência diante dos absurdos e injustiças que assolam a terra, que marcam o chão e os homens pequenos, necessitados do pão e do vinho da terra. A todos vós que nos escutais e intercedeis por nós, manifesto hoje minha sincera gratidão diante do público que lê este trabalho, por tão grande ajuda até aqui.

Gostaria de agradecer à minha bisavó Marcelina Silva, que nos deixou quando eu ainda era tão impotente. Querida bisa, seu quarto está vazio, sua cadeira permanece vazia desde a tua partida, mas não do lado de dentro. Hoje, escrevo teu nome neste trabalho para que todos que o lerem saibam que você existiu neste mundo, não apenas por um século bem vivido, mas também em minhas memórias, em meus pensamentos, em minha trajetória. Muito do que consegui alcançar se deve à sua ajuda e investimento. A ti sou imensamente grato, mesmo que as palavras não possam expressar completamente esse sentimento, cujos átomos o tempo há de tornar sustentação para a vida e de tudo aquilo que dela deriva ou participa.

Gostaria de agradecer ao meu primo Alex Jonas, que nos deixou quando eu ainda era tão impotente. Querido primo, queria que você estivesse aqui conosco agora, mas a violência do mundo lá fora deixou suas marcas dentro de nós. Não há confronto ou filosofia que atenuie a dor da despedida forçada e sem aviso prévio. Deixo aqui o meu agradecimento para que todos saibam quem você foi nesta vida e na minha trajetória, símbolo de virtude, mesmo que as palavras sejam insuficientes e tenham chegado tarde demais. Hoje, olho para as memórias compartilhadas com carinho, como fizeram os primeiros epicuristas diante da dor.

Agradeço à minha tia Nora, à tia Gê, aos meus avós, à minha mãe, aos meus irmãos, aos meus lindos sobrinhos, ao pai e à Teresa, e aos meus dois irmãos pequenos por fazerem parte da minha trajetória, trazendo leveza e alegria aos meus dias. Gostaria de agradecer, especialmente, à minha tia Maria Isabel por tudo que fez por mim até aqui. Deixo aqui registrado que valeu a pena cada dia, ainda que a vida em nossa impotência tenha sido um hiato de alegrias e dores latentes. A ti, dedico meu respeito e, acima de tudo, meu amor e gratidão, compreendendo que palavras não são suficientes para expressar o que você

significou e, ainda significa, para mim, para o meu primo, para a bisa, e para todos nós que tivemos a honra de lhe conhecer na arbitrariedade que rege o mundo. Você é a alma mais doce e serena que conheço, aquela que traz esperança mesmo quando o céu é de bronze. Louvo você por ser quem és, pelo que foi e pelo que continua sendo: minha segunda mãe.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite pelas críticas e contribuições valiosas a este trabalho. Sou profundamente grato ao Prof. Dr. Ignácio Marcio Cid pela sua gentileza e pelas indicações de leituras indispensáveis para a compreensão do fenômeno do feminino no epicurismo primitivo. Minha gratidão se estende à Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira Silva, por seu empenho em trazer clareza ao estudo sobre Plutarco. Agradeço à Profa. Dra. Maria Olívia Serra, que acreditou e apoiou a iniciativa de trazer para o debate a presença das mulheres no epicurismo primitivo, mesmo diante da escassez de fontes. Sou grato ao Prof. Me. Marcos Antônio Muniz por ter me apresentado o pensamento de Epicuro e dos primeiros epicuristas. Agradeço também a Michele Pinto, cuja generosidade e trabalho com o epicurismo italiano merecem louvor. A todos, sou imensamente grato.

Agradeço a Carlos Manoel por me ajudar a compreender melhor a história do epicurismo através de diversas abordagens e perspectivas historiográficas. Sou grato pelas críticas construtivas e pelo bom senso que ele sempre demonstrou desde os primeiros dias quando o conheci.

Gostaria de agradecer aos meus amigos, sem os quais o pensamento escrito aqui não teria valor ou propósito. Agradeço especialmente a Pedro Chacon (nosso Metrôdoros de Lâmpsaco), amigo fiel tanto nas bonanças quanto nos mares tempestuosos. Sua acessibilidade, abertura e transparência foram essenciais. Você esteve ao meu lado quando criei o *NeoKepos* no jardim do CCSO naquela tarde de primavera. Foi o primeiro amigo a me acompanhar quando eu, um *Epicuro* solitário, estudava os princípios do hedonismo racional sem ter meu próprio *Kepos* e amigos. Meu amigo, meu irmão, sou profundamente grato pela sua existência e essência.

Agradeço a David Alla (nosso Colotes de Lâmpsaco), que se destacou ao escrever contra todos e venceu como um deus. Sou grato pela sua amizade, pelos sonhos e conhecimentos compartilhados, e por sua imbatível dedicação à causa da filosofia política italiana. Sou grato a João Victor (nosso Pítocles de Lâmpsaco) pelo que você representa e é: um amigo e estudioso gentil. Sua presença e contribuição são muito apreciadas. Agradeço

profundamente a Lyvyia Maria (nossa Leôntion de Atenas), que esteve presente em todos os momentos. Tenho imenso orgulho da filósofa que você é e das palavras refinadas que trouxe à filosofia e à nossa amizade.

Sou grato a Isnara Frazão (nossa Temista de Lâmpsaco) por suas perspectivas profundas e pela reflexão esclarecedora sobre a vida e a existência. Agradeço a Micharlany Amaral (nosso Polieno de Lâmpsaco) pela sabedoria de vida e pelos ensinamentos que ofereceu, acolhendo e transmitindo conhecimento valioso. Sou grato a Augusto Pegado (nosso Leônteu de Lâmpsaco) que me fez conhecer a hermenêutica e uma boa amizade. Sou grato a Lucas Carvalho (nosso querido Meneceu) pela sua amizade, pelo conhecimento compartilhado sobre o helenismo e pela generosidade com que você contribuiu. Agradeço a Dayvidson Linard (nosso querido Orion do Jardim), o maior de todos nós, que será lembrado pelo seu amor pela filosofia e pela doce presença em meus estudos. Sou grato a Valentim (nosso Hêrmacos de Mitilene), um exemplo de dedicação, cuja paixão contagiante pela filosofia é uma inspiração para todos do *NeoKepos*.

Agradeço a Anne Beatriz (nossa Batis de Lâmpsaco), que foi uma amiga dedicada, sempre ao meu lado, e cuja presença é imensamente valorizada. Sou grato a André Fernandes Silveira (nosso poeta Lucrécio) por ter estado sempre presente nesta trajetória, contribuindo para o mundo epicurista. Agradeço também a Amanda Guimarães, Jessica Ferreira, Antônio José, Karla Brandão, Ivas Alencar, William França, Edson Ramon, Levy Cálede, Radson Guilherme, Álvaro Emanuel, Felipe Engels e Gislana Coutinho, que sempre estiveram ao meu lado, como também conheci em minha jornada filosófica.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Timócrates de Lâmpsaco, o discípulo-antítese que tornou o epicurismo uma filosofia ainda mais interessante, rica e profunda. Sou grato por ter contribuído para que Epicuro fosse visto com a humanidade de um verdadeiro ser humano. Agradeço-te, porque todos louvam Epicuro e os epicuristas, mas a você não se celebra a memória, sua heterodoxia, seu descompasso, sua diferença e seu rompimento. Que um dia o *Neoepicurismo* o veja sob uma nova perspectiva, superando aquilo que não pode ser considerado absoluto na tradição epicurista. Que ele sirva de base e origem para um novo epicurismo que, com rigor, investigue suas raízes sem a apologia dogmática do epicurismo tradicional.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a presença e o papel das mulheres referidas como hetairas (ἑταίρα) na primeira geração do Jardim de Epicuro. O foco principal está em compreender sua condição dentro da comunidade epicurista e sua interação com a filosofia epicurista. Essa escolha justifica-se porque a literatura acadêmica em língua portuguesa sobre o epicurismo primitivo frequentemente não aborda de forma crítica e exclusiva essa questão em comparação à ética, à epistemologia e à física epicurista, mas apenas reproduz de maneira sintética e clichê a ideia de que essas mulheres eram admitidas entre os grupos marginalizados da época. Assim, este estudo visa problematizar essa visão ao explorar quem eram especificamente as tais hetairas na primeira comunidade epicurista, qual era a condição que desfrutavam dentro e fora da escola, e se dedicavam de fato à produção filosófica ou se havia impedimentos na escola a essa prática. Para isso, a pesquisa adota uma abordagem historiográfica crítica de natureza teórico-bibliográfica qualitativa, analisando dialeticamente tanto as narrativas hostis, que reduzem essas mulheres a objetos de prazer e ao âmbito da maternidade na vida privada, quanto às favoráveis ao reconhecimento de seu protagonismo na comunidade, com base em estudos nacionais e internacionais sobre o tema. Ao focar nas supostas hetairas do Jardim de Epicuro, este estudo permite compreender por que muitas atribuições de maternidade, companheirismo estético-sexual, protagonismo ou até mesmo engajamento filosófico dessas mulheres são inconsistentes, apesar da relativa abertura do epicurismo ao público feminino.

Palavras-chave: Hetairas, Epicurismo, Condição, Produção filosófica, Protagonismo.

SOMMARI

Questa ricerca indaga la presenza e il ruolo delle donne indicate come etere (ἑταίρα) nella prima generazione del Giardino di Epicuro. L'obiettivo principale è comprendere la loro condizione all'interno della comunità epicurea e la loro interazione con la filosofia epicurea. Tale scelta si giustifica perché la letteratura accademica in lingua portoghese sull'epicureismo primitivo spesso non affronta in modo critico ed esclusivo questa questione rispetto all'etica, all'epistemologia e alla fisica epicurea, ma riproduce solo in modo sintetico e cliché l'idea che queste donne fossero ammesse tra i gruppi emarginati dell'epoca. Pertanto, questa ricerca mira a problematizzare questa visione esplorando chi fossero specificamente queste eteres nella prima comunità epicurea, quale fosse la condizione che godevano dentro e fuori dalla scuola, e se si dedicavano effettivamente alla produzione filosofica o se vi fossero ostacoli a tale pratica. A tal fine, la ricerca adotta un approccio storiografico critico di natura teorico-bibliografica qualitativa, analizzando dialetticamente narrazioni sia ostili, che riducono queste donne a oggetti di piacere e al contesto della maternità nella vita privata, sia favorevoli al riconoscimento del loro protagonismo nella comunità, basandosi su studi nazionali e internazionali sull'argomento. Concentrandosi sulle presunte eteres del Giardino di Epicuro, questo studio consente di comprendere perché molte attribuzioni di maternità, compagnia estetico-sessuale, protagonismo o persino impegno filosofico di queste donne siano inconsistenti, nonostante la relativa apertura dell'epicureismo al pubblico femminile.

Parola Chiave: Etere, Epicureismo, Condizione, Produzione Filosofica, Protagonismo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2 Apol.	Second Apology (St. Justin Martyr)
a.C.	Antes de Cristo
Ac.	Academica (=The Academics, Cicero)
Alc.	Alcibiades (Plutarch)
Ad Marc.	Ad Marcellam (Porphyry)
Adv. Col.	Adversus Colotem (= Contra Colotes, Plutarco)
Adv. Iovin.	Adversus Jovinianum (Jerome)
Ael. Th.	Aelius Théon
AG	Anthologia Graeca (= The Greek Anthology)
Alciphrr.	Alciphron
Apolod.	Apolodoro
Arist.	Aristóteles
Athen.	Athenaeus of Naucratis
Boccaccio	Giovanni Boccaccio
c.	circa
cap.	capítulo
cf.	confira
Cic.	Cicero ou Cicerón
Cleom.	Cleomenes
col.	coluna
d.C.	Depois de Cristo
D.L.	Diôgenes Laértios (Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres)
De finibus	De finibus bonorum et malorum (= De Los Fines de los bienes y los males, Cicerón)
De mort.	De morte (= <i>On Death</i>)
De mulier.	De mulieribus Claris (= Concerning famous women, Boccaccio)
Deipno.	Deipnosophistae (Athenaeus of Naucratis)
Dem., 59	Demóstenes, Contra Neera (Apolodoro)
Demetr.	Demetrius (Plutarch)
Dial. meret.	Dialogi meretricii (= Chattering Courtesans, Lucian)

Diod. Sic.	Diodorus Siculus, Library of History
Div. inst.	Divinae institutiones (Lactantius)
Epist.	Epistula
Epist. ad Luc.	Epistulae ad Lucilium (= Epístolas a Lucílio, Séneca)
fl.	floruit
Filod.	Filodemo
fr.	fragmento
Gell.	Aulus Gellius
Hist.	Histories (= The Histories, Polybious)
IG	Inscriptiones Graecae (Inscrições Gregas)
Ir.	De Ira (= On Anger, Philodemus)
Jen.	Jenofonte (Xenofontes)
Lat. Viv.	De Latenter Vivendo (= De si está bien dicho lo de «vive ocultamente», Plutarco)
Lib.	De Libertate Dicendi (= On frank Criticism, Philodemus)
Lys., I	Lysias, On the murder of Eratosthenes
Mart.	Martial, Epigramas
Mem.	Memorabilia (= Recuerdos de Sócrates, Jenofonte)
Mem. Epic.	Memorie Epicuree (Filodemo)
Menex	Menéxeno (Platón)
n.p.	não paginado
NA	Noctes Atticae (= The Attic Nights, Aulus Gellius)
Nat. Deor.	De Natura Deorum (= Nature of the Gods, Cicero)
NH	Naturalis Historia (= Natural History, Pliny the Elder)
Non Posse	Non Posse Suaviter Vivi Secundum Epicurum (= Sobre la imposibilidad de vivir placenteramente según Epicuro, Plutarco)
Oec.	Oeconomica (= Os Econônimos, Aristóteles)
Oec.	Oeconomicus (= Económico, Jenofonte)
P. Herc.	Papyri Herculandenses (Papiros de Herculano)
P. Oxy.	Oxyrhynchus Papyri (Papiros de Oxirrínco)
Pap. Berol.	Papyri Berolinenses (Papiros de Berlim)
Per.	Péricles (Vida de Péricles, Plutarco)
Philod.	Philodemus (Filodemo)

Plat.	Plato ou Platón (Platão)
Pliny	Pliny, the Elder (Plínio, o Velho)
Plut.	Plutarco ou Plutarch
Porph.	Porphyry (Porfírio)
Pr. Im.	Pro imaginibus (= Essays in Portraiture, Lucian)
Prag.	Pragmatae (Pragmateia)
pref.	Prefacie (Prefácio)
Prog.	Progymnasmata
Script. Epic. inc.	Epicuri et Epicureorum scripta in Herculaneis Papyris servata
Séc.	Século
SEG	Supplementum Epigraphicum Graecum (Suplemento Epigráfico Grego)
Sen.	Lúcio Aneu Séneca
St.	Saint (Santo)
Strab.	Strabo, Geography
Strom.	Stromateis (Clement of Alexandria)
SV	Sentenças Vaticanas (Epicuro)
Symp.	Symposium (Plato)
trad.	tradução
Theaet.	Theaetetus (Plato)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. EM ATENAS: AS HETAIRAS ENTRE AS MULHERES, OS FILÓSOFOS E A FILOSOFIA GREGA.....	19
2.1 Dentro do oiko: as mulheres legítimas na Atenas Clássica.....	20
2.2 Dentro e fora do oiko: as pallakes e as hetairas na Atenas Clássica.....	24
2.3 O encontro da hetairas com os filósofos e a filosofia em Atenas.....	26
3. DE FORA DO JARDIM: AS HETAIRAS DENTRO DE UMA TRADIÇÃO ANTI-EPICURISTA.....	33
4. DE DENTRO DO JARDIM: AS HETAIRAS EPICURISTAS EM UMA TRADIÇÃO PRÓ-EPICURISTA.....	51
5. A CONDIÇÃO DAS HETAIRAS EPICURISTAS PARA ALÉM DO JARDIM DAS NARRATIVAS.....	61
5.1 Foram as tais hetairas epicuristas hetairas e iguais aos homens no Jardim?.....	61
5.2 Foram as tais hetairas mães dos filhos dos filósofos epicuristas?.....	71
5.2.1 Foi o grande mestre Epicuro realmente o “papai do Jardim” ?.....	72
5.2.3 Foi Leôntion a mãe dos necessitados filhos de Metrôdoros?.....	77
5.3.4 Foi Metrôdoros pai da desafortunada hetaira Danae?.....	85
5.3.5 Idomeneu e Leônteu tiveram filhos bastardos com as hetairas epicuristas?.....	92
5.3.6 Hêrmacos e Pítocles tiveram filhos com as hetairas epicuristas?.....	97
5.3 Foram as supostas hetairas epicuristas grandes filósofas?.....	100
5.3.1 Leôntion de Atenas escreveu filosoficamente contra o Liceu?.....	101
5.3.2 Foram Hedeia, Nicídion, Erótion , Bodion, Demétria filósofas?.....	106
5.3.3 Filénis de Samos filosofou entres os homens no Jardim de Epicuro?.....	108
5.3.4 Foi Leôntion de Atenas a grande filósofa do Jardim de Epicuro?.....	112
6. CONCLUSÃO.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128

1. INTRODUÇÃO

Para os estudiosos e entusiastas da filosofia ocidental, especialmente da filosofia grega antiga, ao abordar o período helenístico, é comum encontrar obras que destacam as conquistas de figuras masculinas proeminentes e inesquecíveis, refletindo sobre o declínio e a disseminação da cultura grega, que outrora foi hegemônica. Este período também é reconhecido como o berço de novas correntes filosóficas, como o ecletismo, o ceticismo, o estoicismo e, especialmente, o epicurismo primitivo, que constitui o foco central desta pesquisa. No entanto, a análise dessas filosofias frequentemente adota uma perspectiva predominantemente masculina, e o epicurismo não é exceção. A abordagem tradicional da filosofia acadêmica em língua portuguesa tende a se concentrar apenas no pensamento de Epicuro, Lucrécio e Filodemo, frequentemente negligenciando a presença e a participação feminina no epicurismo enquanto escola e comunidade filosófica.

Diante dessa lacuna, esta pesquisa visa compreender a condição das mulheres epicuristas, especialmente das hetairas que se acredita terem vivido entre os primeiros discípulos de Epicuro em Atenas. A literatura filosófica acadêmica em língua portuguesa tem retratado essas mulheres de maneira secundária, frequentemente abordando-as em passagens breves e genéricas, sem o devido destaque ou análise aprofundada. Essa representação geralmente as reduz a uma mera menção entre os grupos minoritários, comparando-as superficialmente com mulheres de outras escolas filosóficas, sem investigar sua real influência no epicurismo primitivo. Essa limitação compromete a compreensão de sua participação na comunidade epicurista e, por conseguinte, a percepção da presença feminina na Filosofia Antiga como um todo.

Embora essas mulheres permaneçam apagadas na literatura filosófica acadêmica portuguesa atual, na Antiguidade, não passaram despercebidas. Elas foram objeto de especulação e crítica por filósofos de diferentes correntes. Desde o ex-discípulo epicurista Timócrates de Lâmpsaco (fl. III a.C.) no período helenístico, até o escritor florentino Giovanni Boccaccio (1313-1375) no início do Renascimento, a presença das hetairas no Jardim de Epicuro gerou controvérsias. Essas mulheres foram frequentemente associadas a acusações de devassidão, mas também a práticas filosóficas. Assim, é crucial não apenas reconhecer a presença dessas mulheres ou simplesmente mencioná-las, mas também investigar as condições em que viveram e participaram da comunidade epicurista primitiva.

Tendo isso em vista, é necessário esclarecer desde o início que esta pesquisa não tem como foco o papel das mulheres na obra de Filodemo de Gadara, Tito Lucrécio Caro, Diôgenes de Enoanda ou outros epicuristas que discutem ou mencionam o feminino em suas obras. Também não se concentra na possível participação da imperatriz Plotina no epicurismo ou de outras figuras femininas, reais ou literárias, associadas ao epicurismo fora da primeira geração do Jardim. Embora essas questões sejam relevantes e mereçam debate no cenário acadêmico brasileiro atual, como também na literatura acadêmica de língua portuguesa, o foco desta pesquisa está restrito ao epicurismo primitivo, especificamente ao período de vida de Epicuro e de seus primeiros discípulos, abrangendo os séculos IV– III a.C.

Embora seja relevante compreender a condição e o papel de todas as mulheres associadas ao Jardim de Epicuro, esta pesquisa não se detém na situação de figuras como Fradium, que estava em aparente regime de servidão no Jardim, nem nas mulheres casadas, como Temista e Batis de Lâmpsaco. Mesmo que essas duas últimas apareçam ao longo da pesquisa como sujeitos epistemológicos, o foco não será nelas. O foco principal desta investigação está voltado para as hetairas da primeira geração, como Leôntion, Hedeia, Bodíon, Nicídion, Mamárion e Erótion, que são frequentemente mencionadas na tradição filosófica e literária antiga, bem como nas discussões da tradição filosófica acadêmica moderna e contemporânea que estudam o epicurismo primitivo. Essas mulheres foram alvo de críticas anti-epicuristas que as reduzem a meras acompanhantes envolvidas em uma trama de sensualidade e intimidade com Epicuro e seus discípulos. Por outro lado, também foram objeto de estudos acadêmicos modernos e contemporâneos que, a partir de uma visão pró-epicurista, sugerem que tiveram um envolvimento filosófico significativo.

Assim, a questão central desta pesquisa é compreender a condição das hetairas na primeira geração do Jardim de Epicuro. Para atingir esse objetivo, é necessário esclarecer a presença dessas mulheres em Atenas e entre as principais escolas filosóficas gregas antes da constituição do Jardim de Epicuro. Além disso, é importante analisar a imagem das hetairas epicuristas conforme descrita pela tradição que se opõe ao epicurismo e interpretar como essas mulheres são vistas dentro de uma tradição favorável ao epicurismo. Finalmente, deve-se contrastar a tradição favorável ao epicurismo com a tradição oposta, adotando uma perspectiva crítica para compreender a condição das hetairas epicuristas da primeira geração do Jardim de Epicuro.

Esta pesquisa tem uma natureza teórico-bibliográfica qualitativa e envolve a coleta e análise de fontes primárias e secundárias sobre a presença das hetairas epicuristas da primeira geração. São usadas como fontes os textos de pensadores antigos como Diôgenes Laértios, Cícero, Sêneca o Jovem, Alcifrão, Plínio o Velho, Cleomedes, *Atheaneus* de Náucrates, Plutarco, Platão, Aristóteles e Filodemo de Gadara, bem como os papiros de Herculano, de Oxirrincos e de Berlim. Além disso, são levados em consideração os textos de Clemente de Alexandria, Justino Mártir, Lactâncio e Giovanni Boccaccio. Sobre a presença das mulheres na Antiguidade, utiliza-se Kennedy (2014), MacLachlan (2012), Chrystal (2017), Silver (2018) e Villalonga (2019). Adicionalmente, são analisados comentários de estudiosos contemporâneos, incluindo Snyder (1989), Guerra (1991, 2010), Gordon (1996, 2004, 2012, 2013, 2018), Taylor (2003), Roskam (2007, 2019, 2020), Angeli (1993, 2016), Spinelli (2009), Berti (2015), Torres (2018), Cid (2021), Daroca e Martínez (2010), Erbi (2020), Arenson (2023) e Gazur (2023). Trata-se aqui de uma abordagem que permite uma análise crítica da representação das hetairas no epicurismo e contribui para uma compreensão mais ampla do papel dessas mulheres dentro da comunidade epicurista primitiva, com base nos conhecimentos disponíveis atualmente.

Para abordar o discurso sobre as hetairas que integravam o Antigo Jardim, esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira: A primeira seção, intitulada *Em Atenas: as hetairas entre as mulheres, os filósofos e a filosofia grega*, aborda o conceito de *hetaira* (ἑταῖρα) em comparação com *mulher legítima* (γυναικα) e *pallake* (παλλακῆ), com o objetivo de compreender seus papéis e ocupações na sociedade grega clássica. Em seguida, a sessão explora as interações das hetairas com filósofos e suas influências na Filosofia Antiga, examinando o papel e o impacto dessas mulheres antes do advento do epicurismo em território ático.

A segunda seção, *De fora do Jardim: as hetairas dentro de uma tradição anti-epicurista*, examina como as hetairas são representadas e interpretadas na tradição que se opõe ao epicurismo. Esta seção busca entender como os papéis e funções das hetairas são descritos nas narrativas que criticam o epicurismo, analisando se elas são retratadas como participantes ativas ou meros objetos de prazer na tradição literária e filosófica antiga.

A terceira seção, intitulada *Dentro do Jardim: as hetairas em uma tradição pró-epicurista*, foca na visão das hetairas dentro da tradição epicurista sob a perspectiva da academia contemporânea. Nesta seção são destacadas as contribuições e o papel

desempenhado por essas mulheres no contexto do Jardim de Epicuro, assim como sua presença e relação com os epicuristas e a doutrina epicurista.

Por fim, a quarta seção, *A condição das hetairas epicuristas para além do Jardim das narrativas*, discute a condição e o papel das hetairas em um contexto mais amplo, sendo dividida em três subseções. A primeira subseção, *Foram as tais hetairas epicuristas hetairas e iguais aos homens no Jardim?* busca compreender se a narrativa sobre a presença de mulheres hetairas no Jardim de Epicuro é confirmada ou se é uma construção fictícia, além de investigar se essas mulheres receberam tratamento equivalente ao dos homens epicuristas em termos de protagonismo e participação no Jardim. A segunda subseção, *Foram as tais hetairas mães dos filhos dos filósofos epicuristas?* examina se as hetairas tiveram filhos com filósofos epicuristas e se existia algum vínculo afetivo ou social entre elas e os filósofos. Por fim, a terceira subseção, *Foram as supostas hetairas epicuristas grandes filósofas?* compara os argumentos a favor e contra a ideia de que essas mulheres eram filósofas de destaque, analisando fontes confiáveis e questionáveis, adotando uma perspectiva crítica e dialética para entender suas possíveis contribuições filosóficas.

Por fim, a *Conclusão*, encerra a pesquisa abordando a condição das mulheres no epicurismo primitivo. Esta seção resume os principais desdobramentos da pesquisa, destacando as inconclusões sobre a condição das hetairas no Jardim de Epicuro e suas representações nas tradições filosóficas. Além disso, a seção indica as implicações dessas inconclusões para futuras investigações, sugerindo orientações para novas pesquisas sobre as supostas hetairas da primeira geração epicurista.

2. EM ATENAS: AS HETAIRAS ENTRE AS MULHERES, OS FILÓSOFOS E A FILOSOFIA GREGA

Frequentemente, a literatura acadêmica constantemente volta sua atenção para o filósofo andarilho e seus poucos discípulos em Atenas, enquanto a mulher chamada de hetaira ao seu lado é esquecida. No entanto, Epicuro não apenas reconheceu a existência dessas mulheres em Atenas, como também, segundo Timócrates de Lâmpsaco, evocado por Diôgenes Laértios, o grande mestre epicurista não apenas interagiu com elas por meio de cartas, mas também compartilhava sua vida com elas (X, 7). Quais são, afinal, as condições dessas mulheres epicuristas, sobre as quais tanto se fala nos textos antigos, mas das quais se sabe tão pouco na literatura acadêmica de língua portuguesa? Os opositores do epicurismo deram grande ênfase às hetairas epicuristas, como Leôntion, Mamárion, Hedeia, Bodion, Nicícion e Erótion. No entanto, foram os primeiros epicuristas que estabeleceram um vínculo estreito com essas mulheres, reconhecendo sua importância e convivendo com elas, ou essa ênfase é uma construção posterior?

Antes de aprofundar a análise da condição das hetairas dentro do Jardim de Epicuro a partir da perspectiva dos detratores, é essencial compreender qual era o perfil dessas mulheres categorizadas como hetairas e como se diferenciavam de outras categorias femininas da mesma época. Essa é uma questão importante, considerando que, na sociedade ateniense antiga, apesar de ter iniciado a *democracia* (δημοκρατία) e ainda se considerada a origem da *filosofia* (φιλοσοφία), nem todos os indivíduos eram considerados *cidadãos* ou possuíam direitos na comunidade local, tampouco tinham controle sobre seus corpos ou suas liberdades, mesmo que vivessem ou nascessem no antigo território da cidade-estado (πόλις) ou no reino macedônico. Por exemplo, por meio de Diôgenes Laértios (V, 55; X, 21) sabe-se que tanto Teofrasto quanto Epicuro concederam alforria aos escravos domésticos em seus testamentos.

Ao abordar a condição e a historiografia das mulheres gregas, é essencial reconhecer as limitações destacadas por Villalonga (2019). Segundo Villalonga, o conceito de *mulher* na sociedade grega não foi uniforme, variando em resposta às diferentes dinâmicas, tensões e reorganizações experimentadas pelos antigos povos gregos historicamente. Além disso, Villalonga observa que, com poucas exceções, as informações disponíveis são predominantemente masculinas, o que pode não refletir com precisão a realidade histórica das mulheres dentro da sociedade grega concreta. Assim, considerando essas valiosas

observações, a pesquisa se concentrará na análise da atuação das mulheres na Atenas Clássica e na transição para o Período Helenístico. Esta escolha é relevante porque, durante esse período, o epicurismo floresceu e, portanto, há registros que podem fornecer uma visão mais detalhada e aproximada sobre condições das mulheres do período que antecede a chegada do epicurismo primitivo na Ática, apesar das limitações e possíveis arbitrariedades dessas fontes.

Para compreender como a sociedade grega antiga percebia a condição e o papel das mulheres, é fundamental observar a obra *Contra Neera*, na qual se realiza um julgamento formal de Neera, acusada de transgressões das normas gregas da época. No discurso de acusação, Apolodoro, ao defender as vítimas prejudicadas por Neera e sua família, descreve as diferentes categorias femininas presentes na sociedade grega ateniense de sua época da seguinte forma:

Com efeito, as heteras nós as temos para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, mas as esposas para que tenham filhos legítimos e mantenham a guarda fiel da casa (Apolod., *Dem.*, 59.122, p. 128, trad. de Glória Onelley).

Esta passagem do período clássico precede, de forma interessante, o estabelecimento da primeira comunidade epicurista em Atenas. Nesse contexto, destacam-se três categorias de mulheres: a *hetaira* (ἑταίρα), a concubina (παλλακή) e a esposa legítima (γυναῖκα). Essas classificações femininas são o foco desta seção, pois as mulheres epicuristas, incluindo as hetairas, podem ter pertencido a essas categorias em diferentes momentos de suas vidas.

2.1 Dentro do *oiko*: as mulheres legítimas na Atenas Clássica.

Com base na interpretação dos textos disponíveis, MacLachlan (2012) argumenta que, no contexto histórico do período clássico ateniense, a mulher legítima era juridicamente representada na esfera pública e administrada na esfera privada por figuras masculinas de seu núcleo familiar ou por aqueles provenientes de um casamento formal. Assim, de acordo com a análise da acadêmica supracitada, a sociedade ateniense não era isonômica em relação ao gênero; pelo contrário, atribui aos homens um maior poder sobre os corpos femininos ligados a eles, seja por vínculos de sangue ou por vínculo legal.

Essa condição tanto jurídica quanto social não apenas limitava a mulher legítima a ter um protagonismo de sua própria vida, mas também restringia significativamente sua participação ativa na comunidade local, em contraste com a *vida pública* do homem

reconhecido como legítimo *cidadão* ateniense. Assim, trata-se de uma vida permanentemente sob *tutela*, que Chrystal explica da seguinte maneira:

A lei ateniense exigia que uma mulher estivesse sob o controle e proteção de um *kyrios* (tutor), que era responsável por sua segurança e bem-estar, atuando em seu nome em transações financeiras e litígios. Esse controle abarcava também qualquer dinheiro ou propriedade que a mulher pudesse possuir. Na infância, essa função era exercida pelo pai; ao se casar, a responsabilidade passava automaticamente para o marido (Chrystal, n.p., 2017, tradução nossa, *itálico do autor*).²

Esse entendimento e organização do papel feminino podem ser observados na literatura do período clássico ateniense, como nos discursos do orador *Lysias*, especialmente em *Sobre o assassinato de Eratóstenes*, e na obra *Econômico* do filósofo Jenofonte. No discurso de *Lysias*, Eufileto explica ao júri que, antes de matar o amante de sua esposa, flagrado em adultério, ele não foi negligente como marido. Sua defesa se baseia na argumentação de que cumpriu seu dever moral ao policiar e disciplinar sua esposa na vida doméstica (*Lys.*, I, 6, Wolpert). Por outro lado, em Jenofonte, no diálogo entre Sócrates e Critóbulo, é enfatizado que a mulher legítima deve ser orientada pela autoridade do marido para desempenhar seu papel da melhor forma na vida doméstica (*Jen.*, *Oec.*, III, 10-11).

Assim, embora a primeira passagem trate de um discurso contra a acusação de homicídio e a outra seja uma das conversas corriqueiras de Sócrates, ambas evocam a ideia de que a vida das mulheres legítimas estava voltada para o ambiente privado, ou seja, para a vida doméstica do *lar familiar grego* (οἶκος), com o homem como responsável legal e referência moral.

Dada a orientação da vida da mulher legítima voltada para o ambiente privado, é válido considerar, conforme MacLachlan (2012) e Villalonga (2019), que, diante da situação de vulnerabilidade social, essas mulheres, apesar de sua situação limitada, poderiam exercer algum grau de trabalho e atividade remunerada fora de suas casas, embora isso não fosse bem visto pela sociedade ateniense. Um dos casos de trabalho exterior ao lar grego que influenciou profundamente a filosofia, foi o ofício de parteira da mãe de Sócrates, o qual segundo o próprio filósofo serviu de base para o seu modo filosófico de abordagem de seus interlocutores (*Plat.*, *Theaet.*, 210c–d).³ No entanto, essas atividades econômicas não eram a

²“Athenian law required an Athenian woman to be under the control and protection of a *kyrios* or guardian; he was responsible for her safety and well-being, and acted for her in all financial transactions and litigation. This obviously included the control of any money or property that she might possess. As a child, her father would fulfil this role; on becoming a wife, her father would automatically pass the responsibility to her husband.”

³Sobre a filiação de Sócrates, cf., D.L., II, 18.

norma, mas exceções dentro do corpo social, indicando que a vida das mulheres era geralmente incompatível com o ambiente exterior ao lar. Para pensadores como Aristóteles, o homem e a mulher, unidos, deveriam colaborar para o bem-estar da família, com a mulher concentrada na esfera privada e o homem voltado para a vida pública (Arist., *Oec.*, I, 2–5).

Enquanto o trabalho fora de casa era considerado indigno, conforme apontam MacLachlan e Villalonga, a gestão doméstica era uma competência fundamental esperada de uma mulher legítima no contexto matrimonial. Martin (2013) destaca que, na esfera privada, o trabalho doméstico incluía a gestão de recursos humanos, o controle dos recursos e a supervisão da produção interna de subsistência do lar, além da produção de bens para venda externa. Assim, é incorreto supor que essas mulheres não possuíam conhecimento sobre as atividades diárias, apesar de seu acesso à *educação formal grega* (παιδεία) foi limitado dentro do contexto ateniense. No entanto, esse conhecimento empírico era valorizado, o que pode ser observado na fala de Eufileto ao descrever sua esposa antes do adultério, dizendo que “ela era a melhor de todas as esposas, **uma dona de casa habilidosa e econômica**, cuidando cuidadosamente de tudo” (Lys, I, 6, Wolpert, p. 22, tradução nossa, negrito nosso).⁴

Além da expectativa de um bom desempenho na vida doméstica, Villalonga (2019) destaca que as mulheres desempenhavam um papel fundamental na geração de *filhos legítimos* dentro de sua comunidade local. Estes filhos, ao atingirem a maioridade, estariam aptos a exercer plenamente a cidadania e participar ativamente da vida pública. No entanto, para que o fruto desse relacionamento fosse digno dos privilégios da sociedade grega da época, o casamento entre o homem grego ateniense e a mulher legítima deveria ser realizado de acordo com as normas vigentes. Diante disso, é importante compreender que tal casamento não deve ser comparado aos modelos europeus do século XIX, mas sim entendido, conforme Chrystal (2017), como um contrato entre famílias que possibilitava a mobilidade social e econômica dos envolvidos. Além disso, conforme Laes (2022), esses casamentos frequentemente ocorriam quando as mulheres atingiam a fase da adolescência, sendo seus os parceiros significativamente mais velhos.

Assim, dada a responsabilidade que a legislação e a sociedade ateniense impunham sobre os órgãos reprodutivos das mulheres gregas atenienses, elas eram obrigadas a ser fiéis aos seus cônjuges, enquanto seus maridos tinham a liberdade de não cumprir a mesma expectativa em relação às suas esposas. Como explica MacLachlan (2012, p. 69, tradução

⁴“She was the best of all wives. She was a skillful and thrifty housekeeper, carefully looking after everything.” (Trad. de Andrew Wolpert).

nossa): “os atenienses casados tinham acesso fácil a uma variedade de parceiros sexuais fora do casamento sem incorrer na acusação de adultério (a menos que se envolvessem com uma mulher casada) [...]”.⁵

Essa prática era comum na Grécia, mas o filósofo *meteco* Aristóteles a reprovava. Para Aristóteles (*Oec.*, I, 4), a união afetiva do homem casado com amantes poderia prejudicar a vida conjugal e desestabilizar o equilíbrio familiar. Esse pensamento sobre a administração da vida matrimonial contrasta com as práticas da vida privada de Alcibíades. Se Aristóteles levou em conta a vida de Alcibíades ao formular essa opinião ou não, é digno de nota que Plutarco identifica como uma das causas do quase consumado divórcio, solicitado por sua esposa, precisamente essa questão. Sobre isso o filósofo e historiador queroneense registrou que:

Hipparete era uma esposa decorosa e afetuosa, mas, angustiada pelo fato de seu marido se associar com **cortesãs** [ἐταίραις], tanto **nativas** [ἄσταῖς] quanto **estrangeiras** [ξέναις], **ela deixou sua casa** [οἰκίας] **e foi viver com seu irmão**. Alcibíades não se importou com isso e continuou com seu comportamento desregrado, e assim ela teve que solicitar o **divórcio** [ἀπολείψεως γράμμα] ao magistrado [ἄρχοντι], **não por intermédio de outrem, mas pessoalmente**. Quando ela apareceu publicamente para fazer isso, como a lei exigia, Alcibíades se aproximou, a agarrou e a levou de volta para casa através do mercado, sem que ninguém se atrevesse a se opor a ele ou a tirar ela dele. Ela viveu com ele até sua morte, **mas faleceu logo depois disso**, quando Alcibíades estava em uma viagem para Éfeso.

Tal violência [ἡ βία] **não era considerada ilícita** [παράνομος] **ou cruel** [ἀπάνθρωπος]. De fato, a lei [νόμος] prescreve que a esposa que deseja se separar do marido [ἀνδρὶ] deve ir ao tribunal pessoalmente, para que o marido tenha a chance de encontrá-la [συμβῆναι] e recuperá-la [κατασχεῖν] (Plut., *Alc.*, VIII, 3–5, tradução nossa, negrito nosso).⁶

Assim, pode-se concluir que a vida da mulher legítima na Atenas Clássica estava predominantemente restrita ao ambiente privado do lar, com suas experiências afetivas, como

⁵“Athenian married men had ready access to a variety of sexual partners outside marriage without incurring the charge of adultery (unless they engaged in sexual activity with a married woman) [...]”

⁶“Hipparete was a decorous and affectionate wife, but being distressed because her husband would consort with courtezans, native and foreign, she left his house and went to live with her brother. Alcibiades did not mind this, but continued his wanton ways, and so she had to put in her plea for divorce to the magistrate, and that not by proxy, but in her own person. On her appearing publicly to do this, as the law required, Alcibiades came up and seized her and carried her off home with him through the market place, no man daring to oppose him or take her from him. She lived with him, moreover, until her death, but she died shortly after this, when Alcibiades was on a voyage to Ephesus.”

Such violence as this was not thought lawless or cruel at all. Indeed, the law prescribes that the wife who would separate from her husband shall go to court in person, to this very end, it would seem, that the husband may have a chance to meet and gain possession of her.” (Trad. de Bernadotte Perrin).

esposa e mãe, e sua mobilidade social dependendo mais dos homens aos quais estava formalmente vinculada do que de sua própria vontade individual.

2.2 Dentro e fora do *oiko*: as *pallakes* e as *hetairas* na Atenas Clássica

Em Atenas, além das esposas legítimas, os homens atenienses frequentemente mantinham relações afetivas e sexuais com mulheres designadas como *cortesãs*, *prostitutas*, *concubinas* ou *meretrizes*. No entanto, apesar da utilização comum desses termos para se referir a figuras femininas como *pallakes* e *hetairas* tanto na literatura acadêmica antiga quanto contemporânea, autores como Kennedy (2014) e Villalonga (2019) argumentam que esses termos não conseguem capturar a diversidade dos papéis desempenhados por essas mulheres na cultura grega antiga, os quais diferem da expectativa simplista da troca sexual-financeira.

Baseada em fontes antigas, MacLachlan (2012) descreve a *pallake* como uma figura feminina de origens geográficas diversas, frequentemente envolvida em relações contratuais, formais ou informais, que se assemelhavam ao casamento grego tradicional, porém adaptadas às normas legais e sociais da época. Em contraste, Silver (2018) caracteriza a *hetaira* como uma figura feminina autônoma, não subordinada à autoridade masculina nem obrigada a fornecer serviços sexuais, com liberdade para interagir com diversos homens e se engajar em variadas atividades profissionais. Assim, os papéis das *pallakes* e *hetairas* diferiam significativamente no contexto da vida privada do lar ateniense e nas relações de subordinação ao homem grego. Embora essas condições distintas se mantivessem, observa-se, segundo Diôgenes Laértios, que a *hetaira* epicurista Leôntion tornou-se *pallake* de Metrôdoros (X, 23), sugerindo a possibilidade de transição entre essas condições no contexto do epicurismo primitivo.

Do ponto de vista econômico do *oiko*, Silver (2018) destaca a complexidade da posição social da *pallake*, apontando que ela podia legalmente usufruir dos benefícios da relação com seu parceiro e contribuir para o sustento doméstico, ainda que o homem permanecesse como *kyrios*. Por outro lado, algumas *hetairas*, segundo autores influenciados pela *Nova Comédia* e pela *Nova Sofística*, desfrutavam de melhores condições econômicas fora do *oikos* devido às suas relações com homens na vida urbana. Em diálogos de *Lucian* (*Dial. meret.*, VI, VII), nota-se que *hetairas* eram orientadas a se associar a amantes com boas

condições financeiras. Em *Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XVI), a hetaira epicurista Leôntion informa sua amiga Lâmia que ela recebeu inúmeros presentes de seu amante Timarco, enquanto *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 60) relata que Friné, uma hetaira, ofereceu-se como contribuinte para reparos das muralhas de uma cidade grega destruída pela guerra. No entanto, Kennedy (2014) e Silver (2018) tensionam essas representações, pois algumas mulheres poderiam exercer atividades não sexuais na vida urbana ateniense.

Comparando as esposas legítimas, as *pallakes* e hetairas, observa-se que estas últimas eram frequentemente elogiadas por suas qualidades e virtudes além das domésticas. Na Antiguidade, Friné evitou a pena de morte por impiedade graças à perfeição de sua beleza física, um recurso utilizado por seu *advogado* (Athen., *Deipno.*, XIII, 59). Por meio de *Athenaeus* (VIII, 13) e *Polybious*⁷ (*Hist.*, XII, 13,1) sabe-se que a hetaira Filenis de Samos foi uma escritora erótica notável. No âmbito do epicurismo, o filósofo neoplatônico Plutarco de Queroneia descreveu que “mulheres jovens e atraentes, como Leôntion, Boícion, Hedeia e Nicidion, que circulavam pelo Jardim [de Epicuro]” (*No posse*, 1096 d-e, tradução nossa).⁸ Por fim, para a hetaira Leôntion, por exemplo, é creditado um epigrama:

ANÔNIMO: Eu, O lápis, era prateado quando saí do fogo, mas em tuas mãos tornei-me igualmente dourado. Assim, encantadora Leôntion, Atenas te concedeu supremacia na arte, e Afrodite, supremacia na beleza” (*AG*, XVI, 324, Paton, p. 353, tradução nossa).⁹

Apesar da valorização dos papéis desempenhados por *hetairas* e *pallakes*, ambas permaneciam figuras vulneráveis em termos sociais e econômicos. Villalonga (2019) e Berti (2015) destacam que a hetaira estava vulnerável a violência na sociedade grega, enquanto Silver (2018) nota que, embora as *pallakes* pudessem gozar de uma aparente segurança dentro do *oikos*, corriam o risco de perder seu *status* de quase-esposa se o contrato fosse unilateralmente alterado pelo parceiro. Isso evidencia que, apesar de existirem em esferas distintas, as mulheres na sociedade grega enfrentavam situações que colocavam suas existências e dignidade em risco, as quais não tinha possibilidade de controlar ou prever.

⁷Refere-se aqui a Políbio, o historiador.

⁸“mujeres jóvenes y atractivas, como Leontion, Boídion, Hedía y Nicidion, que campeaban por el Jardín”. (Trad. Juan F. M. Montiel).

⁹“ANONYMOUS: I, THE pencil, was silver when I came from the fire, but in thy hands I have become golden likewise. So, charming Leontion, hath Athena well gifted thee with supremacy in art, and Cypris with supremacy in beauty.” (Trad. de William Roger Paton).

Os filhos dessas uniões também enfrentavam desafios na pólis ateniense. MacLachlan (2012) explica que, em casos de concubinato entre cidadãos, os descendentes podiam gozar de alguns direitos políticos e civis na comunidade local. Entretanto, Silver (2018) aponta que, do ponto de vista legal, esses filhos não tinham direitos sucessórios sobre os bens da família paterna. Assim, a vida desses descendentes era marcada por limitações análogas às de suas genitoras, que, apesar de algumas delas terem reconhecimento social, não desfrutavam de plena integração na sociedade ateniense clássica, dependendo de sua condição.

Similarmente, Kapparis (2018) observa que a legislação clássica impedia que os filhos das hetairas tivessem os mesmos direitos e deveres dos filhos legítimos oriundos de uniões formalmente reconhecidas. Esses descendentes, distantes do *oikos* e dos *demos*, eram excluídos da vida pública e não eram considerados aptos para participar dos interesses de sua comunidade. Por fim, é válido destacar que, *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 64) relata, contudo, que a filha de uma das hetairas epicuristas da primeira geração seguiu as artes de sua mãe.

Conclui-se que, no contexto da sociedade grega antiga, as figuras das *hetairas* e *pallakes* desempenhavam um papel significativo na estrutura socioeconômica e afetiva da Atenas Clássica. Embora essas mulheres ocupassem papéis importantes em seus respectivos espaços, suas existências, assim como as de suas descendências, precisavam se adaptar a uma cidade-estado que priorizava os interesses e prerrogativas de um grupo restrito de homens, especialmente no que dizia respeito à legislação sobre os corpos, à propriedade privada e à preservação da antiga identidade ateniense.

2. 3 O encontro da hetairas com os filósofos e a filosofia em Atenas

Embora pouco discutidas na literatura acadêmica de língua portuguesa como sujeitos epistêmicos, Villalonga (2019) destaca que as hetairas desempenharam um papel significativo no envolvimento com os filósofos e a filosofia, em grande parte devido à sua alienação em relação à vida privada do *oikos*. Assim, pode-se compreender que essas mulheres poderiam ter experienciado uma existência relativamente equilibrada do ponto de vista do protagonismo masculino da polis ateniense do Período Clássico.

Dado que as hetairas estavam envolvidas com a filosofia, surge a questão de se é possível afirmar com segurança que essas mulheres eram de fato hetairas e qual era a natureza de suas relações com os filósofos e seus próprios pensamentos, considerados como filosóficos. Esse questionamento é pertinente, pois, para Plutarco (*Non posse*, 1098b,

1096d-e; *Lat. Viv.*, 1129b) e Timócrates, citado por Diôgenes Laértios (X, 7), os primeiros epicuristas abrigavam hetairas em sua propriedade particular em Atenas. Além disso, autores como Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93) e Boccaccio (*De mulier.*, cap. LVIII) atribuíram uma hetaira epicurista da primeira geração do Jardim um certo protagonismo intelectual em suas obras.

Na busca por hetairas no contexto intelectual e filosófico, três figuras femininas se destacam na biografia de Sócrates: Diótima de Mantineia, Aspásia de Mileto e Teodota. Essas mulheres são genuinamente reconhecidas pela tradição filosófica como interlocutoras importantes, não apenas por terem sido questionadas pelo filósofo, narrado como injustamente julgado e condenado por seus compatriotas, mas também por terem gerado tensões em seus diálogos com ele e, em alguns casos, influenciado sua própria filosofia.

Começando pela obra *O Banquete* (ou *O Simpósio*), observa-se que Sócrates, em seu discurso, evoca pela primeira e única vez a presença de uma mulher que ficou conhecida pela tradição filosófica ocidental como Diótima de Mantinéia. Rodeado de interlocutores masculinos de grande renome da época, o ateniense afirma expressamente de quem compreendeu sobre a natureza do amor em suas vivências, ao dizer:

Gostaria de narrar uma história sobre o **amor** que ouvi de Diótima de Mantinéia [...], uma **mulher sábia** neste e em muitos outros tipos de conhecimento, que, nos tempos antigos, quando os atenienses ofereceram sacrifícios antes da chegada da peste, retardou a doença por dez anos. **Ela foi minha instrutora na arte do amor, e repetirei a vocês o que ela me disse**, começando pelas concessões feitas por Agatão, que são quase, senão exatamente, as mesmas que fiz à **sábia mulher** quando **ela me questionou**” (Plat., *Symp.*, 201 d-e, tradução nossa, negrito nosso).¹⁰

Sem questionar a existência ou inexistência de Diótima como sujeito histórico nessa pesquisa, observa-se que tanto Santos e Lima (2019) quanto Taylor (2003) concordam que a concepção de amor apresentada por Sócrates, atribuída a Diótima de Mantinéia, tem uma natureza que pode ser considerada filosófica. No entanto, ambos os autores divergem quanto à sua posição social. Para Santos e Lima, Diótima se encaixa na categoria de hetaira, entendida como uma mulher livre da vida doméstica e com mobilidade entre os homens na esfera pública. Por outro lado, Taylor argumenta que não há evidências além do *costume* para comprovar essa classificação. Assim, não há consenso de que Diótima tenha sido uma hetaira

¹⁰“I would rehearse a tale of love which I heard from Diotima of Mantinea [...], a woman wise in this and in many other kinds of knowledge, who in the days of old, when the Athenians offered sacrifice before the coming of the plague, delayed the disease ten years. She was my instructress in the art of love, and I shall repeat to you what she said to me, beginning with the admissions made by Agathon, which are nearly if not quite the same which I made to the wise woman when she questioned me.” (Trad. de Benjamin Jowett).

sem ressalvas, embora não se possa negar que ela seja reconhecida como uma mulher influente em sua época.

Essa visão pode ser corroborada por sua presença na literatura antiga, fora do contexto platônico, que associa seu nome ao filósofo ateniense Sócrates. Por exemplo, em *Lucian*, Diotima é mencionada em uma lista junto com outras três mulheres famosas da Antiguidade: Aspásia (companheira de Péricles), Teano (esposa ou filha de Pitágoras) e Safo (grande poetisa da ilha de Lesbos). Quando chega sua vez, a passagem afirma: “Diotima será representada tanto por sua **sabedoria** e **sagacidade** quanto pelas qualidades pelas quais Sócrates a elogiou. O retrato está completo. Que seja pendurado.” (Luc., *Pr. Im.*, §18, tradução nossa, negrito nosso).¹¹

Além de Diotima de Mantinéia, autores antigos como Plutarco (*Per.*, XXIV, 5,7) e *Athenaeus* (*Deipno.*, V, 61) indicam que Aspásia de Mileto cativou a atenção e exerceu influência sobre Sócrates. Esse envolvimento pode ser constatado nas obras antigas de discípulos que tiveram contato com a vida do filósofo ateniense. Por exemplo, em *Platón* (*Men.*, 235e) e *Jenofonte* (*Oec.*, III, 14), onde o filósofo ateniense destaca o conteúdo adquirido de suas trocas epistêmicas com Aspásia. Assim, observa-se que o filósofo não negou essa influência em vida; pelo contrário, ele até compartilhou o pensamento dela entre os seus pares e interlocutores.

Diante da influência de Aspásia de Mileto sobre Sócrates, Kennedy (2014) sugere que a forma como Aspásia é representada tanto por Platão quanto por *Jenofonte* pode ser influenciada por certos preconceitos. Para a autora, em *Jenofonte*, essa representação poderia estar associada à arte sofística, enquanto em *Jenofonte*, ela pode refletir uma idealização política típica da filosofia platônica. Assim, embora Aspásia seja um sujeito histórico cuja existência é reconhecida por inúmeras fontes antigas, seu envolvimento com a prática filosófica ainda é objeto de debate, levantando dúvidas sobre até que ponto sua influência epistêmica pode ser afirmada com segurança dada a qualidade das fontes masculinas.

Além disso, embora autores antigos como *Athenaeus* (*Deipno.*, XII, 45) e Plutarco (*Per.*, XXIV, 3) classifiquem Aspásia como uma hetaira, é importante destacar que pesquisas contemporâneas questionam essa interpretação. Para Berquó (2016), essa percepção sobre a condição pode ser uma narrativa construída para atacar sua honra enquanto uma pensadora que intervia ativamente em uma comunidade que não propiciava o protagonismo feminino.

¹¹“Diotima shall be represented as well by her wisdom and sagacity, as by the qualities for which Socrates commended her. The portrait is complete. Let it be hung.” (Trad. de H. W. Fowler e F. G. Fowler).

Assim, a condição de Aspásia como uma hetaira que criou seu próprio espaço individual em meio à democracia ateniense pode ser inconsistente, em parte, mas não em sua totalidade.

Por fim, através de *Jenofonte*, sabe-se que Sócrates entrou em contato com uma mulher famosa e reconhecida como hetaira, Teodota. No diálogo entre eles, conforme os relatos de *Jenofonte* (*Mem.*, III, 11, 1–18), Sócrates e a bela mulher envolvem-se em uma conversa calorosa sobre a arte de seduzir o amado e as estratégias para cativá-lo, considerando a vulnerabilidade socioeconômica do amante. Nessa interação, a interlocutora busca aprender, em vez de assumir um protagonismo feminino diante do filósofo, enquanto Sócrates adota a postura passiva de um ignorante ocupado, o que intensifica o desejo de conhecimento de sua interlocutora.

Para Villalonga (2019), o diálogo entre Sócrates e Teodota não é caracterizado por uma comunicação unilateral ou hierárquica, mas por uma troca dinâmica, em que ambos aplicam suas habilidades refinadas de pensamento e comportamento reciprocamente. No entanto, apesar de sua astúcia, observa-se que o nome de Teodota não parece estar posteriormente vinculado à filosofia, exceto em contextos polêmicos relacionados à sua interação com Sócrates, preservada por *Jenofonte*. Isso pode ser verificado nos discursos de *Athenaeus* sobre a vida dessa figura feminina em *Deipnosophistae* (V, 63; XIII, 54)

Embora se acredite que Diotima de Mantinéia tenha exercido alguma influência sobre o pensamento socrático, não há evidências de que essas mulheres tenham se envolvido afetivamente com Sócrates, já que seus nomes não aparecem entre as mulheres mencionadas na biografia do filósofo por Diôgenes Laértios (*II*, 18–47). Por outro lado, nos casos específicos de Aspásia e Teodota, ambas estão associadas a outras figuras históricas masculinas relevantes dentro do contexto grego clássico. Aspásia é frequentemente mencionada por Plutarco (*Per.*, XXIV, 7) e *Athenaeus* (*Deipno.*, XII, 45; XIII, 56) devido ao seu relacionamento profundo com Péricles. Por fim, *Athenaeus* (*Deipno.*, XII, 48; XIII, 34) destaca que Teodota tinha o privilégio de se relacionar com o grande estrategista Alcibíades.

Além do *Grande Pai da Filosofia Ocidental* estar associado a três mulheres frequentemente consideradas *hetairas*, ou, em alguns casos, negadas como tais, é importante destacar que Platão e Aristóteles também foram relacionados a envolvimento com mulheres dessas condições, conforme apontado por autores antigos. No caso de Platão, tanto Diôgenes Laértios (*III*, 31) quanto *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 56) mencionam um envolvimento afetivo do filósofo com uma mulher de Cólofon chamada Arqueânassa, apontando que ele teria

escrito um pequeno texto poético em sua homenagem. No caso de Aristóteles, sabe-se, através de Diôgenes Laértios (*V*, 1, 12) e *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 56), que o filósofo não apenas teve filhos com Hérpiles de Estagira em vida, mas também destinou recursos póstumos com a finalidade de assegurar sua existência.

Diante das informações sobre a presença de hetairas na vida de filósofos, é importante notar que Ludwig (1963) questiona se Platão realmente escreveu epigramas eróticos atribuídos a ele. Ludwig aponta que o estilo literário é anacrônico e sugere que a atribuição pode ser resultado de uma distorção na tradição textual. Além disso, pouco se sabe sobre Arqueânassa além das fontes que mencionam seu nome. Por fim, é importante destacar que o epigrama atribuído ao filósofo ateniense enfatiza aspectos físicos, mas não reflete características filosóficas ou qualidades intelectuais atribuídas a ela. Como pode ser observado em Diôgenes Laértios:

Possuo Arqueânassa, cortesã de Cólofon; até em suas rugas pouso o amor picante.
Ah! Infelizes que colhestes a flor de sua primeira viagem, por que chamais passastes!
(D.L., *III*, 31, tradução de Mário da Gama Cury).

Ou, em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 56, tradução nossa):

Minha amante é a bela Arqueânassa
De Colofão, uma donzela em quem o Amor
Reside de forma irresistível até nas suas rugas.
Desgraçados são aqueles, que na flor da juventude,
Quando ela primeiro veio através do mar, a encontraram;
Eles devem ter sido completamente consumidos.¹²

No caso de Aristóteles, é importante observar as variações nas fontes sobre a condição de sua companheira. Diôgenes Laértios (*V*, 1, 12) descreve Hérpiles como *pallake*, enquanto *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 56) a denomina como hetaira. Apesar das diferenças nas descrições, autores contemporâneos consagrados, como Kapparis (2018), tendem a dar mais crédito à versão que interpreta o relacionamento entre Aristóteles e Hérpiles como um regime de concubinato. Embora Hérpiles tivesse uma relação positiva com Aristóteles, como indicado por Diôgenes Laértios (*V*, 1, 12) e *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 56), ela não é retratada

¹²“My mistress is the fair Archaeonassa
From Colophon, a damsel in whom Love
Sits on her very wrinkles irresistible.
Wretched are those, whom in the flower of youth,
When first she came across the sea, she met;
They must have been entirely consumed.” (Trad. de C. D. Yonge).

como uma figura epistêmica, mas apenas como uma mulher que compartilhou parte de sua existência com um filósofo notável.

Dessa forma, pode-se observar que as vidas das mulheres rotuladas como hetairas se entrelaçaram frequentemente com as dos filósofos amplamente reconhecidos pela tradição filosófica ocidental, seja por razões supostamente epistêmicas, socioeconômicas ou afetivas. O contato com hetairas, reais ou imaginárias, não é, portanto, uma característica exclusiva dos epicuristas da primeira geração do Jardim de Epicuro. Afinal, esse fenômeno não se limitou ao epicurismo primitivo, pois Diôgenes Laértios (*IV*, 40) relata em sua obra que o acadêmico Arcesilau se relacionou, sem receio, com duas hetairas publicamente.

A atribuição de uma relação entre hetairas e a vida filosófica, seja ela verdadeira ou não, continua sendo um discurso em aberto na literatura acadêmica atual. No entanto, Kapparis (2018) compreende que a representação das hetairas na literatura da *Nova Comédia* e na *Segunda Sofística* sublinha seu papel crucial como figuras econômicas e culturais, refletindo sua profunda integração nas dinâmicas da sociedade ateniense ainda hegemônica. Nessa revisão do passado, observa-se que as *hetairas*, em suas representações, buscavam prevalecer sobre seus pares filosóficos de acordo com seus interesses particulares, como evidenciado na carta de Taís ao seu amante Eutidemo. Na carta, a hetaira argumenta:

Suponha que um professor seja diferente de uma cortesã?

Apenas até certo ponto, no que diz respeito aos **nossos métodos de persuasão**; o objetivo que ambos propomos a nós mesmos é o mesmo — **dinheiro**. Mas quão melhores e mais religiosos somos nós! Nós não negamos a existência dos deuses; acreditamos nos juramentos de fidelidade de nossos amantes. Longe de permitir que os homens tenham relações com suas irmãs ou mães, nós os proibimos de se envolverem com a esposa de outro homem. Talvez não saibamos sobre a origem das nuvens e a natureza dos átomos, mas, apesar disso, somos tão bons quanto os seus professores. **Falei com muitos deles e passei horas em sua companhia**. Ninguém na companhia de uma cortesã sonha com tirania ou incita facções no governo: não, ele toma um copo de vinho puro no café da manhã e fica na cama até as nove ou dez da manhã. **Quanto a ensinar os jovens, fazemos isso tão bem quanto eles. Compare uma cortesã como Aspásia com um sofista como Sócrates e considere quem produziu os melhores alunos: a mulher treinou Péricles [o estrategista], o homem, Crítias [o tirano]**. Meu querido Eutidemo, deixe de lado essa tolice desagradável — olhos como os seus nunca deveriam parecer severos — e venha para sua fiel amante como costumava vir do Liceu, enxugando o suor da testa (Alciphron, II, §II, *Epist.* II, VI, tradução nossa, negrito nosso).¹³

¹³ “Do you suppose that a professor is any different from a courtesan?”

Only so far anyhow as regards, our methods of persuasion; the end that we both propose to ourselves is the same — money. But how much better and more religious are we! We do not deny the existence of the gods; we believe our lovers’ oaths of fidelity. So far from allowing men to have intercourse with their sisters, or mothers, we prohibit them another man’s wife. Perhaps we do not know about the origin of clouds and the nature of atoms, but for all that we are just as good as your professors. I have talked to many of them and spent hours with them. No one in a courtesan’s company dreams of tyranny or stirs up faction in the commonwealth: no, he takes a pint

Portanto, pode-se compreender que as hetairas, ou melhor, as mulheres chamadas de hetairas, desempenharam um papel significativo tanto como sujeitos de conhecimento quanto na vivência social, antes e depois da chegada dos primeiros epicuristas à Ática. Isso explica, por exemplo, por que, em *Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XIX) Glicera não apenas gostaria de consultar os conselhos de Epicuro, mas também buscava os do filósofo peripatético Teofrasto em relação à viagem do poeta cômico, seu amado, Menandro para o Egito. Assim, resta saber como essa narrativa surgiu no epicurismo e como se relaciona com o epicurismo, bem como quais são suas implicações para a compreensão da própria filosofia e comunidade epicurista primitiva.

of neat wine for his breakfast and stays in bed till nine or ten o'clock. As for teaching young men, we do that quite as well as they. Compare a courtesan like Aspasia with a sophist like. Socrates, and consider which produced the better pupils: the woman trained Pericles, the man Critias. My own love, Euthydemus, put aside this displeasing folly — such eyes as yours should never look stern — and come to your faithful mistress as you used to come from the Lyceum, wiping the sweat off your brow.” (Trad. de F. A. Wright).

3. DE FORA DO JARDIM: AS HETAIRAS DENTRO DE UMA TRADIÇÃO ANTI-EPICURISTA

Ao investigar a origem da narrativa que associa, em sua maioria, as mulheres que frequentavam o Jardim de Epicuro a hetairas (ἑταίρα), é fundamental destacar que tanto Gordon (2012) quanto Arenson (2023) concordam que essa caracterização emergiu no próprio epicurismo, durante a primeira geração, no contexto de um conflito entre Timócrates de Lâmpsaco e sua antiga escola. Ambas as autoras indicam, de maneira clara, que, na obra *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, especialmente no Livro X¹⁴, onde Diôgenes Laértios resume as principais acusações dirigidas contra Epicuro, se evidencia que as primeiras menções de mulheres hetairas associadas ao epicurismo primitivo surgem precisamente nesse contexto de dissidência interna, envolvendo o ex-discípulo e sua antiga escola. Afinal, conforme relatado por Diôgenes Laértios, ao abandonar a doutrina epicurista, Timócrates voltou-se contra seus antigos pares, denunciando, por via literária, a vida depravada e imoral do grande mestre epicurista, enfatizando sua convivência diária com hetairas em sua propriedade em Atenas (X, 6–7).

Diante dessa atmosfera de hostilidades, que tem início, curiosamente no âmago do próprio epicurismo primitivo, é digno de nota que, embora Diôgenes Laértios afirme, no mesmo livro, que as gerações posteriores preservaram o corpo doutrinário e a estrutura organizacional da primeira geração bravamente diante das vicissitudes (X, 9). No entanto, isso não significa necessariamente que, em sua gênese e consolidação, a doutrina epicurista tenha sido aceita de modo ortodoxo por todos os seus primeiros membros sem que houvesse ruídos na comunicação e na interpretação particular de pontos doutrinários nas comunidades epicuristas pela Ásia Menor. Pelo contrário, os estudos recentes de Heßler (2023) revelam que a primeira geração epicurista apresentava divergências em vários aspectos doutrinários, os quais precisaram ser corrigidos e alinhados por Epicuro. Assim, embora Timócrates de Lâmpsaco tenha sido o mais conhecido, ou melhor, *o mais mal-falado* dos dissidentes, graças

¹⁴Diôgenes Laértios explora a vida e a doutrina de Epicuro no Livro X de *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*.

ao recorte biográfico feito por Diôgenes Laértios no *Livro X* (6–7), ele não foi o único a entrar em conflito na interioridade do Jardim durante a primeira geração da escola epicurista.

Entre os primeiros epicuristas que manifestaram pensamentos heterodoxos dentro do círculo interno do Jardim, destaca-se o jovem Pítocles de Lâmpsaco. Estudos recentes, baseados na revitalização dos papiros de Filodemo de Gadara¹⁵, revelam que Pítocles não professou a crença nos deuses conforme esperado e corrompeu o discípulo Leônteu¹⁶ com seu posicionamento heterodoxo, gerando um mal-estar interno administrado pelo próprio mestre epicurista por meio de repreensões e explicações doutrinárias claras (Philod., *Lib.*, fr. 6, Konstan *et al*). Além desse episódio, o nome de Pítocles ressurge em outro contexto de descompasso com a doutrina epicurista, desta vez nas cartas do filósofo estoico Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.). Em uma das *Carta a Lucílio*, Sêneca preservou uma passagem contundente, na qual o grande mestre epicurista exorta o discípulo Idomeneu¹⁷: “*Se quiseres — disse Epicuro — enriquecer Pítocles, não aumentes o seu património, diminui antes os seus desejos*” (Sen., *Epist. ad Luc.*, XXI, 7–8, trad. de J. A. Segurado e Campos, itálico do tradutor).

Embora o jovem Pítocles tenha causado uma relativa *dor de cabeça* ao mestre Epicuro durante sua formação intelectual e espiritual, Filodemo de Gadara, em outro *Papiro de Herculano*¹⁸, o retrata como um discípulo que conseguiu viver uma *boa vida*, desfrutando de sua juventude, ao contrário daqueles que buscavam prolongar a vida sem a filosofia (Philod., *De mort.*, 12.2–13.3, Henry). Trata-se de uma *fonte confiável* do ponto de vista da tradição epicurista antiga que dar suporte ao entendimento de que o jovem destinatário da carta epicurista sobre meteorologia e fenômenos celestes conseguiu superar paulatinamente seus conflitos internos e sua tendência à *heterodoxia*, consolidando-se como um discípulo exemplar e bem-sucedido entre seus pares.

Esse progresso é confirmado pelo furor do filósofo médio-platônico Plutarco de Queroneia (46 – 120 d.C.), que escreveu fervorosamente contra Colotes de Lâmpsaco¹⁹, um discípulo epicurista da primeira geração, apontando:

¹⁵Filodemo de Gadara (110–35 a.C.) foi um filósofo e poeta epicurista que floresceu na Península Itálica durante a transição da República Romana para o Império Romano. Seus escritos foram descobertos nas ruínas da antiga cidade de Herculano, atualmente localizada na Itália.

¹⁶Leônteu de Lâmpsaco (fl. III a.C.) foi um filósofo epicurista proeminente entre seus pares no núcleo epicurista lampsaqueano, o qual teve também relacionamento conjugal com Temista, conforme relata Diôgenes Laértios (X, 25–26).

¹⁷Idomeneu de Lâmpsaco (fl. III a.C.) foi um próspero discípulo do núcleo epicurista lampsaqueano, sendo que de acordo com Diôgenes Laértios (X, 23) era casado com Batis de Lâmpsaco, irmã de Metrôdoros de Lâmpsaco, o Jovem.

¹⁸Refere-se aqui ao conjunto papirológico encontrado nas ruínas da cidade Herculano, em Herculano, Itália.

¹⁹Colotes de Lâmpsaco (fl. III) foi um filósofo epicurista lampsaqueano famoso por suas obras polêmicas.

[...] que inspira audácia nos jovens é quem imprudente quem escreve de Pítocles, quando ainda não completou dezoito anos, que não há natureza em toda a Grécia melhor que a dele, e que sua capacidade de expressão é verdadeiramente prodigiosa [...] (Plut., *Adv. Col.* 1124c, tradução nossa).²⁰

Diferentemente do jovem Pítocles, que inicialmente teve conflitos com alguns princípios doutrinários, mas logo se ajustou a eles com *fidelidade epicurista*, tornando-se um de seus adeptos na cidade portuária de Lâmpsaco²¹, no *Helesponto*²², o estudo papirológico recente de Angeli (2016) aponta que Timócrates tornou-se um proeminente polemista após se retirar, de forma definitiva e não educada, da vivência entre os seus pares lampasaquenos, por razões ainda em debate.

Compartilhando uma interpretação próxima à de Angeli sobre o impacto notável do irmão de Metrôdoros e Batis de Lâmpsaco em relação ao epicurismo primitivo, Sedley (1976a) não apenas responsabiliza Timócrates pela nova semântica do conceito de prazer epicurista, mas também sugere que ele serviu como inspiração para autores como Plutarco, Cícero, *Athenaeus* de Náucratis e *Alciphron*. Isso sugere, em outras palavras, que Timócrates pode ter exercido um impacto negativo significativamente maior do que se pode inferir à primeira vista, considerando sua breve menção na biografia de Epicuro por Diôgenes Laértios, onde é descrito apenas como “um homem estorvado” (*X*, 23, trad. de Mário da Gama Kury). Ou até mesmo, em Filodemo de Gadara, onde o ex-discípulo lampsaqueano aparece esporadicamente nos fragmentos, ora como um agressor covarde de seu irmão Mentorides (Philod., *Ir.*, col. XII, 26–30, Armstrong, McOskey), ora como alguém movido por sentimentos ambivalentes em relação a um de seus irmãos (Philod., *Lib.*, col. XXb 3–6, Konstan *et al*).

Se Timócrates realmente exerceu uma influência significativa na tradição filosófico-literária antiga, em detrimento do epicurismo, como sugerem Angeli e Sedley, é uma questão relevante e complexa do ponto de vista histórico-filosófico. No entanto, essa questão extrapola o escopo desta pesquisa. O objetivo aqui não é aprofundar essa discussão, mas sim apresentar essa possibilidade teórica como uma perspectiva existente na literatura internacional sobre o epicurismo da primeira geração. O que se pretende destacar, no entanto, é a qualidade da narrativa timocratiana em comparação com as narrativas anti-epicuristas

²⁰ “[...] que infunde en los jóvenes audacia y temeridad es quien escribe de Pítocles, cuando aún éste no tiene dieciocho años, que no hay en toda Grecia naturaleza mejor que la suya, y que su capacidad de expresión es realmente prodigiosa [...]” (Trad. de Juan F. M. Montiel).

²¹ A antiga cidade Lâmpsaco ficava localizada em uma região ao noroeste da Ásia Menor, hoje território turco.

²² Refere-se ao estreito de Dardanelos, Turquia.

presentes no período de escrita e compilação da *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, de Diôgenes Laêrtios, no século III d. C.

Tanto Sedley (1976a) quanto Roskam (2007) observam que o ponto forte da narrativa timocratiana é a perspectiva de profundidade e o uso indevido da vida privada da comunidade epicurista primitiva. Essa sofisticação é evidente, pois todas as narrativas presentes em Diôgenes Laêrtios, no *Livro X*, nas seções 3–6, partem de uma perspectiva externa ao próprio Jardim de Epicuro, tanto temporal quanto doutrinariamente. Nas seções 3–6, encontram-se diversas figuras masculinas, incluindo o cético Tímon de Fliunte (c. 320 – c. 235 a.C.), numerosos estoicos como Crisipo de Solis (c. 280 – c. 204 a.C.), Diotimo o Estoico (fl. I a.C.), Posidônio de Apaméia (c. 135 – c. 51 a.C.), dois peripatéticos, Sotion de Alexandria (fl. III – II a.C.) e Nicolau de Damasco (c. 64 a.C. – 3 d.C.), e o historiador Dionísio de Halicarnasso (fl. c. 60 – 7 a.C.).

Assim, entre os opositores mencionados na seção, Timócrates de Lâmpsaco é o único sujeito histórico contemporâneo de Epicuro mencionado na lista de Diôgenes Laêrtios (*X*, 3–6), exceto por Tímon de Fliunte (*X*, 3), que, embora tenha sido contemporâneo de Epicuro, não foi seu discípulo como lamsaqueano²³, mas sim um crítico cético. Dessa forma, nota-se que, nas seções 3–6, o pensamento aglutinante do doxógrafo grego começa com a contemporaneidade do Jardim (Tímon) e se conclui na contemporaneidade do epicurismo primitivo (Timócrates). Ou seja, trata-se de uma apresentação racional e panorâmica de perspectivas hostis que vêm de *fora* para *dentro* dos muros da propriedade epicurista ateniense; e, em uma dimensão cronológica que, ao retornar ao epicurismo primitivo, destaca Timócrates como aquele que simbolicamente abriu as portas do Jardim por meio de sua obra intitulada “Delícias [Εὐφραντοῖς]” (D.L., *X*, 6, trad. de Mário da Gama Kury).

Esse destaque especial à narrativa de Timócrates parece ser compreendido ao remover-se o *cetiro acusatório* presente na tradição acadêmica de língua portuguesa, que, por adotar uma *apologética dogmática* a Epicuro e ao epicurismo majoritariamente, frequentemente rotula e resume, de modo repetitivo e sistemático a cada publicação, Timócrates como apenas um *dissidente*, *opositor*, *detrator* ou até mesmo *apóstata*, sempre associado a uma pesada atmosfera de hostilidades, especialmente após sua ruptura com a comunidade epicurista. No entanto, seria considerado um equívoco desta pesquisa reduzi-lo

²³Não é consenso entre os acadêmicos que o Heródoto mencionado em D.L., *X* (3) seja a mesma pessoa que o Heródoto citado em D.L., *X*, 29. Cf. Diôgenes Laêrtios. *Vida de Epicuro, Livro X de Vidas de Filósofos Ilustres*. Tradução: Antoni Piqué Angordans. (Barcelona, 1981). p. 53.

unicamente à produção de calúnias dentro do contexto do epicurismo primitivo, pois tanto Angeli (2016) quanto Parente (1974) sinalizam a existência de uma versão timocratiana favorável ao epicurismo primitivo.

Assim, ignora-se aqui que, nas margens do Helesponto, Timócrates conheceu um filósofo ateniense experiente vindo de Melitene, que curiosamente nasceu em Samos, trazendo consigo uma filosofia que prometia uma *felicidade* (εὐδαιμονία), restrita a um único mundo e a uma única vida, com *ausência de dor corporal* (ἀπνοία) e *tranquilidade da alma* (ἀταραξία) dentro dos limites da temporalidade humana. Essa filosofia prática, que se mescla com a existência, sendo construída individualmente, mas partilhada em comunidade, floresceu na antiga Lâmpsaco. Sobre esse tempo, em outro fragmento encontrado, Filodemo registrou a seguinte memória:

[...] **Timócrates**: «Vendo como eu <organ>izei as coisas, **ajude também eles**, e não só por causa do seu vínculo com eles, mas também por causa da boa conduta deles, para que sempre tenham todo o auxílio apropriado para <não faltarem de nada>»... (Filod., *Prag.*, col. XII, Diano, p.7 *apud* Parente, 1974, p.133, tradução nossa, negrito nosso).²⁴

Embora não seja uma descoberta recente, esse dado papirológico sugere que Timócrates praticou positivamente os princípios epicuristas, assim como seu irmão Metrôdoros de Lâmpsaco e seu cunhado Idomeneu de Lâmpsaco²⁵, ambos adeptos do epicurismo em sua gênese. Nesse sentido, concorda-se com Sedley (1976a, p.131, tradução nossa) ao afirmar que “[...] Timócrates empreendeu uma campanha solitária contra Epicuro e Metrôdoros, aproveitando sua posição especial como ex-membro da escola.”²⁶

Levando esse ponto em consideração, é importante esclarecer que a obra literária de Timócrates de Lâmpsaco não chegou até os dias de hoje. No entanto, por meio de Diôgenes Laértios, pode se conhecer um resumo parcial e unilateral da obra polêmica atribuída ao ex-discípulo lampaqueano, sobre a qual o doxógrafo grego relata que:

Timocrates, irmão de Metrôdoros e discípulo de Epicuros [*sic*], após abandonar a escola, numa obra intitulada *Delícias* afirma que Epicuros era tão afeito à vida dissoluta que vomitava duas vezes por dia, acrescentando que ele mesmo somente a

²⁴“[...] Timocrate: «vedendo come io ho <siste>mato le cose , aiuta anche loro, e non solo per il tuo legame con loro, ma anche per la loro buona condotta, si che abbiano sempre tutto l’aiuto conveniente per <non mancare di nulla>»....”

²⁵Cf. D. L., X, 23.

²⁶“[...] that Timocrates waged a one-man campaign against Epicurus and Metrodorus, trading on his special position as a former member of the school’s inner circle.”

muito custo conseguiu fugir àqueles entretenimentos filosóficos noturnos e àqueles reuniões de iniciados em seus segredos; e que Epicuro era muito deficiente na preparação filosófica, porém demonstrava ignorância ainda maior nos problemas da vida cotidiana; e que suas condições físicas eram tão precárias que durante muitos anos não pôde levantar-se de sua cadeira; e que gastava uma mina por dia à mesa; como o próprio filósofo escreve numa carta a **Leôntion** e noutra aos **filósofos de Mitilene**; e que viviam com ele e com **Metrôdoros** muitas **cortesãs**, entre as quais **Mamárion**, **Hedeia**, **Erótion** e **Nicídion** [...] (D.L., X, 6-7, trad. de Mário da Gama Kury, itálico do tradutor, negrito nosso).

Sobre a vida, a postura e a obra de Timócrates, Roskam (2007) argumenta que ele não tensionou os princípios filosóficos epicuristas de modo formal, mas criou um conflito entre a vida privada epicuristas e o contexto externo, utilizando uma linguagem subjetiva e imagética vulgar que distorcia o verdadeiro ethos epicurista. Nesse sentido, é relevante notar que os nomes femininos Leôntion, Hedeia, Nicídion, Mammárion e Erótion são evocadas com um propósito específico: como *objetos de prazer*. Como observa Snyder (1989, p. 105, tradução nossa) em sua análise, “na maioria dos casos, sua posição como hetaira parece ser confirmada pelos significados tipicamente sugestivos de seus nomes: Hedeia (‘Doce’), Mamárion (‘Seios’), [...] e Erótion (‘Agradável’).”²⁷

Por outro lado, essas cinco mulheres de vida social questionável não apenas parecem ter nomes que correspondem ao *status* de *hetaira* na sociedade grega, como destacado por Snyder, mas também parecem ter sido *sujeitos históricos* amplamente conhecidos fora dos círculos epicuristas à primeira vista. Um exemplo que merece destaque é o caso de Leôntion de Atenas, mencionada como correspondente epistolar do mestre epicurista em *Delícias* por Timócrates, conforme evocado por Diôgenes Laértios (X, 7). Ela também aparece no discurso de Mirtilo de Tessália em *Deipnosophistae*²⁸ do poeta *Athenaeus* de Náucratis, onde sua personalidade é intrinsecamente ligada ao seu vínculo amoroso com Hermesianax de Cólofon²⁹ (Athen., *Deipno.*, XIII, 70).

A notoriedade dessas hetairas, bem vistas e acolhidas dentro da comunidade epicurista ateniense, revela, de uma perspectiva timocratiana, que o grande mestre epicurista não se envergonhava da opinião exterior sobre a sua propriedade epicurista, tampouco tentava ocultar sua licenciosidade dos discípulos espalhados pelas ilhas e pela costa da Ásia Menor. Tanto Gordon (2013) quanto Angeli (2016) destacam que o vínculo epistolar entre o núcleo

²⁷“In most cases, their position as hetairai seems to be confirmed by the typically suggestive meanings of their names: Hedeia (‘Sweet’), Mammarrion (‘Tits’), [...] Erotion (‘Lovey’).”

²⁸Traduz-se do latim por *Banquetes dos Sábios*.

²⁹Hermesianax de Cólofon (fl. III a.C.) foi um poeta grego contemporâneo de Epicuro, conhecido na Antiguidade por sua poesia elegíaca. Parte de sua poesia dedicada à Leôntion de Atenas pode ser encontrada em *Athenaeus* de Náucratis, Cf. Athen. *Deipno.* XIII, 70–71.

epicurista ateniense e o público filosófico de Melitene foi a base para o ataque timocratiano a seus pares.

Assim, para o ex-discípulo, não apenas os habitantes da herdade ateniense parecem ter coadunados com a postura promíscua dos mestres Metrôdoros e Epicuro em relação a essas mulheres, classificadas como *hetairas*, mas também as comunidades epicuristas em regiões ultramarinas. Aceitando as datas propostas por Angeli (2016), que situam a produção da literatura timocratiana após 290 a.C., e as de Dorandi (1999), que sugerem que a comunidade epicurista ateniense iniciou suas atividades por volta de 304 a.C., pode-se hipotetizar, com base nesses acadêmicos, que Timócrates de Lâmpsaco estava relatando ao seu público uma história de prazer e gozo na vida privada que já se desenrolava há mais de quatorze anos na periferia ateniense.

Enquanto no século III a.C., um ex-discípulo epicurista dissidente espalhou pelo Mundo Antigo a ideia de que o Jardim epicurista era habitado por *hetairas* famosas e cobiçadas, cujo privilégio de companhia era reservado apenas aos principais líderes epicuristas, o historiador e filósofo médio-platônico Plutarco de Queroneia deu continuidade às narrativas anti-epicuristas de sua época. Em seus tratados *Adversus Colotem*³⁰, *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*³¹ e *De latenter vivendo*³², Plutarco travou uma longa *guerra epistêmica* contra os líderes da primeira geração do Jardim, revelando informações adicionais sobre a presença dessas *hetairas* associadas ao epicurismo primitivo, pois ele mesmo considerou:

[...] vergonhoso permanecer em silêncio e até mesmo impiedoso fazer concessões ou evitar usar a máxima franqueza ao falar em favor de homens que levaram a filosofia à reputação atual (Plut., *Adv. Col.* 1108b-c, tradução nossa).³³

Ao exercer seu direito advocatício à ampla defesa e ao contraditório em favor da tradição filosófica antiga contra Epicuro, o epicurismo e os primeiros epicuristas, especialmente Colotes de Lâmpsaco, que foi acusado e levado ao banco dos réus por escrever um tratado polêmico intitulado *É Impossível Viver Segundo Os Outros Filósofos*³⁴, Plutarco

³⁰Traduz-se do latim por *Contra Colotes*.

³¹Traduz-se do latim por *É Impossível Viver Segundo Epicuro*.

³²Traduz-se do latim por *Viver Secretamente*.

³³“[...] no sólo es vergonzoso callar, sino que incluso resulta impío andarse concesiones o eludir el empleo de la máxima franqueza al hablar en favor de hombres que han hecho avanzar la filosofía hasta su actual grado de reputación.” (Trad. de Juan F. M. Montiel).

³⁴A obra atribuída a Colotes de Lâmpsaco não sobreviveu até os dias atuais. No entanto, sabe-se, por meio de Plutarco, que Colotes atacou em sua única obra os filósofos pré-socráticos, como Demócrito (*Adv. Col.*, 1108e) e

reconstrói, de forma subjetiva, imagética ou até mesmo falaciosa, o antigo Jardim de Epicuro como uma propriedade habitada por epicuristas e por mulheres de conduta reprovável.

Em suas obras de teor anti-epicurista, Plutarco destaca que o Jardim era habitado por Epicuro (*Non posse*, 1098b) e Polieno (*Non posse*, 1098b), assim como por quatro mulheres cuja a identidade é identificável: Leôntion (*Non posse*, 1089c, 1097e; *Lat. Viv.*, 1128a), Hedeia (*Non posse*, 1089c; 1097e; *Lat. Viv.*, 1128a), Nicídion (*Non posse*, 1097e) e a novata Bodíon (*Non posse*, 1097e)³⁵. Além disso, tanto nas obras hostis quanto em outras em que o epicurismo não é o foco central, Plutarco deixa claro que a propriedade abrigava outros discípulos (*Demetr.*, XXXIV, 2; *Lat. Viv.*, 1129a). Por fim, Plutarco menciona que havia um grupo de discípulos que mantinham correspondência com o grande mestre epicurista ou entre si. Entre esses discípulos, destacam-se Idomeneu (*Adv. Col.* 1117d-e, 1127d), Anaxarco (*Adv. Col.* 1117a-b) e Leônteu (*Adv. Col.* 1108e).

Assim, na descrição da vida privada epicurista nas obras anti-epicuristas de Plutarco, há uma confirmação da presença de *hetairas* convivendo com os mestres e discípulos epicuristas no mesmo espaço físico. No entanto, ao atacar o conceito epicurista de *latente biosas* (λατέντε βίωσας), que justifica o afastamento epicurista da vida pública e da agitação urbana, Plutarco explica claramente que:

[...] se minha intenção é viver com Hedeia, a hetaira, e coabitar com Leôntion, 'cuspir na beleza moral' e colocar o bem 'na carne e suas cócegas': esses fins exigem escuridão e noite [...]" (Plut., *Lat. Viv.*, 1129b, tradução nossa).³⁶

Diante da imagem íntima do Jardim de Epicuro sob a perspectiva plutarqueana, é importante destacar que, diferentemente da narrativa timocrática preservada por Diôgenes Laértios (*X*, 6-7), que apenas descreve o modo de vida desregrado da primeira comunidade epicurista, a narrativa plutarqueana constrói um arcabouço racional e sistemático. Plutarco utiliza sua *licença filosófica* para empregar falácias e ironias, construindo uma realidade na qual a escola epicurista primitiva é acusada de negligenciar aspectos essenciais à formação do indivíduo dentro de um contexto sócio-cultural e político. Segundo Plutarco, a doutrina

Parmênides (*Adv. Col.*, 1114d), os filósofos clássicos, como Platão (*Adv. Col.*, 1114f) e Sócrates (*Adv. Col.*, 1116e), bem como os contemporâneos de sua época (*Adv. Col.*, 1120c). Além disso, é creditado ao discípulo lampsaqueano os textos anti-platônicos *P. Herc.* 1032 e *P. Herc.* 208 encontrados em Herculano.

³⁵A hetaira Bodion não aparece em outros autores além da narrativa plutarqueana.

³⁶"[...] si mi intención es vivir con Hedía la hetera y cohabitar con Leontion, «escupir sobre lo bello moral» y poner el bien «en la carne y sus cosquilleos»: esos fines requieren oscuridad y noche [...]" (Trad. de Juan Francisco Matos Montiel).

epicurista teria supervalorizado o prazer físico em detrimento do *exercício da virtude*, da participação na *vida pública*, do *respeito às divindades* e do *cuidado com a alma*, aspectos que considerados fundamentais para a promoção do *bem comum* na comunidade local (Plut., *Adv. Col.*, 1108c).

Embora as motivações de Plutarco e Timócrates ao criticarem Epicuro, os epicuristas e sua doutrina sejam diferentes, o papel de mulheres como Leôntion, Hedeia e Nicídion permanece consistente como *objetos de prazer*, embora os especialistas observem mudanças sutis no discurso anti-epicurista de Plutarco. Segundo Torres (2018), em Plutarco, a presença dessas mulheres não está associada à vida filosófica, mas à esfera sexual e reprodutiva da comunidade primitiva. Esta análise segue a linha de raciocínio adotada por Gordon, que resume simplesmente que, no discurso plutarqueno, “[...] elas não eram filósofas, mas sim parceiras sexuais” (Gordon, 2012, p. 92, tradução nossa).³⁷

Essa interpretação, compartilhada tanto por Gordon quanto por Torres sobre as mulheres de reputação questionável em Plutarco, pode ser observada nas entrelinhas das obras anti-epicuristas como *Adversus Colotem* e *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*. Nessas duas obras, o filósofo de Queroneia constrói, de maneira implícita, uma *estrutura vertical e hierárquica*. No topo dessa estrutura são colocados em destaque como *sujeitos epistêmicos*, embora de forma irônica, indivíduos como Epicuro (*Adv. Col.*, 1125) e Metrôdoros (*Non posse*, 1087d). Logo abaixo, estão posicionados os discípulos célebres como Leônteu (*Adv. Col.*, 1108e), Idomeneu (*Adv. Col.*, 1117 d–e), Pítocles (*Adv. Col.*, 1086c) e Colotes (*Non posse*, 1086c).

Por outro lado, as mulheres de conduta reprovável são referidas, de modo ambivalente, às vezes, especificamente como “a hetaira de Cízico [Κυζικηνῆς ἑταίρας]” (*Non posse*, 1098b, tradução nossa)³⁸ ou, de forma implícita e generalista como “prostitutas [ἑταίρων]” (*Adv. Col.*, 1127b, trad. de Juan F. M. Montiel), e, em alguns casos, simplesmente, como “mulheres [γυναῖκας]” (*No posse*, 1097d–e, tradução nossa).³⁹ No entanto, o uso do último termo é interpretado por Gordon (2012) como um jogo de linguagem que apenas animaliza o público feminino da primeira comunidade epicurista. Trata-se de uma interpretação perspicaz de Gordon, especialmente considerando que, através de Plutarco, sabe-se que a tradição

³⁷ “[...] they are not philosophers, but sex partners”.

³⁸ “la hetera de Cízico”. (Trad. de Juan F. M. Montiel).

³⁹ “mujeres”. (Trad. de Juan Francisco Matos Montiel).

filosófica antiga atribuía ao epicurismo primitivo esse papel desumanizador (*Adv. Col.*, 1108d).

Enquanto na *proto-lista* timocratiana, as mulheres consideradas *hetairas* são apenas mencionadas nominalmente em relação a Metrôdoros e Epicuro na vida privada, conforme descrito por Diôgenes Laértios (X, 6-7), nas obras de Plutarco, uma dessas mulheres adquire aspectos biográficos mais concretos, como a naturalidade, sendo o caso da “hetaira de Cízico⁴⁰” (Plut., *Non posse*, 1098b, tradução nossa).⁴¹ Além disso, suas artes sexuais não se limitam apenas aos líderes principais do Jardim, mas se expandem para outros discípulos, entre os quais apenas Polieno é especificamente identificado (Plut., *Non posse*, 1098b). Por fim, essas mulheres desempenham um papel na manutenção e preservação da comunidade, pois, segundo Plutarco, os epicuristas experienciaram, de modo implícito, a *paternidade* com “prostitutas” (*Adv. Col.*, 1127b, trad. de Juan F. M. Montiel) e com “hetaira[s]” (*Non posse*, 1098b, tradução nossa)⁴² em sua propriedade particular.

Na perspectiva de Plutarco, o epicurismo da primeira geração não se destacou pela inovação conceitual ou pelas contribuições ao âmbito público, mas pela degradação moral da sociedade da época. Em seus três tratados anti-epicuristas, o filósofo e historiador retrata os primeiros epicuristas como indivíduos que se orgulhavam de subverter os fundamentos culturais compartilhados pelo seu povo e pela própria filosofia, uma vez que não possuíam um profundo envolvimento com esses valores, auto-marginalizando-se em busca do prazer físico e gerando *filhos ilegítimos* na esfera privada.

Esse modo de vida, tão criticado sob a perspectiva da tradição filosófica atacada e representada por Plutarco, se contrasta com o apoio subjetivo e insensato dos familiares dos líderes epicuristas às relações desses homens com mulheres de reputação duvidosa. Como ironiza Plutarco:

Quando coloco diante dos meus olhos as bem-sucedidas empresas de Trasíbulo e Pelópidas, de Aristides em Plateia, ou de Milcíades em Maratona, “neste ponto”, para usar as palavras de Heródoto, “sou obrigado a expressar uma opinião”, a saber, que a vida ativa proporciona mais prazer do que honra. Isso também é confirmado por Epaminondas, que disse, conforme relatado, que seu maior prazer foi ver seus pais testemunharem em vida o troféu da vitória em Leuctra, obtida sob seu comando. Comparando agora a mãe de Epaminondas com a [mãe] de Epicuro [Querestrates], que teve a satisfação de ver seu filho no pequeno jardim, gerando descendentes ao

⁴⁰Cízico era uma antiga cidade grega localizada na Ásia Menor, vizinha a antiga cidade de Lâmpsaco, região pertencente atualmente ao território turco.

⁴¹“a la hetera de Cízico”. (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

⁴²“hetera”. (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

lado de Polieno com a hetaira de Cízico. Quanto à **mãe** [Sande] e **irmã de Metrôdoros** [Batis], você pode facilmente ver em seus livros a imensa alegria que elas levaram com o casamento de Metrôdoros [...] (Plut., *Non posse.*, 1098a–b, tradução nossa, negrito nosso).⁴³

Diante da narrativa plutarqueana sobre a vida privada dos primeiros epicuristas, surge a questão de se essas informações podem oferecer algum esclarecimento sobre a repentina e intrigante aparição de crianças dentro do Jardim, associadas aos filósofos da primeira geração. Os casos que chamam atenção incluem os filhos de Metrôdoros e Polieno mencionados no Testamento de Epicuro, conforme registrado por Diôgenes Laértios (X, 19), a prole atribuída a Idomeneu por Plutarco (*Adv. Col.*, 1117d–e), e a pequena Ápia mencionada no *P. Herc.* 178 (col. XXIII, 9).

Ainda que Idomeneu fosse casado com Batis de Lâmpsaco, conforme indicado por Diôgenes Laértios (X, 23), não há confirmação definitiva sobre o estado civil dos outros filósofos epicuristas mencionados. No entanto, durante o período em que conviveram com Epicuro no Jardim, é plausível que esses homens tenham tido filhos, o que revela lacunas significativas na história do epicurismo primitivo, particularmente em relação à vida pessoal desses filósofos. Por fim, de acordo com uma fonte em Filodemo, os discípulos lampsaqueanos, como Leônteu e Idomeneu, bem como o epicurista mitilenita Hêrmacos, teriam mantido relações íntimas com mulheres conhecidas do círculo epicurista da primeira geração (Filod., *Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII–XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115).⁴⁴

Em resumo, a narrativa plutarqueana descreve o “jardinzinho [κηπίδιον]” (Plut., *Non posse.*, 1098b, tradução nossa)⁴⁵ como um espaço onde o prazer físico predominava sobre uma prática filosófica refletida, moderada, autocensurada e respeitosa com sua própria tradição. Os moradores, por sua vez, eram retratados como sábios prepotentes, e às mulheres

⁴³“Cuando pongo ante mis ojos las exitosas empresas de Trasibulo y de Pelópidas, de Aristides en Platea o de Milcíades en Maratón, ‘en este punto’, por decirlo con palabras de Heródoto, ‘me veo obligado a expresar una opinión’, a saber, que la vida activa tiene más de placer que de honor. Me lo confirma también Epaminondas, quien dijo, según cuentan, que su mayor placer fue que sus padres vieran en vida el trofeo de la victoria de Leuctra, conseguida bajo su mando. Pues bien, comparemos con la madre de Epaminondas a la de Epicuro, que tuvo la satisfacción de ver a su hijo metido en su jardincito haciéndole niños en común con Polieno a la hetera de Cízico. Porque, respecto a la madre y la hermana de Metrodoro, se puede ver fácilmente en sus libros la inmensa alegría que se llevaron con su matrimonio [...]” (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

⁴⁴Essa possibilidade merece uma investigação mais aprofundada, sendo trabalhada especialmente na quarta seção desta pesquisa, que explora se as supostas hetairas epicuristas tiveram, de fato, filhos com esses filósofos da primeira geração, caso seja possível chegar a alguma conclusão consistente.

⁴⁵“jardincito”. (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

hetairas, sem protagonismo, que não apenas proporcionavam gozo masculino, mas também contribuem para o aumento descontrolado da prole epicurista.

Em contraste a narrativa plutarqueana, embora o filósofo Marco Túlio Cícero (106–43 a.C.) tenha antecipado no século I a.C. muitas das críticas posteriormente levantadas por Plutarco no século I d.C., sua descrição do Jardim não menciona explicitamente o papel das mulheres como geradoras de filhos ilegítimos. Em vez disso, a narrativa ciceroniana sugere que essas mulheres poderiam desempenhar um papel ativo nos debates hostis, especialmente em confrontos com oponentes externos ao Jardim. Como criticou Cotta:

Esses eram os **sonhos** seus que deram segurança não apenas a Epicuro, Metrôdoros e Hêrmacos quando desafiaram Pitágoras, Platão e Empédocles, **mas também a Leôntion, aquela cortesã** [*meretricula*], **que teve a audácia de escrever uma resposta a Teofrasto**, observe bem, ela escreveu elegantemente em bom estilo ático, mas ainda assim, **essa era a licença que prevalecia no Jardim de Epicuro** (Cic., *Nat. Deor.*, I, 93, tradução nossa, negrito nosso).⁴⁶

Diante disso, é relevante destacar que, por um lado, em Plutarco, a presença feminina na propriedade periférica epicurista ganha destaque na historiografia filosófica graças ao feito do epicurista Colotes de Lâmpsaco (um homem epicurista *prepotente*), o qual, segundo Plutarco (*Adv. Col.*, 1124c), tencionou a filosofia inteira com um único volume. Por outro lado, em Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), a propriedade periférica epicurista volta a ser o foco da tradição filosófica antiga, ao permitir que Leôntion de Atenas (uma mulher epicurista *prepotente*) entrasse em conflito direto com um filósofo importantíssimo da escola peripatética.

Diferente do *Adversus Colotem* de Plutarco, em *De Natura Deorum* (I, 93) de Cícero, a crítica à falta de respeito dos epicuristas pela filosofia antiga (Pitágoras, Platão e Empédocles) e contemporânea de sua época (Teofrasto) não se concentra em um único indivíduo; mas se distribui sob o núcleo ateniense por Epicuro (homem, líder epicurista, ateniense), Metrôdoros (homem, discípulo, lampsaqueano), Hêrmacos (homem, discípulo, mitilenita) e Leôntion (mulher, discípula, talvez ateniense, *meretricula*). Trata-se de Jardim de Epicuro, conforme descrito por Cícero, povoado por homens, mas que revela a ausência de autocrítica nos argumentos apresentados ao mundo exterior, além de demonstrar uma falta de

⁴⁶“These were the dreams of yours which lent assurance not only to Epicurus, Metrodoros, and Hemarco when they challenged Pythagoras, Plato, and Empedocles, but also to Leôntion, that mere courtesan, who had the effrontery to write a riposte to Theophrastus — mind you, she wrote elegantly in good Attic, but still, this was the license which prevailed in the Garden of Epicurus.” (Trad. de P. G. Walsh).

respeito pela tradição filosófica e, acima de tudo, um vício na seleção de seus primeiros membros. Como aponta Dufallo (2021), em Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), Leôntion de Atenas é evocada em função de sua condição como uma mulher vinculada à *prostituição*.

Sem entrar na discussão sobre o reconhecimento da obra de Leôntion e seu *status* como autora nesta seção⁴⁷, é importante notar que a memória de seu suposto trabalho perdurou até a *Baixa Idade Média* e o início do *Renascimento*. O escritor florentino Giovanni Boccaccio (1313 – 1375 d.C) menciona explicitamente a possibilidade de que Leôntion tenha desafiado filosoficamente Teofrasto, ao mesmo tempo em que relaciona sua performatividade feminina à consumação de uma vida vulgar em sua época (Boccaccio, *De mulier.*, cap. LVIII).

Ao que parece, para a tradição acadêmica, o Jardim de Epicuro é associado não apenas às habilidades estilísticas de Leôntion de Atenas, mas também à presença de uma mulher cujo nome esteve ligado à paixão, à depravação e, acima de tudo, a escrita na Antiguidade, a saber: Filénis de Samos. Isso porque Kapparis (2021), ao se basear em um fragmento do estoico e matemático Posidônio de Apameia (c. 135 – c. 51 a.C.), conforme encontrado nos escritos do filósofo estoico Cleomenes (fl. II d.C.), inclui Filénis de de Samos. na *lista oficial* de mulheres de vida questionáveis associadas ao Jardim de Epicuro em sua primeira geração.

Na passagem em questão, que serve de fundamento para essa inclusão, Posidônio discute astronomia e, entre os diversos ataques a Epicuro e sua doutrina, parece vincular a samia à história do Jardim, ao afirmar que:

Você [Epicuro] não será, então, "a alma mais descarada e sem vergonha", **expulsa da Filosofia, para Leôntion, Philaeinis e as outras prostitutas**, e para suas "sagradas ululações" com Míndrides, Sardanápalus e todos os seus companheiros? (Cleom., *Lectures on Astronomy*, I, 511, tradução nossa, negrito nosso).⁴⁸

Se a interpretação de Kapparis, que relaciona a biografia do Jardim de Epicuro à controvertida história de Filénis, for considerada razoável, torna-se inevitável considerar que a comunidade epicurista primitiva estivesse envolvida na produção literária focada nos prazeres físicos. Kapparis esclarece que:

Filénis de Samos ficou famosa por séculos após sua vida como autora de um livro picante de erotismo. Era um manual que incluía conselhos sobre como abordar um amante pela primeira vez e fazer com que se sentissem bem consigo mesmos, como

⁴⁷O *status* de Leôntion como autora será explorado na quarta seção desta pesquisa.

⁴⁸“So will you not be off, 'most brazen and shameless soul,' routed from Philosophy, to Leontion, Philainis, and the other whores, and to your 'sacred ululations' with Mindyrides, Sardanapalus and all your boon companions?” (Trad. de Alan C. Bowen e Robert B. Todd).

seduzir alguém, como beijar e muito mais. Este Kama Sutra grego, que listava inúmeras posições sexuais, entre outras coisas, era uma peça de literatura muito popular e amplamente discutida (Kapparis, 2021, p. 200, tradução nossa).⁴⁹

Ao contrário das perspectivas de Boccaccio (*De mulier.*, cap. LVIII) e Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), que parecem atribuir certa relevância às mulheres identificadas ora como *hetairas*, ora como prostitutas dentro da primeira comunidade epicurista, o poeta *Athenaeus* de Náucratis, em *Deipnosophistae*, aponta que, no epicurismo primitivo, a associação dessas mulheres com Epicuro e sua doutrina não acarretava mudanças significativas em suas vidas cotidianas como *hetairas*, apesar de serem membros da comunidade epicurista.

Um exemplo emblemático dessa persistente condição é o caso de Leôntion de Atenas, tal como descrito em *Deipnosophistae*, conforme as narrativas anti-epicurista do séc. III d. C. De acordo com o discurso do gramático Mirtilo de Tessália preservado por *Athenaeus*, Leôntion, que havia sido amante de um homem respeitado como o poeta Hermesianax de Cólofon, passou a se envolver sexualmente com Epicuro e outros discípulo do antigo Jardim (*Deipno.*, XIII, 70; 53).

Essa nova vida de Leôntion é ironizada pelo gramático Mirtilo de Tessália ao se dirigir aos seus ouvintes, destacando a falta de transformação significativa na vida dessas mulheres, mesmo após sua integração na comunidade epicurista. Sobre a vida de Leôntion entre os epicuristas, Mirtilo de Tessália questionou:

Agora, acaso esse próprio Epicuro não teve Leôntion como sua amante, aquela que era tão célebre como cortesã ? Mas **ela não deixou de viver como uma prostituta quando começou a aprender filosofia, mas continuou a se prostituir para toda a seita dos epicuristas nos jardins, e para o próprio Epicuro, da maneira mais aberta**; tanto que esse grande filósofo era extremamente afeiçoado a ela, apesar de mencionar esse fato em suas cartas para Hêrmarcos (Athen., *Deipno.*, XIII, 53, tradução nossa, negrito nosso).⁵⁰

De forma pouco surpreendente, nem mesmo a descendência dessas mulheres experimentou mudanças significativas, pois as filhas das *hetairas* epicuristas da primeira

⁴⁹“Philainis of Samos was famous for centuries after her lifetime as the author of a racy book of erotica. It was a manual which included advice on how to approach a lover in the first place and make them feel good about themselves, how to seduce someone, how to kiss and much more. This Greek Kama Sutra, which enlisted countless sexual positions, among other things, was a very popular and widely discussed piece of literature.”

⁵⁰“Now, had not this very Epicurus Leontium for his mistress, her, I mean, who was so celebrated as a courtesan? But she did not cease to live as a prostitute when she began to learn philosophy, but still prostituted herself to the whole sect of Epicureans in the gardens, and to Epicurus himself, in the most open manner; so that this great philosopher was exceedingly fond of her, though he mentions this fact in his epistles to Hermarchus.” (Trad. de C. D. Yonge).

geração continuaram a seguir a mesma trajetória de suas mães, sujeitas a infortúnios e violência. Nesse sentido, em *Athenaeus*, segundo o discurso do historiador Filarco de Náucratis, Leôntion teve uma filha hetaira chamada Danae⁵¹, a qual foi lançada de um penhasco, ainda viva e suplicante, por ordem de Laodice⁵² como punição por ter salvado seu amante politicamente influente de uma emboscada mortal (*Deipno.*, XIII, 64).

Na narrativa anti-epicurista de *Athenaeus*, a falta de mudança na vida das mulheres chamadas hetairas, que ironicamente parecem ser esperada por personagens como o gramático Mirtilo de Tessália (*Deipno.*, XIII, 53) e confirmada por Filarco de Náucratis (*Deipno.*, XIII, 64), sugere que, embora os epicuristas pudessem ter promovido mudanças filosóficas, essas não se refletiam de forma prática na vida cotidiana dessas mulheres da primeira geração do Jardim. No entanto, os próprios críticos do epicurismo primitivo, em *Deipnosophistae*, retratam Epicuro e os epicuristas como cultivadores do “prazer do ventre” (Athen., *Deipno.*, XII, 67, tradução nossa).⁵³

Assim, nessa narrativa anti-epicurista, a doutrina epicurista da primeira geração é retratada como centrada na busca do *prazer corporal*. Em *Deipnosophistae*, não observa-se uma indicação cultivo da realização político-filosófico-espiritual entre os primeiros epicuristas. Pelo contrário, o discípulo mais fiel e mais próximo ao grande mestre epicurista,

[...] Metrôdoros, em suas Epístolas, diz: "Meu bom filósofo natural Timócrates, a **razão** que procede de acordo com a natureza **dedica toda a sua atenção ao ventre**." E Epicuro diz: "A **origem** e a **raiz** de todo o **bem** é o **prazer do ventre**; e todos os esforços excessivos da **sabedoria** têm referência ao **estômago**" (Athen., *Deipno.*, XII, 64, tradução nossa, negrito nosso).⁵⁴

Deste modo, na narrativa anti-epicurista presente em *Athenaeus*, Leôntion de Atenas não experimenta uma superação de sua condição de hetaira, mas sim um *declínio moral e intelectual*, de forma acentuada, ao trocar um amante habilidoso em poesia elegíaca, como Hermesianax de Cólofon (Athen., *Deipno.*, XIII, 70), por Epicuro de Samos, considerado pelos filósofos como “o mais iletrado filósofo vivo” (Athen., *Deipno.*, XIII, 53, tradução

⁵¹Não se sabe nada sobre Danae fora do relato de Filarco de Náucratis em *Deipnosophistae* (XIII, 64).

⁵²De acordo com B. Lightman e M. Lightman (2008), refere-se aqui à selêucida Laodice I.

⁵³“pleasure of the stomach”. (Trad. de C. D. Yonge).

⁵⁴“[...] Metrodorus in his Epistles says— 'My good natural philosopher Timocrates, reason which proceeds according to nature devotes its whole attention to the stomach.' And Epicurus says— 'The origin and root of all good is the pleasure of the stomach; and all excessive efforts of wisdom have reference to the stomach'” (Trad. de C. D. Yonge).

nossa).⁵⁵ Assim, em outras palavras, até mesmo uma hetaira merecedora de louvor poético deteriora sua condição ao optar estreitar relações com a comunidade epicurista primitiva.

Rotulados como indivíduos que buscam o prazer ilimitado e desconhecedores da própria filosofia pelas literaturas anti-epicuristas de Timócrates de Lâmpsaco, conforme relatado por Diôgenes Laértios (X, 6-7), e de Mirtilo de Tessália, conforme descrito por *Atheaneus* em *Deipnosophistae* (XIII, 53), os primeiros epicuristas não foram apenas acusados de audaciosamente pilhar a memória de homens ilustres do passado ou de perturbar o sossego filosófico dos pensadores contemporâneos. Eles também foram criticados por ridicularizar a honra de uma mulher associada à filosofia e contemporânea ao Jardim de Epicuro. Refere-se aqui à filósofa Hipárquia de Maroneia (c. 350 – c. 280 a.C.), esposa de Crates, o Cínico, que, segundo Plutarco, foi insultada com termos injuriosos, incluindo aqueles relacionados à prostituição (Plut., *Non posse*, 1086 e-f). Além disso, até mesmo os segredos da sacerdotisa de Delfos foram desqualificados, ainda que indiretamente, uma vez que Colotes, de acordo com a narrativa parcial e unilateral de Plutarco (*Adv. Col.*, 1116 e-f), descreveu a mensagem divina recebida por Sócrates como um conto ficcional de natureza sofística.

Para as narrativas anti-epicuristas, Epicuro e os epicuristas não se limitavam apenas a praticar hostilidades contra figuras femininas externas ao Jardim, mas também não poupavam nem mesmo as próprias hetairas epicuristas que participavam ativamente da sua comunidade filosófica. A título de exemplo, o retórico sofista *Alciphron*, em sua obra *Letters to Courtesans*⁵⁶ traz à tona, em uma de suas cartas, as supostas adversidades enfrentadas por essas mulheres em suas relações mais íntimas com o grande mestre epicurista em sua propriedade particular em Atenas.

Na *Epístola XVI*, escrita em primeira pessoa, Leôntion de Atenas expressa seu descontentamento com o epicurismo e compartilha com Lâmia (fl. 300 a.C.), a hetaira do diádoco Demétrio Poliorcetes (336–283 a.C.), suas lembranças traumáticas do Jardim e suas preocupações com o endurecimento da conduta ciumenta e controladora de Epicuro de Samos. Nessa carta, Leôntion relata que o líder epicurista, ao não aceitar ser substituído por um amante mais jovem por nome Timarco, procurava conquistá-la de maneira coercitiva, ou até mesmo violenta, aproveitando-se de seu papel de filósofo dentro da comunidade local (*Alciph.*, II, §II, *Epist.*, XVI).

⁵⁵“The most unlettered schoolmaster alive.” (Trad. de C. D. Yonge).

⁵⁶Traduz-se por *Carta às Cortesãs*

Sem entrar na discussão sobre a autenticidade da suposta carta de Leôntion, retratada como hetaira, é crucial observar que a mensagem contida na carta não apenas revela a vulnerabilidade das hetairas epicuristas às vontades libidinosas dos epicuristas, mas também indica que o renomado mestre epicurista não respeitava sua liberdade sexual. Nesse sentido, é importante destacar que essa postura do mestre contrasta com a narrativa anti-epicurista de Mirtilo de Tessália, conforme descrito por *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53), que apresenta Leôntion na comunidade como um objeto sexual de uso coletivo, alheia ao campo de disputa. Assim, incapaz de possuir o objeto de seu desejo, a apaixonada Leôntion lamenta-se a Lâmia:

Ah, mas ele é um filósofo e ele é famoso e ele tem muitos amigos.” Deixe-o levar tudo o que tenho e ir ensinar outra pessoa. Sua fama não é uma atração para mim, é Timarco que eu quero e eu rezo para Deméter para me entregá-lo.

O pobre rapaz foi forçado a abandonar tudo por minha causa, o Liceu, seus esportes, seus camaradas, seus clubes, e agora ele vive com o “Mestre” e tem que bajular o “Mestre” e repetir os ventosos sermões do “Mestre”. E então o velho ogro diz: “Você não deve caçar em minhas reservas: deixe Leôntion em paz.” Como se Timarco não pudesse dizer mais justamente: “Você não deve caçar nas minhas.” Timarco, embora seja jovem e vigoroso, suporta seu velho rival, que é um recém-chegado; Epicuro não pode suportar o outro, que tem a reivindicação mais forte (*Alciph.*, II, §II, *Epist.*, XVI, tradução nossa).⁵⁷

Diante da disputa jocosa pela atenção de uma das hetairas mais belas de Atenas, é relevante destacarmos que não é a primeira vez que as literaturas anti-epicuristas retratam os epicuristas em cenários de competição por tais mulheres. Além de *Alciphron*, o poeta romano Marcial menciona um embate entre o Jardim e os estoicos pela afeição de Teofila, uma notável estudiosa de filosofia. O poeta afirma que “com razão o jardim ateniense do ilustre velho a reclamava, e não sem motivo o grupo dos estoicos queria tê-la como uma de suas adeptas” (*Mart.*, VII, 69, tradução nossa).⁵⁸

No caso específico da competição mencionada no epigrama de Marcial, transcende os conflitos de amantes individuais ao adicionar filósofos de outras correntes filosóficas no páreo. Isso parece indicar que, para a narrativa anti-epicurista, os primeiros epicuristas

⁵⁷“Ah, but he is a philosopher and he is famous and he has many friends.’ Let him take all that I have and go and teach some one else. His fame is no attraction for me, it is Timarchus that I want and I pray to Demeter to give him to me.

The poor boy has been forced to abandon everything on my account, the Lyceum, his sports, his comrades, his clubs, and now he lives with the ‘Master’ and has to flatter the ‘Master’ and repeat the ‘Masters’ windy sermons. And then the old ogre says, ‘You must not poach on my preserves: leave Leontion alone.’ As though Timarchus could not more justly say, ‘Do not you poach on mine.’ Timarchus, although he is young and lusty, puts up with his old rival, who is a late comer; Epicurus cannot stand the other, who has the stronger claim” (Trad. de F. A. Wright).

⁵⁸“Com razón habíaa de reclama-lo xardín ateniense do ilustre vello e non com menos motivo o grupo dos estoicos había de querer que fose unha entre os seus Adeptos.” (Trad. de Amable Viegas Arias).

estavam dispostos a enfrentar grupos de filósofos de outras escolas helenísticas por essas mulheres, tornando-se uma disputa não apenas de desejos pessoais, mas também de rivalidades filosóficas intensas em segundo plano.

Diante dessas inúmeras interpretações de viés anti-epicurista contra a primeira geração, algumas delas se consideraram prevalecentes em detrimento do epicurismo, retratando-a como uma doutrina voltada para o hedonismo vulgar. Nesse contexto, a *Stoa* de Posidônio citado por Cleomenes (*Lectures on Astronomy*, I, 511) expulsou simbolicamente o grande mestre epicurista da tradição filosófica para o hedonismo vulgar feminino e masculino antigo.

4. DE DENTRO DO JARDIM: AS HETAIRAS EPICURISTAS EM UMA TRADIÇÃO PRÓ-EPICURISTA

Diante das hostilidades que remontam aos primórdios do Jardim, as quais rotularam Epicuro como hedonista, ignorante, glutton e, sobretudo, apreciador de *hetairas* em sua vida privada em Atenas, acadêmicos como De Witt (1964), Gual (2002), Spinelli (2009) e Cid (2021) argumentam que tais acusações foram narrativas construídas com o objetivo de difamar o grande mestre epicurista e enfraquecer a influência de sua doutrina na Antiguidade. Embora adotem perspectivas interpretativas distintas, esses estudiosos, com base em uma abordagem histórico-filosófica crítica, não apenas desafiam essa visão pejorativa dos opositores do epicurismo, mas também sugerem que o contexto sociofilosófico da primeira geração do Jardim era significativamente diferente do retratado pelos autores de viés anti-epicurista ao longo da tradição filosófica.

Indo na contramão de narrativas anti-epicuristas como a de Timócrates, Plutarco e *Athenaeus*, que focalizam e simplificam os primeiros discípulos epicuristas a homens cercados por diversas hetairas sedutoras, Gual (2002) aponta que o Jardim de Epicuro era povoado por diversos estratos sociais marginalizados na sociedade grega, incluindo as mulheres hetairas. Assim, observa-se que o acadêmico espanhol consegue vislumbrar na doutrina e na vida comunitária epicurista uma *abertura à diversidade* e a *integração social* em contraste com os padrões sociais gregos da época.

Alinhados com a perspectiva interpretativa de Gual sobre a variedade de segmentos sociais presente na composição dos primeiros membros da escola epicurista, tanto Cid (2021) quanto Spinelli (2009) compartilham o posicionamento de que o epicurismo primitivo valorizava a diversidade social a ponto de admitir mulheres, em sentido geral, como discípulas efetivas e ativas. Para Cid, a plena integração do público feminino no epicurismo deve-se, entre outros fatores, pela eliminação do fatalismo presente na metafísica democritiana e à adoção de uma ética prática e universal, que supera as limitações socioeconômicas, regionais ou até mesmo de gênero. Por outro lado, Spinelli considera que o epicurismo primitivo valorizava a diversidade e o protagonismo feminino, sem implementar qualquer mecanismo de segregação na vida cotidiana da escola-comunidade.

Comparando as interpretações de Cid e Spinelli sobre a participação feminina, ambos convergem para uma linha interpretativa de que o epicurismo, em sua gênese, se construiu

como uma doutrina que promovia *igualdade objetiva e material* entre seus adeptos. Em outras palavras, nessa perspectiva interpretativa adotada pelos acadêmicos supracitados, todos tiveram a possibilidade de vivenciar em sua *práxis*, incluindo as mulheres rotuladas pela exterioridade como *hetairas*, a filosofia. Essa leitura do epicurismo primitivo de Cid e Spinelli parece ser coerente como os princípios epicuristas presentes na *Carta a Meneceu*, onde o grande mestre epicurista iniciou, a seu amigo-discípulo Meneceu, aconselhando que:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz (Epicuro, 2002, p. 21, trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore).⁵⁹

Diante disso, até agora parece que os acadêmicos que adotam uma posição crítica sobre o epicurismo primitivo concordam entre si que havia uma *abertura à pluralidade* intrínseco ao *ethos epicurista* praticado no Jardim. No entanto, é importante abandonar aqui a imagem romantizada, ou melhor anacrônica, do antigo Jardim de Epicuro assemelhando-se a uma floresta atlântico-tropical em solo grego ou um cenário bucólico com rosas exuberantes, pássaros saltitantes e um pequeno chalé, onde homens livres e *hetairas* passavam a tarde inteira conversando de maneira descontraída de frente para um pequeno lago. Em vez disso, o famoso Jardim de Epicuro era provavelmente uma pequena construção rígida envolta por um relativo pedaço de terra situado na periferia ateniense, com vegetação mediterrânea, propício para uma agricultura de subsistência. Pois como explica Farrington:

O *Kepos*, para dar-lhe seu nome grego, não era um parque (*paradeisos*), mas sim um horto. O grande botânico Teofrasto, contemporâneo de Epicuro em Atenas e sucessor de Aristóteles na regência do Liceu, descreve-nos um *kepos* normal: era um lugar onde cresciam couves, rabanetes, nabos, beterrabas, alfaces, coentros, funcho, agriões, alhos-porós, aipo, cebolas, pepinos, manjerição e salsa. Isso explica a função concreta do jardim ou horto em uma comunidade que buscava uma vida simples; porque, embora suponhamos que seu cultivo era feito por alguns escravos e não pelos discípulos, o horto poderia muito bem fornecer o alimento básico para as refeições comunitárias (Farrington, 1983, p. 29, tradução nossa, *itálico do autor*)⁶⁰

⁵⁹Cf. D.L., X, 122.

⁶⁰“El *Kepos*, para darle su nombre griego, no era um parque (*paradeisos*), sino um huerto. El gran botánico Teofrasto, contemporâneo de Epicuro em Atenas y sucesor de Aristóteles em la regencia del Lyceum, nos describe um *kepos* normal: era um lugar donde crecían berzas, rábanos, nabos, remolachas, lechugas, cilantro, hinojo, berros, puerros, apio, cebollas, pepinos, albahaca y perejil. Esto explica la función concreta del jardín o huerto en una comunidad que buscaba una vida sencilla; porque, aunque suponemos que su cultivo corría a cargo de algunos esclavos y no de los discípulos, el huerto podía muy bien proveer el alimento básico de las comidas comunitarias.”

Por outro lado, o Jardim de Epicuro não apenas supria as necessidades alimentares diárias de seus habitantes como acredita Farrington, como também desempenhava um papel importante como um ambiente intelectual. Isso porque, de acordo com De Witt (1964), a herdade epicurista se ocupava com a produção e a circulação de conteúdo epistêmico para os demais núcleos epicuristas fora de Atenas. Deste modo, o que se pode esperar da estrutura mais concreta e funcional do Jardim de Epicuro, combinando as interpretações complementares dos acadêmicos supracitados é obtenção de uma herdade *autossuficiente*.

Essa *autossuficiência* (αὐτάρκεια) da propriedade epicurista primitiva é observada, surpreendentemente, não em um escrito epicurista da primeira geração ou em Filodemo de Gadara, nos escritos de Sêneca, um dos filósofos mais célebres do estoicismo imperial romano, o qual reabre as portas do Jardim de Epicuro novamente. No entanto, agora, de *fora* para *dentro* do Jardim de Epicuro pela força do pensamento e da imaginação filosófica, adotando um posicionamento totalmente diferente da concepção anti-epicurista timocratiana presente em Diôgenes Laértios (X, 6–7).

Em Sêneca, o Jardim de Epicuro é retratado como um ambiente de tranquilidade, moderação e autoconhecimento. Pois, conforme descreve o estoico Sêneca em uma carta a seu discípulo Lucílio, a vida interna na propriedade epicurista em Atenas:

Ao chegar ao pequeno jardim de Epicuro, ao ler a inscrição da entrada: “*Visitante, terás aqui uma agradável estadia, pois aqui o bem é o prazer!*”, encontrarás à tua disposição o guardião dessa morada, um homem acolhedor, amável, que te apresentará uma malga de polenta e te servirá água à discrição, inquirindo sempre se te agrada a recepção. E dir-te-á: “*Este humilde jardim não desperta apetites, antes os sacia; não aumenta a sede à força de bebidas excessivas, antes a acalma de um modo natural e salutar. São estes os prazeres que me fizeram chegar a velho!*” (Sen., *Epist. ad Luc.*, XXI, 10–11, trad. de J. A. Segurado e Campos, itálico do tradutor)

Explorando até as últimas consequências os desdobramentos do pensamento de Sêneca em *Epistulae ad Lucilium* (XXI, 10-11) sobre o antigo Jardim de Epicuro, pode-se pensar na possibilidade que as mulheres estrangeiras, como “a hetaira de Cízico” (Plut., *Non posse*, 1098b, tradução nossa)⁶¹ ou Leôntion de Atenas foram admitidas na propriedade ateniense não para oferecer suas habilidades artísticas, estéticas ou corporais, e sim para partilharem de uma existência plena de *prazer* em sua totalidade. Porém, esse *prazer*, em Sêneca, possui uma essência profundamente espiritual, voltado ao cuidado tanto do corpo quanto da alma.

⁶¹“a la hetera de Cízico.” (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

Trata-se aqui de uma referência estoica favorável e, no mínimo, surpreendentemente, na medida que se distancia das narrativas anti-epicuristas anteriores de sua própria tradição e se alinha com a delimitação do prazer racional praticado pelos epicuristas. Pois, como explica o próprio Epicuro:

Quando dizemos que o fim último é o prazer, referimo-nos não aos prazeres dos intemperantes ou ao gozo dos sentidos, como alguns mal interpretam, mas sim ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e perturbações da alma (Epicuro, 2002, p. 44, trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore).⁶²

Dada a proximidade entre o prazer racional epicurista, promovido por poucos autores antigos fora do epicurismo, como Sêneca, e a reabilitação do epicurismo desde o Movimento Renascentista até os teóricos contemporâneos, como Gual (2002) e Spinelli (2009), é relevante observar o contraste que emerge em relação a Epicuro, aos primeiros epicuristas e às supostas hetairas associadas ao seu círculo filosófico.

Nos diálogos de *Lucian (Dial. meret., VI, VII)*, constata-se que essas mulheres proporcionavam prazer sexual aos homens, sendo instruídas por figuras femininas experientes sobre como viver adequadamente a vida de hetaira. Se admitir que essas mulheres assumiram essa condição, paradoxalmente, dentro de uma perspectiva pró-epicurista, a lógica parece se inverter no antigo Jardim. Nessa nova construção, o grande mestre epicurista, ao invés de focar no aprimoramento da retórica ou das habilidades de sedução das suas supostas hetairas discípulas, desempenharia o papel de orientá-las sobre a verdadeira natureza do prazer físico e espiritual, que transcende a *técnica* (τέχνη). Assim, Epicuro de Samos se configura como o mestre filosófico das hetairas, direcionando-as para um entendimento mais profundo do hedonismo que fundamentava sua doutrina.

Esta abordagem revela uma postura filosófica bastante coerente e aceitável se considerarmos que, para o grande mestre epicurista:

É vã a palavra desse filósofo que não pode aliviar nenhum problema mortal. Assim como não há lucro na arte do médico, a menos que cure as doenças do corpo, o mesmo se aplica à filosofia, a menos que expulse as aflições da alma (Porph., *Ad Marc.*, 31, tradução nossa).⁶³

⁶²Cf. D.L., X, 131.

⁶³“Vain is the word of that philosopher who can ease no mortal trouble. As there is no profit in the physician’s art unless it cure the diseases of the body, so there is none in philosophy, unless it expel the troubles of the soul.” (Trad. de Alice Zimmern)

Diferentemente das narrativas anti-epicuristas de Timócrates, Plutarco e *Athenaeus*, que retratam a comunidade epicurista primitiva como apreciadora de hetairas tratadas como objetos de prazer de uso comunitário, aqui fica esclarecido que o prazer cultivado pelas supostas hetairas epicuristas era, de fato, um prazer racional. Deste modo, a construção do grande mestre epicurista com um velho cheio de libido feita por *Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XVI) tornar-se inconsistente quando confrontado com verdadeiro *ethos* epicurista, pois o Epicuro, ele mesmo, escreveu a um discípulo do sexo masculino expressamente orientando que:

Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos (Epicuro, 2002, p. 44-45, trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore).⁶⁴

Embora o grande mestre epicurista destaque, na *Carta a Meneceu*, que o prazer com mulheres não é um requisito para uma vida plenamente feliz, é importante notar que isso não implica que tal desejo seja moralmente reprovável ou proibido. Conforme explicado por Berti (2015), o epicurismo não possuía um sistema axiológico que classificava os desejos como *bons* ou *maus*, mas sim os classificava de acordo com sua natureza e experienciados mediante análise de seu impacto simultâneo no bem-estar do *corpo-alma*. Deste modo, o (a) epicurista desfrutava de uma *liberdade de escolha* e de uma consciência tranquila com relação a esse tópico dentro da comunidade primitiva. No entanto, é importante destacar o apontamento de Hutchinson (1994, p. XII, tradução nossa) que:

“[...] Epicuro acreditava no casamento e na família, para aqueles que estão prontos para a responsabilidade, e desaprovava o amor sexual, pois ele enreda o amante em emaranhados de necessidades e vulnerabilidades desnecessárias.”⁶⁵

Considerando isso, a *dispensabilidade do matrimônio* pode ser observada em Diôgenes Laêrtios, o qual o doxógrafo indicou que:

o próprio Epicuro afirma [...] que o sábio não se casará nem gerará filhos. Contrairá matrimônio somente em circunstâncias especiais de sua vida, porém outras

⁶⁴Cf. D.L. X, 132.

⁶⁵“[...] Epicurus believed in marriage and the family, for those who are ready for the responsibility, and he disapproved of sexual love, because it ensnares the lover in tangles of unnecessary needs and vulnerabilities.”

circunstâncias poderão levá-lo a desistir de seu propósito (D.L., X, 119, trad. de Mário da Gama Cury).

Fora das obras comumente ligadas ao epicurismo primitivo, a *prudência* (φρόνησις) diante dos desejos pode constatada no conselho de um epicurista presente em um papiro descoberto na contemporaneidade, o qual carrega a seguinte mensagem:

En(tendo) que você tenha desejos carnaais <inten>sos para o prazer am(oso). Aproveite isso, contanto que não in<frinja> as leis, não transgri<da> os bons costumes, não cause dor ao teu próximo, não <contam>ine a carne, **não gaste o necessário para a vida com <as prostitutas>**; na verdade, é realmente triste não seguir nem <mesmo uma> só dessas regras. Os pra<zeres amorosos >(não trouxeram nunca) benefícios; devemos ser gratos <se não nos trouxerem dan>os (*Pap. Berol.* 16369, col. II, *apud* Parente, 1974, p. 524-525, tradução nossa, negrito nosso).⁶⁶

Em contrapartida às narrativas anti-epicuristas de *Alciphron* e *Athenaeus*, que limitam as hetairas a meras amantes dos primeiros filósofos epicuristas, Berti (2015) e Fábio (2017) argumentam que a presença feminina na comunidade epicurista estava profundamente vinculada às competências filosóficas. Além disso, os estudos de Bignone (1973) apontam a possibilidade de que Leôntion tenha influenciado, de modo indireto, a recepção favorável da escola epicurista em Atenas durante o governo do diadoco Demétrio Poliorcetes. Essas interpretações ampliam as dimensões do protagonismo feminino e sustentam a ideia de que as mulheres foram, de maneira geral, um polo positivo e relevante para a formação inicial do epicurismo.

Compartilhando dessa forte *amizade epicurista* (φιλία) que unia os discípulos como Pítocles e Hêmarcos, e discípulas como Temista e Batis, sabe-se, através dos *Papiros de Herculano*, que uma das supostas hetairas epicuristas recebeu correspondências de seus *amigos* (φίλος). Esse é o caso de Leôntion de Atenas, para quem foi escrita uma carta durante o terceiro arcontato de Diocles (*Script. Epic. inc., P. Herc.* 176, fr. 5, col. XXV 31-36, Vogliano *apud* Guerra, 1991, p. 119). No entanto, ao contrário das cartas recebidas pela revoltada *Leôntion de Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XVI), percebe-se que essas mulheres eram bem tratadas e se relacionavam de forma respeitosa com seus pares, uma conduta que pode ser observada nos recortes de correspondências preservadas em Diôgenes Laértios, onde:

⁶⁶“Ap<prendo> che hai moti della carne piuttosto <viva>ci verso il godimento dei piaceri amo<rosi>. Godi pure di questa tua inclinazione, purché però tu non in<franga> le leggi, non trasgre<disca> i buoni costumi stabiliti, non arrechi dolore al tuo prossimo, non <contam>ini la <carne> o spenda il necessario per la vita <con le meretrici>; è triste cosa infatti non attenersi <anche a una> soltanto di queste regole. I pia<ceri amorosi non hanno ma>i giovato, c'è da esser grati <se non portano dan>no.” (Trad. de Margherita Isnardi Parente).

[...] nas cartas a Leôntion o filósofo [Epicuro] escreveu: “Deus da Cura! Senhor! Pequena Leôntion querida, que transbordamento de alegria me inspirou a leitura de tua carta!” (D.L., X, 6, trad. de Mário da Gama Cury).

E no papiro *P. Herc.* 1418 (col. XX), onde:

[...] numa carta ao próprio Cronius [escreve]: Pois Leôntion também falou frequentemente de você a Epicuro em termos gentis e apropriados, e o mesmo fez Pítocles, a quem você enviou para ficar conosco, e que está cuidando de seus filhos [...] (Philod., *Prag.*, col. XX, Sedley, 1976b, p.29, tradução nossa).⁶⁷

Diante dessa evidência apresentada no *P. Herc.* 1418 (col. XX) percebe-se que as hetairas, ao menos uma delas, desempenharam um papel ativo nas discussões internas da comunidade filosófica, facilitando a troca de informações relevantes entre os epicuristas e outros interlocutores externos. Desse modo, a menção a troca de cartas entre os líderes epicuristas com essas mulheres no corpo papirológico parece indicar que o conteúdo destas correspondências foi importante para gerações subsequentes de epicuristas na reconstrução da história do primeiro Jardim. Isso porque para Gordon (2018, p. 619, tradução nossa):

Filodemo dedicou parte de seu trabalho à pesquisa da história inicial do Jardim e à coleta das cartas originais dos “homens”, conforme evidenciado em sua obra *Pragmatéia*, ou *Trabalhos sobre os Registros de Epicuro* [...].⁶⁸

Se foi relevante ou não, a troca literária entre os líderes epicuristas e as supostas hetairas associadas aos primeiros anos do Jardim para as gerações posteriores, essa é uma questão muito interessante, porém complexa do ponto de vista histórico e filosófico-papirológico. Esta pesquisa não busca aprofundá-la, mas sim apontar como uma possibilidade teórica ainda não explorada de forma merecida dentro da literatura acadêmica epicurista de língua portuguesa no momento de escrita desse trabalho, a qual, em sua grande parcela, resume a filosofia epicurista à defesa de conceitos principais da ética epicurista como *prazer* (ἡδονή), *felicidade* (εὐδαιμονία), *serenidade* (ἀταραξία), *ausência de dor* (ἀπονία), e, por que não dizer, os *quatro remédios* (τετραφάρμακον).

Por outro lado, no contexto do que esta pesquisa pretende discutir, é importante destacar que a *escrita* e a *atuação* de uma das hetairas epicuristas aparentemente ganhou

⁶⁷“[...] in a letter to Cronius himself he writes: ‘For Leontion too has frequently spoken of you to Epicurus in kind and appropriate terms, and so has Pythocles, whom you have sent to stay with us, and who is taking charge of your sons [...]’ (Trad. de David Sedley).

⁶⁸“Philodemus devoted some of his work to researching the early history of the Garden and collecting the original letters of ‘the men’, evident from his *Pragmateiai*, or *Works on the Records of Epicurus* [...]”

grande notoriedade além dos muros da propriedade ateniense, sendo lembrada e enfatizada especialmente por sua habilidade estilística refinada.

Essa marca da hetaira epicurista da primeira geração pode ser observada no discurso do acadêmico Cotta, em *De Natura Deorum*. Ao apontar as inconsistências na concepção dos deuses epicuristas defendida pelo senador epicurista romano Caio Veleio, o acadêmico afirmou que:

[...] Leôntion, aquela cortesã, que teve a audácia de escrever uma resposta a Teofrasto, observe bem, **ela escreveu elegantemente em bom estilo ático**, mas ainda assim, essa era a licença que prevalecia no Jardim de Epicuro (Cic., *Nat. Deor.*, I, 93, tradução nossa, negrito nosso).⁶⁹

Diante da evocação da hetaira epicurista por um acadêmico no século I a.C., autoras como Berti (2015) e Snyder (1989) sugerem que a presença de Leôntion também é registrada por Plínio, o Velho, em sua extensa obra *Naturalis Historia*. Nesse trabalho, o historiador relata que uma mulher, cuja identidade não é especificada, se opôs a Teofrasto. Na referida passagem, Plínio, entre diversas críticas, escreveu que:

Com esta admissão, espero escapar das críticas mordazes, e tenho ainda mais motivo para dizer isso, porque ouço dizer que há certos Estóicos e Lógicos, e também Epicuristas (dos Gramáticos eu esperava tanto), que estão tramando algo contra o pequeno trabalho que publiquei sobre Gramática; e que eles vêm alimentando essas críticas há dez anos seguidos — uma gestação mais longa do que a de um elefante. Mas sei muito bem que até mesmo **uma mulher uma vez escreveu contra Teofrasto**, um homem tão eminente por sua eloquência que obteve seu nome, que significa o Orador Divino, e que deste fato surgiu o provérbio de escolher uma árvore para se enforcar. (Pliny, *NH*, pref., 29.35, tradução nossa, negrito nosso)⁷⁰

Na *Baixa Idade Média* e no início do *Movimento Renascentista*, Leôntion, a epicurista, recebeu um capítulo exclusivo na obra *De Mulieribus Claris*⁷¹ do poeta e crítico florentino Boccaccio, que reunia biografias de mais de cem mulheres famosas no Mundo

⁶⁹ “[...] Leontion, that mere courtesan, who had the effrontery to write a riposte to Theophrastus — mind you, she wrote elegantly in good Attic, but still, this was the license which prevailed in the Garden of Epicurus.” (Trad. de P. G. Walsh).

⁷⁰ “By this admission I hope to escape from the carping critics, and I have the more reason to say this, because I hear that there are certain Stoics and Logicians, and also Epicureans (from the Grammarians I expected as much), who are big with something against the little work I published on Grammar; and that they have been carrying these abortions for ten years together — a longer pregnancy this than the elephant’s. But I well know, that even a woman once wrote against Theophrastus, a man so eminent for his eloquence that he obtained his name, which signifies the Divine speaker, and that from this circumstance originated the proverb of choosing a tree to hang oneself.” (Trad. de John Bostock e Henry Thomas Riley)

⁷¹ Traduz-se do latim por *Mulheres Famosas*.

Antigo. Em sua biografia particular e exclusiva, Leôntion de Atenas é retratada como uma mulher imersa na filosofia. Como escreveu *il Certaldese*:

Se estou certo, **Leôntion** era uma mulher grega e era **famosa na época de Alexandre, o Grande**, o rei da Macedônia. Se ela tivesse preservado a honra feminina, seu nome teria sido muito mais esplêndido e glorioso, pois **ela tinha grandes poderes intelectuais**. Segundo o testemunho dos antigos, **ela era tão estudiosa que ousou escrever e criticar Teofrasto**, famoso filósofo da época, movido por inveja ou temeridade feminina. Eu não vi este trabalho. Porque **a sua fama perdurou ao longo dos séculos até à nossa época**, não se pode dizer que fosse uma ninharia ou que fosse sinal de pouca erudição, embora seja um claro indício de inveja. Pois só raramente o **gênio sublime** surge dessa escória, e se às vezes é implantado pelo céu, seu esplendor é ofuscado pelas sombras da condição humilde. (Boccaccio, *De mulier.*, cap. LVIII, tradução nossa, negrito nosso).⁷²

Diante da ideia de que as mulheres epicuristas desempenharam um papel de protagonismo no antigo Jardim de Epicuro, é relevante destacar que autoras contemporâneas como Snyder (1989) e Berti (2015) concordam que Leôntion teve um papel significativo na organização logística da comunidade epicurista ateniense, especialmente em relação aos seus pares. Este posicionamento significativo das pesquisadoras supracitadas se fundamenta, direta ou indiretamente, no trabalho exclusivo de Jensen⁷³ sobre o papiro *De Vitiis* (col. II) de Filodemo de Gadara, onde foi preservada a seguinte passagem:

Quanto aos <in>sultos que <e>le tem acu<mulado>contra você, ele é incapaz de lhe trazer qualquer de<son>ra, mesmo que diga que é uma pena que <Leon>ti<on>, por um <certo tem>po, tenha tido a <presidên>cia sobre os outros e, portanto, mesmo sobre uma <mulh>er cas<ada>. Ele não tem <o direito> de rir disso; e, embora ele quera <envergonh>á-la, ele realmente <desonra> apenas a si mesmo com esses discursos. É perfeitamente legítimo conceder a p<re>si<dência> a quem você quiser quando se trata de pessoas que trocam de função dentro de seu grupo e, portanto, não pode ser <tratado com des>prezo por pessoas que não compartilham de sua mentalidade (Filod., *De vitiis*, col. II, p. 17, Jansen *apud* Parente, 1974, p. 532, tradução nossa).⁷⁴

⁷²“If I Am correct, Leontium was a Greek woman and was famous at about the time of Alexander the Great, the king of Macedonia. [...] According to the testimony of the ancients, she was such a scholar that she dared write against and criticize Theophrastus, a famous philosopher of that period, moved either by envy or womanly temerity. I have not seen this work. Because its fame has lasted throughout the centuries until our own age, we cannot say that it was a trifle or that it was a sign of poor scholarly ability, although it is a clear indication of envy. Since she was so brilliant in these splendid studies, I will not easily believe that she was of lowly plebeian origin.” (Trad. de Guido A. Guarino).

⁷³Refere-se aqui ao papirologo clássico Christian Cornelius Jensen (1883-1940) responsável pela edição e tradução de alguns papíros de Filodemo de Gadara. Sua principal obra discutida nesta pesquisa é *Ein neuer Brief Epikurs* (Berlim, 1933).

⁷⁴“Quanto agli <in>sulti che <eg>li ha accu<mulato> contro di voi, non gli riesce di recarvi alcun di<sono>re anche se dice che è una vergogna che <Leon>zi<o>, per un <certo te>mpo, abbia avuto la p<re>si<denza> sugli altri, e quindi perfino su di una <don>na spo<sata>. Non ha egli <il diritto> di ridere di ciò; e, mentre vuole re<care on>ta a

Diante dessa fonte papirológica que revela dados relevantes sobre o epicurismo primitivo, é fundamental observar que as interpretações de Snyder (1989) e Berti (2015) convergem na visão de que a comunidade epicurista, além de ser socialmente diversa, adotava uma gestão ativa que incluía a participação feminina. A questão de saber se a administração de Leôntion no Jardim de Epicuro, baseada unicamente no trabalho de Jensen, é plausível ou possível, especialmente quando confrontada com o crivo da crítica contemporânea, será discutida na próxima sessão.

Por ora, é possível afirmar que as hetairas epicuristas aparentemente desempenharam um papel ativo na filosofia ao lado dos primeiros epicuristas, como Epicuro e seus contemporâneos. Na Antiguidade, uma dessas supostas hetairas foi elogiada pelo renomado retórico alexandrino *Aelius Théon* (fl. I d.C.) como grande exemplo feminino. Sobre Leôntion, o retórico escreveu:

Também é merecedor de admiração aquele que, partindo de uma profissão artesanal ou de uma condição abjeta, foi capaz de produzir uma obra bela, como **Simão, o sapateiro, e Leôntion, a cortesã que, segundo se diz, se tornaram filósofos**: a virtude, de fato, brilha especialmente na adversidade. (Ael. Th., *Prog.*, 111-112, tradução nossa, negrito nosso).⁷⁵

voi, in realtà <disonora> soltanto se stesso con questi discorsi. È perfettamente lecito concedere la <presiden>za a chi si voglia quando si tratta di persone che si scambiano le funzioni all'interno del loro gruppo, e non possono quindi esser <trattate con di>sprezzo da gente che non condivide la loro disposizione d'animo." (Trad. de Margherita Isnardi Parente).

⁷⁵“Mérite aussi d’être admiré celui qui, parti d’un métier d’artisan ou d’une condition abjecte, a su produire une belle œuvre, comme Simon le cordonnier et Léontion la courtisane qui devinrent, diton, des philosophes: la vertu en effet brille surtout dans l’infortune.” (Trad. de Michel Patillon e Giancarlo Bolognesi).

5. A CONDIÇÃO DAS HETAIRAS EPICURISTAS PARA ALÉM DO JARDIM DAS NARRATIVAS

Na primeira seção deste trabalho, examinou-se as diversas narrativas que associam as mulheres chamadas de *hetairas* à comunidade epicurista primitiva. Destacou-se suas condições e papéis dentro da comunidade, bem como as situações enfrentadas por elas, conforme retratados nas fontes externas ao Jardim de Epicuro. A análise revelou como essas narrativas moldaram a percepção da vida e da história dessas mulheres na Antiguidade, apresentando-as como instrumentos na busca pelo prazer físico e pela procriação na vida privada epicurista.

Na segunda seção, explorou-se as perspectivas teóricas que reavaliam a posição das *hetairas* dentro do epicurismo primitivo de forma mais positiva. Observou-se que os estudiosos argumentaram que as *hetairas* epicuristas desempenharam um papel significativo na comunidade epicurista, com um envolvimento substancial na esfera filosófica, transcendente ao contexto sexual frequentemente destacado no Mundo Antigo.

Diante dessas abordagens contrastantes, é fundamental realizar uma análise crítica das interpretações apresentadas. Esta análise deve incluir uma revisão das perspectivas contemporâneas sobre a presença e o papel das *hetairas* no Jardim de Epicuro. O objetivo é tentar compreender se essas mulheres desempenhavam papéis equivalentes aos dos homens na comunidade epicurista primitiva, se eram mães dos filhos dos filósofos e se participavam ativamente da prática filosófica, conforme sugerido por correntes predominantes na tradição acadêmica de língua portuguesa que estuda o epicurismo de Epicuro, Hêrmacos, Metrôdoros e Polieno.

5. 1 Foram as tais *hetairas* epicuristas *hetairas* e iguais aos homens no Jardim?

Conforme indicado no início da segunda sessão, tanto Gordon (2012) quanto Arenson (2023) concordam que a narrativa de que o Jardim de Epicuro era habitado por mulheres *hetairas* tem seus primórdios na literatura produzida pelo ex-discípulo Timócrates de Lâmpsaco. Assim, é através do resumo de *Delícias* feito por Diôgenes Laértios (X, 7) que sabe-se que o Jardim mantinha vínculos com Leôntion (Λεόντιον), Mamárion (Μαμμάριον), Hedeia (Ἡδεῖαν), Erótion (Ἐρώτιον) e Nicídion (Νικίδιον). Posteriormente, na época do

Império Romano, em sua *guerra epistêmica*, Plutarco (*No posse*, 1097e) vincula Bodíon (Βοίδιον) à comunidade epicurista primitiva. Através dos *Papiros de Herculano*, em Filodemo (*Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115) uma fonte vinculou Demétria à comunidade primitiva. Por fim, Kapparis (2021) adiciona Filénis de Samos (Φιλαινίδα) à *lista oficial* de mulheres do Jardim de Epicuro como base em Posidónio citado por Cleomenes (*Lectures on Astronomy*, I, 511).

Embora a narrativa anti-epicurista timocratiana, que sugere que algumas discípulas epicuristas eram *hetairas*, seja mais conhecida, é importante lembrar que o ex-discípulo epicurista não foi o único que afirmou isso entre os Antigos. Por exemplo, segundo Plutarco havia na propriedade epicurista uma “hetaira de Cízico [Κυζικηνῆς ἑταίρας]” (*Non posse*, 1098b, tradução nossa)⁷⁶ e *Aelius Théon* aponta que Leôntion era uma “cortesã [ἑταίραν]” (*Prog.*, 112).⁷⁷ Já, em Cícero, Leôntion foi chamada de “cortesã [*meretricula*]” (*Nat. Deor.*, I, 93, tradução nossa)⁷⁸, enquanto, em Cleomenes, tanto Filénis quanto Leôntion foram consideradas por Posidónio como “prostitutas [ἑτάριαι]” (*Lectures on Astronomy*, I, 511, tradução nossa).⁷⁹ Além disso, referências indiretas por Plutarco sugerem que os epicuristas tiveram descendência com “prostitutas [ἑταίρων]” (*Adv. Col.*, 1127b, trad. de Juan F. M. Montiel). Por fim, através de Filodemo, uma fonte afirma que “[...] Nicídion foi amante [ἑρωμένη] de Idomeneu, Mamáron de Leônteu, Demétria de Hêmarcos [...]” (*Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115, tradução nossa).⁸⁰

Diante dessas diversas narrativas convergentes e conflitantes sobre a condição de determinadas mulheres epicuristas, faz-se necessário investigar se essas mulheres eram *hetairas* (ἑταῖραι) ou *amantes* (ἑρωμένες) de fato ou se assumiram outras condições no Jardim de Epicuro, considerando as nuances contextuais presentes nas narrativas antigas e as interpretações da literatura contemporânea sugerem sobre as possíveis condições dessas mulheres, caso seja possível chegar alguma conclusão razoável, a qual possa ajudar a compreender a performatividade feminina no epicurismo primitivo da primeira geração.

Em busca de respostas sobre a condição dessas mulheres epicuristas, desde já é importante destacar que não existem muitas informações sobre as suas biografias antes terem

⁷⁶“hetera de Cízico”. (Trad. de Juan F. M. Montiel).

⁷⁷“courtisane”. (Trad. de Michel Patillon e Giancarlo Bolognesi).

⁷⁸“courtesan”. (Trad. de P. G. Walsh).

⁷⁹“whores”. (Trad. de Alan C. Bowen e Robert B. Todd).

⁸⁰“Nicidio fu l'amante di Idomeneo, Mammario di Leonteo, Demetria di Ermarco [...]”. (Trad. de Anna Angeli).

contato com Epicuro, os epicuristas e sua doutrina. Do que se sabe, de acordo com Diôgenes Laértios (X, 23), Leôntion era uma hetaira que tinha vínculo com o território ateniense e, conforme relata *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 70; 64), teve um relacionamento íntimo com o poeta Hermesianax de Cólofon e foi mãe da hetaira Danae. Por outro lado, segundo *Athenaeus* (*Deipno.*, VIII, 13) Filénis era originária da pequena ilha de Samos⁸¹ e que escreveu sobre erotismo. Por fim, os estudos recentes de Castner (1982) revelam que os nomes Mamáron e Nicídion não eram comuns, enquanto Bodíon e Hedeia eram mais frequentes do ponto de vista do território ático.⁸²

Com base nos autores supracitados, observa-se que o antigo Jardim de Epicuro poderia ter abrigado tanto mulheres locais quanto mulheres da Ásia Menor e de outras regiões, ainda que informações específicas sobre Erótion e Demétria sejam escassas. Nesse contexto, concorda-se com a possibilidade levantada por Kapparis (2021, p. 200, tradução nossa, itálico nosso) que “Leôntion, Mammáron, Hedeia, Erótion, Nicídion, Filénis e Boidíon, algumas das quais provavelmente eram *metecas*.”^{83,84}

Diante dessa possibilidade de uma grande parte dessas mulheres serem *metecas* como pondera Kapparis, é relevante observar que “[...] muitas das hetairas estrangeiras mencionadas em *Athenaeus* vêm da Ásia Menor em particular” (Gordon, 2012, p. 102, tradução nossa).⁸⁵ No entanto, é importante considerar a observação de Kennedy que:

[...] mulheres *metecas* imigraram para Atenas em busca de oportunidades econômicas. Algumas dessas mulheres podem ter sido prostitutas, embora nos registros epigráficos encontremos mulheres *metecas* trabalhando como enfermeiras, parteiras, trabalhadoras de lã e vendedoras nos mercados, entre outros tipos de emprego (Kennedy, 2014, n.p., tradução nossa).⁸⁶

Diante das diversas ocupações que uma mulher estrangeira poderia exercer, conforme indicado por Kennedy, as análises etimológicas dos nomes das mulheres epicuristas

⁸¹Cf. O *P. Oxy.* 2891 (fr. 1, col. I, Lobel) parece confirmar a naturalidade samia de Philaenis.

⁸²Essa região geográfica antiga abrigava a antiga cidade de Atenas, consequentemente o Jardim de Epicuro.

⁸³De acordo com Kennedy (2014), os *metecos* eram homens e mulheres estrangeiros autorizados a residir na cidade de Atenas, mas estavam sujeitos à tributação e não tinham direitos políticos na comunidade local.

⁸⁴“[...] Leontion, Mammarrion, Hedeia, Erotion, Nikidion, Philainis and Boidion, some of whom were probably metics.”

⁸⁵“[...] as many of the foreign hetaerae mentioned in *Athenaeus* hail from Asia Minor in particular.”

⁸⁶“[...] metic women immigrated to Athens for economic opportunities. Some of these women may have been prostitutes, although in the epigraphical record we find metic women working as nurses, midwives, woolworkers, and vendors in the markets among other types of employ.”

apontam para a conclusão de que uma proporção significativa dessas mulheres era composta por *hetairas*. Snyder explica que:

Na maioria dos casos, sua posição como *hetairas* parece ser confirmada pelos significados tipicamente sugestivos de seus nomes: Hedeia (“Doce”), Mammáron (“Tetas”), Boidion (“Olhos de Boi”, ou algo nesse sentido), Demétria (“Ceres”), e (“Amável”) (Snyder, 1989, p. 105, tradução nossa).⁸⁷

Embora os nomes dessas mulheres, rotuladas como *hetairas* ou prostitutas, pareçam refletir suas possíveis ocupações, conforme sugerido por Snyder, é importante observar que autores como Gordon (1996, 2004, 2012) apontam a falta de evidências sólidas que confirmem a historicidade de Mamáron, Hedeia, Nicídion, Bodíon, Demétria e Erótion, especialmente porque elas são evocadas em contextos negativos ao epicurismo primitivo. Além disso, Plant (2004) propõe que Filénis de Samos pode não ter sido uma mulher real, mas sim uma personagem fictícia do campo literário. Com base nas constatações desses autores, é possível que o Jardim de Epicuro tenha acolhido algumas mulheres consideradas prostitutas ou *hetairas*, mas a negação total dessa hipótese não é sustentada. Pois autores críticos como Gordon (2013) e Gazur (2023) concordam que Leôntion de Atenas foi um *sujeito histórico*.

Diante da ceticidade de Gordon sobre a narrativa de que o Jardim Epicurista era frequentado por mulheres *hetairas* ou prostitutas, os estudos de Castner (1982) sugerem que mulheres como Bodíon, Hedéia, Nicídion e Mamáron poderiam ter existido como sujeitos históricos com base na grafia de seus nomes presentes nos inventários de Asclépio em Atenas e de Anfiarau em Oropos⁸⁸, apontadas como temporalmente próximas à fundação do Jardim. No entanto, embora a hipótese de Castner ofereça um suporte favorável à ideia de que o Jardim de Epicuro foi frequentado por mulheres *hetairas* ou prostitutas concretas, Gordon (1996, 2004, 2012), com base no trabalho de Sara Aleshire⁸⁹, aponta para a falta de conexão entre os nomes femininos e a realidade histórica dos primeiros anos do Jardim de Epicuro, do ponto de vista do inventário ateniense.⁹⁰

⁸⁷“In most cases, their position as *hetairai* seems to be confirmed by the typically suggestive meanings of their names: Hedeia (‘Sweet’), Mammáron (‘Tits’), Boidion (‘Ox-eyes,’ or something to that effect), Demetria (‘Ceres’), and Erotion (‘Lovey’).”

⁸⁸ Refere-se aqui à moderna cidade grega Oropos localizada ao norte de Atenas.

⁸⁹Gordon (2012) baseia-se no trabalho de Sara B. Aleshire por nome de *The Athenian Asklepieion: The People, their Dedications, and the Inventories* (Amsterdam, 1989).

⁹⁰De acordo com o excelente trabalho de Castner (1982), as epígrafes dos nomes de Mammáron e Hedeia podem ser encontradas em IG II² 1534 (27, 41), respectivamente. Por outro lado, as epígrafes referentes a Nicídion,

Diante da hipótese apresentada por Gordon, que sugere que muitas das mulheres associadas ao epicurismo primitivo, identificadas como *hetairas* ou prostitutas, podem não ter realmente existido ou frequentado o Jardim de Epicuro, autores contemporâneos como González (2002) e Cid (2021) oferecem abordagens interpretativas que podem servir como contraponto a esse cenário. González argumenta que a presença feminina na comunidade epicurista primitiva pode ser explicada pelo afastamento consciente dos vínculos civis e culturais excludentes, que moldaram a sociedade grega. Por outro lado, Cid hipotetiza, especialmente, que a renovação onto-teológica epicurista e a adoção de uma ética prática que valoriza a pluralidade oferece um suporte à inclusão de mulheres concretas no Jardim.

Embora o posicionamento de González e Cid se baseiem em boas razões e argumentos refinados, os trabalhos de Gordon (2004, 2012) mostram que é problemático fundamentar a historicidade e a presença dessas mulheres com base apenas na abstração do arcabouço doutrinário epicurista. Trata-se de uma crítica dura que tenciona toda uma tradição acadêmica que estuda o epicurismo primitivo e que mina a toda possibilidade de argumentação que não considere o epicurismo como um *paradigma* e o contraditório. Essa dura crítica de Gordon torna-se bastante convincente ao considerá-la a contradição apontada por Clay (2009) que o epicurismo, apesar de negar teoricamente a relevância da morte, a afirma na prática através de seus cultos póstumos.⁹¹

Considerando o exposto, é possível observar que a simples pergunta sobre a condição das mulheres denominadas *hetairas* ou *prostitutas* na primeira geração do Jardim de Epicuro se conflita com suas próprias historicidades. A dúvida sobre se todas essas mulheres realmente existiram ou se apenas uma delas foi uma figura concreta continua em aberto. Esta humilde pesquisa não pretende resolver ou se envolver nesse debate, mas destacar a presença desse tensionamento na literatura epicurista internacional sobre o feminino no Jardim. No entanto, assumindo a existência dessas mulheres como real, como é amplamente aceito pela tradição acadêmica que estuda o epicurismo greco-romano, resta o questionamento sobre suas prováveis condições e funções dentro do Jardim de Epicuro.

Hedeia e Bodión estão disponíveis em SEG XVI 300 (6, 9, 12), respectivamente. Tanto o antigo inventário dedicado a Asclépio, deus grego da medicina, em Atenas (IG II² 1534), quanto o inventário em homenagem ao herói mítico Anfiarau (SEG XVI 300) estão disponíveis no formato digital para consulta pública. Para consultar as inscrições de IG II² 1534, cf. <https://inscriptions.packhum.org/text/3751?hs=3532-3545>. Disponível em: Acesso em: 30 jun. 2024. Por sua vez, para consultar as inscrições do SEG XVI 300, cf. Disponível em: <https://inscriptions.packhum.org/text/180507?hs=306-318>. Acesso em: 30 jun. 2024.

⁹¹Sobre a origem desses cultos celebrados no Jardim, cf. D.L., X, 18.

Diante da questão sobre se essas mulheres eram, de fato, hetairas ou prostitutas, e qual era sua condição e papel dentro da comunidade epicurista, autores contemporâneos como Fábio (2017) e Berti (2015) oferecem perspectivas que, embora divergentes em alguns pontos, são complementares em outros. Fábio argumenta que a perpetuação das narrativas que retratam as mulheres epicuristas como hetairas não é suficiente para confirmá-las como tal, uma vez que a tradição antiga limitava a representação do feminino e o epicurismo era uma filosofia racional. Em contraste, Berti defende que as hetairas copunham o núcleo social epicurista ateniense em sua primeira geração, sendo que as suas performatividades estavam intrinsecamente ligadas à experiência filosófica na vida privada epicurista.

Comparando as interpretações de Fábio e Berti, observa-se que ambas concordam que o epicurismo era acessível ao público feminino. No entanto, há divergências quanto à condição específica das mulheres, como *hetairas*, dentro da comunidade epicurista. O posicionamento conflitante de Fábio e Berti é um reflexo de uma questão ainda aberta a interpretações e polarizada na tradição acadêmica contemporânea, a qual se depara com o horizonte interpretativo ambivalente de *ser* ou não-*ser hetaira*, cuja síntese ainda não é clara. Trata-se de um conflito histórico-filosófico que pode ser resumido na assertiva pontual de Gordon (1996, p. 86, tradução nossa) que as “[...] informações sobre essas mulheres aparecem em fontes hostis ao epicurismo ou são influenciadas por tais fontes, é difícil separar o fato da polêmica.”⁹²

Em contraposição às interpretações que valorizam mais o aspecto intelectual dessas mulheres na comunidade epicurista, como as de Fábio e Berti, é importante salientar que Torres (2018), com base no *P. Herc.* 1005 (fr. 117, col. VIII-XX, Angeli), sugere que essas discípulas poderiam ter explorado o âmbito sexual dentro da comunidade epicurista. Trata-se aqui de um texto de Filodemo de Gadara, no qual uma fonte afirma que:

[...] Leôntion e outra cortesã são mencionados nos escritos doutrinários e que **Nicídion foi amante de Idomeneu, Mamárion de Leônteu, Demétria de Hermárcos** e que Polieno foi tal pedagogo de Pítocles[...] (Filod. *Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005. fr. 117, col. VIII-XX Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115, tradução nossa, negrito nosso).⁹³

⁹² “[...] information about these women appears in sources hostile to Epicureanism or is influenced by such sources, it is difficult to separate fact from polemic.”

⁹³ “[...] Leonzio ed un'altra etèra sono menzionate negli scritti dottrinari e che Nicidio fu l'amante di Idomeneo, Mammario di Leonteo, Demetria di Ermarco e che Polieno fu tale pedagogo [...]” (Trad. de Anna Angeli).

Embora a passagem mencione explicitamente relacionamentos amorosos entre os discípulos e as mulheres de condição questionável em Filodemo, Gazur (2023) e Erbi (2020) indicam que Filodemo está lidando com os danos internos de uma *heterodoxia*. Com base nesses autores, o papiro *P. Herc.* 1005 (fr. 117, col. VIII–XX, Angeli) não fornece fundamentos consistentes para afirmar com certeza que essas mulheres mantiveram relacionamentos amorosos com os primeiros discípulos epicuristas, sem ressalvas. No entanto, é oportuno destacar que, de acordo com Gordon:

parece que Filodemo está criticando o epicurista desviado por acreditar em coisas ruins sobre a primeira geração do Jardim, não por acreditar em *hetairas* epicuristas que não existiam (Gordon, 2004, p. 239, tradução nossa, itálico do autor).⁹⁴

Diante da possibilidade de que as *hetairas* ou prostitutas epicuristas mantiveram vínculos estreitos com os primeiros epicuristas, Jones (1992) explica que o epicurismo compreende o prazer sexual como uma dimensão natural da existência humana, mas apenas satisfeito desde que não perturbe a constituição físico-espiritual. Essa interpretação é coerente com os princípios epicuristas presentes na *Carta a Meneceu*, onde Epicuro delimita claramente sua concepção de prazer ao explicar que:

então dizemos que o fim último [τέλος] é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao **prazer** [ἡδονή] que é **ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma**.

Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, **nem a posse de mulheres** [γυναικῶν] e **rapazes** [παίδων], nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que **tornam doce uma vida**, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos (Epicuro, 2002, p. 44-45, trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore, negrito nosso).⁹⁵

Ainda que os epicuristas adotassem uma *vida ascética* em contraste com o *hedonismo vulgar*, a possibilidade de uma interação estreita entre os discípulos e as mulheres que, supostamente, frequentavam o Jardim de Epicuro não pode ser descartada. Afinal, a doutrina

⁹⁴“it seems Philodemus is criticizing the wayward Epicurean for believing bad things about the first generation of the Garden, not for believing in Epicurean *hetairai* who did not exist.”

⁹⁵Cf. D.L., X, 131–132.

epicurista permite considerar essa possibilidade, embora a concretização dessa prática seja objeto de controvérsia e falta de consenso na literatura acadêmica sobre o epicurismo.

Diante da presença de mulheres entre os homens no antigo Jardim, é importante ressaltar que tanto Snyder (1989) quanto Berti (2015) compartilham a visão de que o público feminino da primeira geração vivenciava a filosofia epicurista de forma plena, em igualdade de gênero, dentro da estrutura formativa e organizacional epicurista. Ambas as perspectivas retratam a comunidade epicurista primitiva como um espaço acolhedor, proporcionando um ambiente igualitário e horizontal para as mulheres no Período Helenístico.

Diante da interpretação do protagonismo feminino na comunidade epicurista da primeira geração presente na literatura acadêmica sobre epicurismo primitivo, Gordon (2004, 2012) e Torres (2018) argumentam que não há evidências substanciais que sustentem tais interpretações. Além disso, ambos se baseiam na interpretação de De Witt⁹⁶, conforme analisado por eles mesmos, que descreve a estrutura da comunidade epicurista como vertical, utilizando essa visão contraposição a concepção de um espaço igualitário e horizontal.

Com base nos autores mencionados, pode-se pensar que a interpretação da propriedade epicurista como um ambiente horizontal e igualitário pode ser uma idealização. Embora Epicuro e o Jardim tenham promovido transformações filosóficas em sua época, é importante reconhecer que tanto o filósofo quanto sua comunidade e os poucos discípulos efetivos também foram influenciados pela historicidade e pela tradição. Assim, a visão de um ambiente plenamente igualitário pode não refletir a realidade complexa do epicurismo em sua gênese.

Diante da possibilidade do igualitarismo e da horizontalidade nunca ter sido praticado pela comunidade epicurista primitiva, é importante destacar que a suposta estrutura vertical epicurista identificada por Gordon e Torres em De Witt apresenta problemas internos. Gazur (2023) observa que muitas das informações de De Witt sobre a vida comunitária e a distribuição de papéis na primeira geração do Jardim não são sustentadas por evidências verificáveis, mas sim por suposições derivadas das conjecturas do próprio acadêmico canadense. Essa constatação de Gazur dá um *fôlego* adicional às interpretações de Snyder e Berti levantadas anteriormente, mas não resolve completamente a questão.

Diante disso, é pertinente questionar qual fonte epicurista remanescente poderia oferecer um contraponto convincente às críticas de Torres e Gordon sobre a ideia de que

⁹⁶Norman Wentworth De Witt (1876–1958) foi um acadêmico canadense especializado em epicurismo e estudos clássicos. Sua obra discutida nesta pesquisa é *Epicurus and His Philosophy* (Minneapolis, 1954).

mulheres estiveram, incluindo as hetairas, em pé de igualdade em relação a Epicuro e seus primeiros discípulos. Nesse contexto, é relevante retornar ao ponto que Snyder (1989) e Berti (2015) concordam que Leôntion de Atenas desempenhou um papel fundamental na estrutura organizacional do Jardim de Epicuro.

Embora essas autoras partam de perspectivas diferentes sobre a doutrina epicurista, ambas baseiam suas interpretações, direta ou indiretamente, no trabalho de Jensen sobre o papiro *De vitiis* de Filodemo de Gadara, onde um epicurista menciona que:

Quanto aos <in>sultos que <e>le tem acu<mulado>contra você, ele é incapaz de lhe trazer qualquer de<son>ra, mesmo que diga que é uma pena que <Leon>ti<on>, por um <certo tem>po, tenha tido a <presidên>cia [prostasia] sobre os outros e, portanto, mesmo sobre uma <mulh>er cas<ada>. Ele não tem <o direito> de rir disso; e, embora ele quera <envergonh>á-la, ele realmente <desonra> apenas a si mesmo com esses discursos. É perfeitamente legítimo conceder a p<re>si<dên>cia [prostasia] a quem você quiser quando se trata de pessoas que trocam de função dentro de seu grupo e, portanto, não pode ser <tratado com des>prezo por pessoas que não compartilham de sua mentalidade (Filod., *De vitiis*, col. II, p. 17 Jansen *apud* Parente, 1974, p. 532, tradução nossa, negrito nosso).⁹⁷

Embora o papiro *De vitiis* seja um *forte candidato* para apoiar a tese do protagonismo feminino e da igualdade de gênero no Jardim de Epicuro, é importante observar que o papiro reconstruído por Jensen apresenta tensões que podem enfraquecer essa posição. Parente (1974) ressalta que o nome da hetaira epicurista foi deduzido através da reconstrução papirológica. Ou seja, a evidência mais consistente de uma figura feminina proeminente entre os membros do grupo epicurista não a menciona de forma explícita, o que deixa margem para questionamentos. Por outro lado, Föllinger observa que:

[...] se esta reconstrução estivesse correta, poderíamos concluir que era possível que uma mulher assumisse um papel de liderança no círculo epicurista. Isto sugeriria que as mulheres, como pode ser deduzido de outras fontes, ocupavam uma posição relativamente igual no círculo epicurista. Dada esta circunstância, é surpreendente que não tenhamos reflexões teóricas sobre uma possível igualdade entre os sexos (Föllinger, 1996, p. 255, tradução nossa).⁹⁸

⁹⁷“Quanto agli <in>sulti che <eg>li ha accu<mulato> contro di voi, non gli riesce di recarvi alcun di<sono>re anche se dice che è una vergogna che <Leon>zi<o>, per un <certo te>mpo, abbia avuto la p<re>si<dên>a sugli altri, e quindi perfino su di una <don>na spo<sata>. Non ha egli <il diritto> di ridere di ciò; e, mentre vuole re<care on>a a voi, in realtà <disonora> soltanto se stesso con questi discorsi. È perfettamente lecito concedere la <presiden>a a chi si voglia quando si tratta di persone che si scambiano le funzioni all'interno del loro gruppo, e non possono quindi esser <trattate con di>sprezzo da gente che non condivide la loro disposizione d'animo.” (Trad. de Margherita Isnardi Parente).

⁹⁸“Wenn diese Rekonstruktion zuträfe, ließe sich erschließen, daß es im epikureischen Kreis für eine Frau möglich war, eine führende Funktion zu übernehmen. Dies würde dafür sprechen, daß die Frauen, wie es aus den anderen Quellen zu erschließen ist, eine relativ gleiche Stellung im epikureischen Kreis einnahmen. In

Através dos Antigos sabe-se que os epicuristas da primeira geração eram influentes tanto dentro quanto fora de sua comunidade, levando uma *vida ativa* e desempenhando papéis importantes. *Strabo* (*XIII*, 1.19) relata que Idomeneu e Leônteu eram homens de grande influência em Lâmpsaco. Plutarco (*Adv. Col.*, 1126 e-f) menciona que Metrôdoros intercedeu pela liberação de Mítres, que estava preso no Pireu. Angeli (1993, 2016) observou que no *P. Herc.* 176 (fr. 5, Vogliano), Leônteu tentou equilibrar a relação tensa entre Metrôdoros e Timócrates de Lâmpsaco. Além disso, Diôgenes Laértios (*X*, 3, 10) e Aulus Gellius (*II*, 18) destacam o papel proeminente do escravo Mys entre seus pares no Jardim. Finalmente, é relevante notar que, segundo Sêneca (*Epist. ad Luc.*, XXI, 3), Idomeneu estava ligado a um cargo de confiança política.

Diante disso, vale a pena chamar a atenção que todos os indivíduos destacados entre os discípulos de Epicuro mencionados são *homens*. Por outro lado, não há informações detalhadas sobre a influência ativa de Leôntion no Jardim além do que é registrado no papiro *De vitiis* (Col. II, Jansen). Tanto Diôgenes Laértios (*X*, 16–21, 25) quanto *Cicerón* (*De finibus*, II, 101) indicam que, na primeira geração, Hêrmacos de Mitilene tornou-se o novo líder do Jardim, e que Aninômacos e Timócrates de Atenas foram responsáveis pela administração da comunidade epicurista. Por outro lado, Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93) reconhece tanto o protagonismo quanto a estilística de Leôntion, enquanto *Aelius Théon* (*Prog.*, 112) destaca sua notável experiência filosófica. No entanto, em ambos os casos, isso não implica em uma gestão direta da propriedade epicurista por parte de Leôntion. De maneira semelhante, Boccaccio (*De Mulier.*, cap. LVIII) menciona Leôntion como uma figura feminina importante em sua época, mas o florentino não a descreve como uma discípula epicurista.

Entre Epicuro e Leôntion, é notável que, em momentos críticos, foi Epicuro que exerceu a *liderança*, como destaca Plutarco que afirma que Epicuro cuidou da subsistência da comunidade durante o cerco de Demétrio Policestes (Plut., *Demetr.*, XXXIV, 2). Pode-se considerar que o papel mais próximo do centro de decisões epicuristas foi ocupado pela suposta hetaira ateniense, como indicado por Diôgenes Laértios (*X*, 23), quando ela se tornou *pallake* de Metrôdoros. Aqui, rejeitam-se as narrativas alternativas de Plutarco (*No posse*,

Anbetracht dieses Umstandes ist es verwunderlich, daß uns keinerlei theoretische Reflexionen über eine etwaige Gleichheit der Geschlechter vorliegen.”

1089c; *Lat. Viv.*, 1129b) e *Pliny (NH, XXXV, 99, 144)* que sugerem que Leôntion teve um vínculo amoroso com Epicuro.

Por fim, é válido o pensamento de Taylor sobre o *Papiro de Herculano (De vitiis, Col. II, Jansen)*. Taylor explica que:

[...] o oponente de Epicuro criticou o filósofo por permitir que Leôntion assumisse a liderança, *prostasia*, da comunidade. Isso visa minar a credibilidade do epicurismo. Aqui, uma mulher líder aponta para a fraqueza de toda a filosofia" (Taylor, 2003, p. 203, tradução nossa, itálico do autor).⁹⁹

Se as mulheres rotuladas ora como *hetairas* ora como *prostitutas* realmente tiveram esse passado obscuro atribuído a elas, ou se foram protagonistas em um pequeno jardim na periferia ateniense, essa é um impasse histórico-filosófico que parece ser superado caso novas fontes sejam descobertas para esclarecer as ambiguidades e apaziguar os conflitos presentes na literatura acadêmica sobre o epicurismo primitivo. Por outro lado, se não é certo o protagonismo das hetairas, é importante esclarecer que as hetairas epicuristas não foram alvo de represálias ou assédio por parte do grande mestre epicurista, conforme relatado por Leôntion em *Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XVI). Pois segundo Rösch (2018) trata-se de uma carta ficcional que explora através do conflito de um filósofo (Epicuro) com hetaira (Leôntion) a linguagem figurativa da *Nova Sofística*.

Diferente da caricatura apresentada pelo sofista Alciphron em relação aos primeiros epicuristas, os escritos de Filodemo, que não rotulam Leôntion como hetaira, mostram, exceto por uma passagem problemática em *P. Herc.* 1005 (fr. 117, col. VIII–XX, Angeli), que Leôntion mantinha, pelo menos, uma boa relação de *amizade epicurista* com o mestre do Jardim. Através de Filodemo sabe-se uma memória que:

“[...] ‘Leôntion também frequentemente falou de você [Cronius] a Epicuro em termos gentis e apropriados, assim como Pítocles, a quem você enviou para ficar conosco, e quem é tomando conta de seus filhos [...]’ (Philod., Prag. col. XX, Sedley, 1976b, p. 29, tradução nossa).¹⁰⁰

⁹⁹ “[...] opponent of Epicurus criticized the philosopher for allowing Leontium to take the leadership, *prostasia*, of the community. This is designed to undermine the credibility of Epicureanism. Here a woman leader points to the weakness of the entire philosophy.”

¹⁰⁰ “[...] ‘Leontion too has frequently spoken of you to Epicurus in kind and appropriate terms, and so has Pythocles, whom you have sent to stay with us, and who is taking charge of your sons [...]’ (Trad. de David Sedley)

5. 2 Foram as tais hetairas mães dos filhos dos filósofos epicuristas?

Como discutido na segunda sessão, Plutarco sugere que algumas mulheres epicuristas da primeira geração desempenharam um papel importante na procriação e na manutenção da vida dentro da comunidade filosófica epicurista, sendo que o queroneense afirmou, de modo implícito, que os primeiros filósofos epicuristas tiveram filhos com essas mulheres de condição reprovável (Plut., *Adv. Col.*, 1127b). Além disso, observou-se que essas mulheres são, às vezes, rotuladas como “hetaira[s]” (*No posse.*, 1098b, tradução nossa)¹⁰¹, ora como “prostitutas” (*Adv. Col.*, 1127b, trad. de Juan F. M. Montiel) em seus tratados.

Ainda que seja consenso, entre os acadêmicos críticos que estudam o epicurismo primitivo, que essas alegações sobre os papéis de tais mulheres *hetairas ou prostitutas* foram levantadas em um contexto polêmico e difamatório contra o Jardim de Epicuro, é pertinente questionarmos aqui se essas alegações feitas pelo filósofo queroneense poderiam fornecer alguma explicação razoável para as aparições repentinas e surpreendente de *filhos pequenos* associadas a dois dos *grandes membros desbravadores do epicurismo* da primeira geração após o falecimento deles. Isso porque, os filhos de Metrôdoros e Polieno foram beneficiados no testamento de Epicuro devido às suas condições de *orfandade e minoridade* (D.L., X, 19).

Começando por este ponto, seria possível que essas supostas mulheres *hetairas ou prostitutas* do Jardim de Epicuro tenham sido as mães dos filhos de Polieno e Metrôdoros? Ou melhor, existem fontes que permitam confirmar que o mestre Epicuro, ou até mesmo os discípulos Idomeneu, Leônteu, Hêrmacos e Pítocles tiveram filhos com essas mulheres de condição supostamente reprovável no interior da propriedade epicurista ateniense ou na comunidade litorânea de Lâmpsaco?

Diante dessas perguntas, cabe examinar o que os textos antigos podem revelar para aqueles que os buscam com atenção se alguma das discípulas presumidas como *hetairas* exerceram realmente essa função de geradoras na intimidade do Jardim de Epicuro na periferia ateniense.

5. 2. 1 Foi o grande mestre Epicuro realmente o “papai do Jardim” ?

¹⁰¹“hetera”. (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel).

De acordo com as obras de Plutarco (*Non posse*, 1098b), Epicuro de Samos e Polieno de Lâmpsaco tiveram filhos com uma hetaira natural de Cízico na propriedade epicurista em solo ateniense. Entretanto, no que diz a respeito da primeira parte da alegação sobre Epicuro, é importante de antemão esclarecer que não existem registros que Epicuro teve descendência.

Essa falta de prole do grande mestre epicurista, mesmo que possa parecer estranha para ao ideal de *homem viril*, pode ser facilmente compreendida porque o próprio filósofo ateniense nunca demonstrou ou adquiriu interesse em contrair *matrimônio legítimo*, como também parece que essas relações carnavais aludidas com essas mulheres *hetairas* ou prostitutas não tinha como finalidade a *procriação* em sua herdade ou até mesmo fora dela. Isso porque nenhuma mulher legítima, hetaira ou prostituta, seja ela viva ou falecida, é ligada a Epicuro em seu testamento em Diôgenes Laértios (X, 16–22). Além disso, nenhum suposto filho vivo ou falecido é mencionado em meio de seu grupo familiar em seu testamento em Diôgenes Laértios (X, 16–22), e, de fato, Epicuro exortou que:

[...] o sábio não se casará nem gerará filhos. Contrairá matrimônio somente em circunstâncias especiais de sua vida, porém outras circunstâncias poderão levá-lo a desistir de seu propósito (D.L., X, 119, trad. de Mário da Gama Cury).

Esse posicionamento público contradiz as alegações arbitrárias levantadas por Plutarco (*Non posse*, 1098b) de que o grande mestre epicurista teve descendência ou que buscou tê-la na vida privada de sua pequena propriedade. Assim, a imagem caricata e superficial de Querestrates, mãe de Epicuro, como uma vovozinha contente ao contemplar seus netinhos na propriedade epicurista ateniense, imaginada por Plutarco (*Non posse*, 1098b), destoa completamente da postura filosófica de Epicuro em relação ao exercício da paternidade e à forma como foi amparado em sua velhice e doença pela sua rede de apoio imediato.

Na velhice, conforme relata Diôgenes Laértios (X, 15-16), o grande mestre epicurista foi assistido em sua enfermidade por seu discípulo Hêrmacos de Mitilene até o momento de sua morte, o que sugere que Epicuro não teve filhos legítimos. Pois segundo Richardson (1933), a prática cultural grega envolvia a expectativa de que os filhos oferecessem suporte material a seus pais durante a vida e prestassem homenagens religiosas após o falecimento. Entretanto, Roskam (2020) observa que, apesar de a legislação da época não exigir que os filhos ilegítimos devessem favores a seus ascendentes de primeiro grau, a rede de suporte criada pelos primeiros epicuristas podia desempenhar um papel importante na manutenção da subsistência de seus membros em situações de abandono filial.

Por fim, embora Plutarco atribua descendência a Epicuro, as narrativas anti-epicuristas encontradas em *Athenaeus* de Náucratis, *Alciphron*, Cleomenes e Timócrates de Lâmpsaco, aos seus modos, apenas retratam um Epicuro que celebra o prazer físico e vulgar temporário. Essas fontes hostis não seguem a mesma linha interpretativa da narrativa de Plutarco, que sugere que Epicuro teve filhos. Assim, a versão apresentada por Plutarco contém elementos que não são compatíveis com outras narrativas que criticam o estilo de vida e a estrutura familiar do primeiro grande epicurista, mas apresenta características únicas e próprias.

5. 2. 2 Hedeia (de Cízico?) e Polieno tiveram filhos no Jardim?

Analisando agora a segunda parte da alegação feita por Plutarco de que os mestres Epicuro e Polieno tiveram prole no Jardim (*Non posse*, 1098b), é importante destacar que, embora Epicuro tenha se absterido do exercício da paternidade e desencorajado seus discípulos a terem descendência, ele atribui expressamente *um filho* (τοῦ υἱοῦ) ao filósofo Polieno de Lâmpsaco, seu discípulo e amigo íntimo, em seu testamento. No documento preservado por Diôgenes Laértios, Epicuro pede que os discípulos Aminômacos e Timócrates cuidem dos filhos de Metrôdoros e do filho de Polieno, desde que se adequem às específicas regras de convivência e à submissão epicurista (X, 19).

Tendo em vista a confiabilidade da informação fornecida por Diôgenes Laértios de que Polieno de Lâmpsaco teve descendência e levando em conta o curto intervalo de tempo entre o falecimento de Polieno e o de Epicuro, essa passagem no testamento de Epicuro sugere, de forma implícita, que Polieno teve um filho com uma mulher, possivelmente pouco tempo antes de seu próprio falecimento, devido à situação vulnerável de seu filho enfatizada no testamento e à aparente condição de minoridade. Todavia, a questão que emerge aqui é sobre a identidade desta mulher e sua condição: seria ela uma esposa legítima ou uma hetaira? Diante dessas questões, analisemos os dados que as obras plutarqueanas oferecem como pistas para a resolução deste enigma, caso haja uma resposta razoável ou possível.

Do ponto de vista epicurista, embora haja uma atribuição expressa de filhos a Polieno feita pelo próprio Epicuro em seu testamento, indicando a possibilidade de Polieno ter sido casado com uma mulher legítima, tal inferência é controversa devido à escassez e fragmentação da biografia de Polieno. Não existem fontes seguras que informem de maneira

definitiva se o filósofo contraiu matrimônio tradicional ou se relacionou com mulheres conhecidas como hetairas ou prostitutas com o objetivo de procriação no Jardim de Epicuro.

O pouco que se sabe da *Vida e Obra de Polieno* — considerado aqui como as informações mais relevantes para essa investigação histórico-filosófica — é que, segundo relatos externos ao Jardim, Polieno de Lâmpsaco era um mestre habilidoso em matemática antes de ingressar na escola epicurista (Cic., *Ac.*, 33, 106). Por outro lado, segundo a perspectiva favorável ao epicurismo, Polieno era um escritor combativo (D.L., *X*, 24-25). Além disso, ele era muito admirado tanto dentro quanto fora da comunidade epicurista (*Script. Epic. inc.*, *P. Herc.* 176, fr. 5, col. XXIV, Vogliano, p.50 *apud* Parente, 1974, p.531).

No entanto, a identidade da mãe dos filhos de Polieno permanece desconhecida, uma vez que seu nome não aparece no testamento de Epicuro, em Diôgenes Laértios (*X*, 16–20), e não há indícios diretos de sua condição social. Também não se sabe se, no período da redação do documento epicurista, os átomos de seu corpo já haviam retornado ao ciclo incessante da natureza, assim como os de Polieno de Lâmpsaco. Por fim, Plutarco (*Non posse*, 1098b) não oferece muitas informações temporais sobre quando isso ocorreu, pois, embora mencione a mãe de Epicuro (Querestrates) como viva na passagem, não se tem muitos dados de sua biografia atualmente, como o momento em que ela visitou o seu filho no Jardim ou faleceu.

Em relação aos textos deixados por Plutarco, não há dúvidas de que a genitora dos filhos de Polieno, assim como dos *filhos fictícios* de Epicuro, era “a hetaira de Cízico” (*Non posse*, 1098b, tradução nossa).¹⁰² Embora o nome específico dessa mulher permaneça obscuro em suas obras, resta a indicação de que a genitora dos filhos de Polieno não era uma mulher ateniense, nem lampsaqueana.

Diante das possíveis naturalidades que poderiam ter as mulheres prostitutas ou hetairas do Jardim, teóricos modernos e contemporâneos, Jones (1992), e Rist (1972) indicam que essa naturalidade é de Hedeia. Já Hawley (1994) considera que era Hedeia a mulher mencionada por Plutarco em *Non posse* (1098b) como a mãe dos filhos de Polieno. Trata-se aqui da mesma Hedeia mencionada na lista de hetairas moradoras do Jardim do ex-discípulo Timócrates de Lâmpsaco, a qual foi preservada no resumo de *Delícias* feito por Diôgenes Laértios (*X*, 7).

Apesar da possibilidade de Hedeia ser uma *forte candidata* à mãe dos filhos de Polieno, é importante ressaltar que o testamento epicurista não a reconhece expressamente

¹⁰²“la hetera de Cízico”. (Trad. de Juan F. M. Montiel).

como esposa, hetaira ou concubina do filósofo lamsaqueano, nem como mãe dos filhos dele no testamento de Epicuro, conforme registrado por Diôgenes Laértios (X, 16–20). Trata-se de uma convenção teórica compartilhada, a qual aponta para a possibilidade interpretativa levantada por Usener (1887), o qual deixa aberta essa possibilidade.

Além disso, narrativas alternativas anti-epicuristas separam o suposto *casal*, ou melhor, a suposta *família*, ao sugerir que Hedeia coabitava com apenas Epicuro e Metrôdoros no Jardim (D.L., X, 7) e, por fim, até o próprio discípulo Polieno na proporção de foi acusado de cuidar da educação do jovem Pítocles de Lâmpsaco em uma passagem que cita mulheres e discípulos unidos por vínculos amorosos, conforme uma fonte polêmica em Filodemo (*Agli amici di scuola*, P. Herc. 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115).

Deixando de lado a incerteza em torno da identidade da mãe dos filhos de Polieno, surge a questão sobre a plausibilidade da informação de Plutarco, sugerindo que ela era natural de Cízico. Esta informação adquire relevância, pois os novos estudos embasados nos recentes *Papiros de Herculano* têm revelado descobertas surpreendentes sobre o epicurismo primitivo, permitindo aos pesquisadores modernos e contemporâneos desvelar as complexas relações interpessoais dos epicuristas do séc. III a.C.

Baseadas nos *Papiros de Herculano*, as análises de De Witt (1964) e Sedley (1976b) sugerem trocas epistêmicas entre o núcleo epicurista de Lâmpsaco e a escola de Eudoxo de Cnido em Cízico, indicando que Polieno pode ter migrado da escola concorrente para o solo epicurista. Ciente dessas possíveis conexões com a cidade vizinha de Cízico, autores como Parente (1974) e De Witt (1964) indicam que o filósofo de Queroneia, em *Non posse* (1098b), conscientemente recorreu a meias-verdades como ataque. Por fim, vale aqui o esclarecimento de Gordon (2012, p. 102, tradução nossa) que:

a hetaira não tem nome, mas a localização de Cízico no Mar de Mármara, na Anatólia, merece atenção, já que muitas das hetairas estrangeiras mencionadas em Athenaeus são originárias, em particular, da Ásia Menor.¹⁰³

Como observado, se a mãe dos filhos de Polieno era realmente originária da Ásia Menor, é difícil chegar a uma resposta com alto grau de certeza devido ao contexto difamatório e duvidoso presente em *No posse* (1098b). No entanto, as datações fornecidas por Dorandi (1999) indicam que a morte de Polieno ocorreu por volta de 280 a.C., a de

¹⁰³ “The hetaera is unnamed, but the location of Cyzicus on the Sea of Marmara in Anatolia deserves notice, as many of the foreign hetaerae mentioned in Athenaeus hail from Asia Minor in particular.”

Metrôdoros em 278 a.C. e a de Epicuro em 270 a.C. Dessa forma, conclui-se com base Dorandi que Polieno faleceu oito anos antes de Metrôdoros e quinze anos antes de Epicuro. Levando em conta essas informações e supondo que Epicuro tenha escrito seu testamento no último ano de vida, ou seja, em 270 a.C., pode-se inferir que o filho de Polieno teria por volta de quinze anos de idade quando Epicuro redigiu o documento dentro desse horizonte interpretativo.

Assim, é razoável supor dentro desse horizonte interpretativo que o discípulo Metrôdoros de Lâmpsaco conheceu a mãe desse adolescente ou, pelo menos, tinha conhecimento do seu nome, seja ela quem fosse ou de onde viesse até chegar em Atenas. Não considerando aqui a possibilidade de esse *filho de Polieno* (τοῦ υἱοῦ τοῦ Πολυαίνου) tenha sido um filho de criação ou adotivo, posto que os epicuristas tinham por *ethos* cuidar um dos outros em comunidade, incluindo os idosos como Nicanor mencionado em Diôgenes Laértios (X, 20) e a infanta Ápia receptora do *P. Herc.* 176 (Col. XXIII, Daroca, Martínez, 2010, p. 34).

5. 2. 3 Foi Leôntion a mãe dos necessitados filhos de Metrôdoros?

No testamento de Epicuro, além de filhos serem atribuídos ao discípulo Polieno, também se menciona que Metrôdoros de Lâmpsaco tinha filhos, que foram confiados aos cuidados de membros administradores da escola-comunidade epicurista. Entre esses filhos, está um menino chamado Epicuro e uma menina destinada a casar-se quando chegar à idade apropriada (D.L., X, 19-20). Nesse contexto, apesar da escassez de detalhes sobre a *Vida de Metrôdoros*, não há confirmação satisfatória de que ele tenha contraído algum matrimônio formal. No entanto, sabe-se, por meio de Diôgenes Laértios (X, 22), que Metrôdoros não deixou a comunidade epicurista ateniense, exceto por um breve período, até sua morte no Jardim. Diante disso, surge o questionamento sobre a identidade da mãe dos filhos de Metrôdoros, considerando aqui sua constante presença na propriedade epicurista ateniense.

Embora o testamento de Epicuro não ofereça indícios diretos sobre a identidade da mãe dos filhos de Metrôdoros, teóricos como Asmis (2004) e Sedley (2013) sugerem que essa mulher poderia ser a famosa discípula Leôntion de Atenas. Embora os motivos dessa hipótese não apareçam explicitamente em seus trabalhos e não sejam o foco de suas pesquisas apresentá-los, às posições dos acadêmicos supracitados parecem encontrar sustentação nos

relatos de autores antigos. Por exemplo, Diôgenes Laércio (X, 23, trad. de Mário da Gama Cury) afirmou que “Metrôdoros foi excelente em tudo [...] deu em casamento a Idomeneus sua irmã Batis, e fez da cortesã ateniense Leôntion sua companheira [παλλακή].” Além disso, *Jerome* (*Adv. Iovin.*, I, 48, tradução nossa) apresenta que:

Epicuro, o patrono do prazer (embora Metrôdoros, seu discípulo, tenha se casado com Leôntion), diz que um homem sábio raramente pode se casar, porque o casamento tem muitas desvantagens.¹⁰⁴

Se partindo ou não dessas fontes secundárias, a interpretação de Asmis e Sedley parece indicar que pelo menos um dos epicuristas poderiam ter tido filhos com uma dessas mulheres rotuladas como hetairas ou prostitutas, dependendo do contexto anti-epicurista escolhido. No entanto, curiosamente, Plutarco não fez acusações diretas sobre Metrôdoros ter tido filhos com Leôntion no Jardim, nem detalhou a natureza do suposto relacionamento entre a ateniense e o lamsaqueano em suas obras, embora tenha o feito com Epicuro e Polieno em *No posse* (1098b). Pelo contrário, ele apenas insinuou ironicamente que Metrôdoros tinha um vínculo matrimonial mais formal com uma mulher cuja condição e nome são desconhecidos. Após expor a vida privada de Epicuro e Polieno no Jardim, Plutarco ridicularizou a vida de Metrôdoros, alegando:

Porque, em relação à mãe [Sande] e à irmã de Metrôdoros [Batis], pode-se facilmente perceber em seus livros a imensa alegria que sentiram com seu casamento [com Leôntion?] e com os escritos em resposta ao seu irmão (Plut., *No posse*, 1098b, tradução nossa).¹⁰⁵

Deixando de lado, por um momento, a possível maternidade de Leôntion, é importante considerar a datação de Dorandi (1999), que situa a morte de Metrôdoros em 278 a.C. e a de Epicuro em 270 a.C. Além disso, através de Filodemo (Filod., *Prag.*, col. XXXI, p. 17, Diano *apud* Parente, 1974, p. 129-130), sabe-se que Epicuro escreveu uma carta solicitando apoio para os filhos de Metrôdoros a um destinatário bem-afortunado. Com base nas datas fornecidas por Dorandi e considerando o contexto de escrita da carta fornecido em Filodemo, é plausível inferir que, na época, os filhos de Metrôdoros teriam pelo menos sete anos de idade. Nesse contexto, os filhos de Metrôdoros seriam mais jovens do que os filhos de

¹⁰⁴“Epicurus the patron of pleasure (though Metrodorus his disciple married Leontia) says that a wise man can seldom marry, because marriage has many drawbacks.” (Trad. de W. H. Fremantle, G. Lewis e W. G. Martley).

¹⁰⁵“Porque, respecto a la madre y la hermana de Metrodoro, se puede ver fácilmente en sus libros la inmensa alegría que se llevaron con su matrimonio y con los escritos de réplica a su hermano.” (Trad. de Juan Francisco Martos Montiel)

Polieno mencionados no Testamento de Epicuro, de acordo com os cálculos realizados anteriormente.

Além disto, a pouca idade dos *filhos de Metrôdoros* (παίδων Μητροδώρου) pode ser conjecturada pelo fato de, sendo Diôgenes Laértios (X, 19-20) que o *filho de Metrôdoros* (υἱοῦ τοῦ Μητροδώρου) por nome Epicuro deveria ser tutelado e a *filha de Metrôdoros* (Θυγατὶς τῆς Μητροδώρου) não tinha idade suficiente para se casar. No último caso, a condição da filha de Metrôdoros pode sugerir que ela ainda não era uma adolescente. Como explica Laes que:

uma análise cuidadosa das fontes literárias gregas, tanto do período clássico como do período helenístico, sugere catorze/quinze anos como a idade média do primeiro casamento para as moças, cujos maridos tinham cerca de trinta anos ou um pouco mais jovens (Laes, 2022, p. 321, tradução nossa).¹⁰⁶

Levando em conta a pouca idade da filha de Metrôdoros, tanto Angeli (1993) quanto Gomperz (1871) especulam que a filha de Metrôdoros, sobre a qual Epicuro expressa preocupação em seu testamento e cujo nome foi omitido por Diôgenes Laértios, poderia ser a pequena Ápia mencionada no *P. Herc.* 147 (col. XXIII). No entanto, existe uma divergência entre esses dois autores quanto à autoria do papiro. Gomperz atribui a carta a Epicuro, baseando-se no tom paternal presente na passagem, enquanto Angeli compreende que a correspondência faz parte um de conjunto de cinco colunas papirológica que expressa a presença biográfica de Batis de Lâmpsaco entre os primeiros epicuristas.

Diante do debate entre Angeli e Gomperz sobre a autoria da carta preservada no papiro *P. Herc.* 147 (col. XXIII), é relevante observar que estudiosos como De Witt (1964) e Gordon (1996, 2012) sugerem alternativas distintas. De Witt argumenta que a carta poderia ter sido enviada por Polieno de Lâmpsaco, em vez de Epicuro. Em contraste, Gordon considera a possibilidade de que Polieno seja o autor, mas questiona a interpretação de Angeli, especialmente em relação a Batis, devido a falta de referência expressa. Essa postura favorável a Polieno pode ser explicada pelo caráter afável que o discípulo-filósofo demonstrou em relação aos demais, pois “foi Polianinos de Lâmpsacos, filho de Atenôdoros, homem equânime e cordial, como dizem Filôdemos e seus seguidores” (D.L., X, 25, trad. de Mário da Gama Kury).

¹⁰⁶“Careful analysis of the Greek literary sources from both the classical and the Hellenistic period suggests fourteen/fifteen as the average age of first marriage for girls, whose husbands were about thirty or slightly younger.”

Apesar da variedade de candidatos à autoria da antiga carta no papiro *P. Herc. 147* (col. XXIII), os quais são predominantemente masculinos, com exceção da indicação de Batis de Lâmpsaco por Angeli, teóricos contemporâneos surpreendem não por escolherem discípulos epicuristas desconhecidos do grande público como autores hipotéticos do *P.Herc. 147* (col. XXIII), mas sim por sugerirem um outro vínculo familiar à infanta Ápia. Por exemplo, Ceccarelli *et al* (2018) sinalizam a possibilidade de Ápia, por exemplo, seja filha do discípulo Meneceu, o famoso destinatário da *Carta à Felicidade*. Consequentemente, essa nova configuração familiar alternativa apresentada pelos autores supracitados, automaticamente descarta qualquer possibilidade de vínculo paterno com Metrôdoros de Lâmpsaco, assim como qualquer filiação indireta como Leôntion de Atenas.

Conforme evidenciado, trata-se de um papiro altamente disputado, cercado de especulações e interpretações divergentes de cunho histórico-papiroológico, sob um pano de fundo filosófico. Não há consenso entre os especialistas e acadêmicos sobre quem seriam os pais de Ápia, nem quem escreveu a carta impregnada de princípios filosóficos epicuristas, permeada de ternura e preocupação. Deste modo, não é possível afirmar com absoluta certeza que a filha mencionada no Testamento de Epicuro em Diôgenes Laértios (X, 19) e a pequena Ápia do *P. Herc. 176* (Col. XXIII) sejam a mesma pessoa, ainda que uma parte da literatura acadêmica epicurismo a convencie como tal. No disputado *P. Herc. 176* (col. XXIII), o (a) epicurista escreveu que:

Cheguei em segurança a Lâmpsaco com Pítocles, Hêrmarcos e Ctésippe. Lá encontramos Temista e outros amigos em boa saúde. Tudo está bem se você está bem de saúde, assim como sua mãe. Se você obedecer ao pai e à Matrona como antes; saiba, minha querida Ápia, que todos nós te amamos muito, porque você os obedece em tudo... (*P. Herc. 176*, col. XXIII, Daroca; Martínez, 2010, p. 34, tradução nossa).¹⁰⁷

Retornando à questão sobre a possível maternidade de Leôntion com relação aos filhos de Metrôdoros, e considerando o estado de vulnerabilidade socioeconômica desses filhos após a morte de seu suposto cônjuge, surgem inúmeras indagações inevitáveis, tais como: Se ela foi, de fato, a mãe dos filhos de Metrôdoros, porque ela não é mencionada explicitamente no Testamento de Epicuro? Por que ela não foi beneficiada pelo mestre epicurista em favor de

¹⁰⁷ “Je suis bien arrivée à Lampsaque avec Pythoclès, Hermarque et Ctésippe. Là nous avons rencontré Thémista et les autres amis en bonne santé. Tout va bien si tu es en bonne santé, et ta maman aussi, et si tu obéis en tout à ton papa et à Matron, comme auparavant; car, sache-le bien, ma chère Apia, nous t’aimons beaucoup, moi et tous les autres, de ce que tu leur obéis en tout ...” (Trad. de Francisco Javier Campos Daroca e María de la Paz López Martínez).

seus filhos vulneráveis? Será que faleceu antes ou depois de Metrôdoros? Ou talvez depois de Metrôdoros e antes de Epicuro, deixando assim seus prováveis filhos órfãos e necessitados de ajuda externa?

Estas questões são complexas e desafiadoras, e esta pesquisa não busca fornecer respostas definitivas, mas sim indicar possíveis interpretações razoáveis com base na literatura acadêmica sobre o epicurismo e os epicuristas da primeira geração do Jardim. É importante notar que não há muitas fontes documentais que permitam especular profundamente ou oferecer um alto grau de certeza sobre a data de nascimento e morte de Leôntion, os motivos que a levaram a exercer a profissão de hetaira, a duração de sua relação com Metrôdoros de Lâmpsaco, seu envolvimento com o epicurismo, e se permaneceu fiel à doutrina até sua morte. Essa falta de dados concretos contribui para uma aura de mistério que a envolve, tornando sua história uma narrativa incompleta e sujeita a interpretações unilaterais, especialmente por parte de adversários anti-epicuristas e também como ponto de divergência entre os teóricos contemporâneos sobre os papéis de gênero no antigo Jardim.

Embora ciente das problemáticas que giram em torno da biografia de Leôntion de Atenas, Kapparis (2018) propõe, com base na vida de Danae em *Athenaeus* (XIII, 64), uma cronologia hipotética: Leôntion teria nascido por volta de 330 a.C. e ingressado no Jardim epicurista por volta de 300 a.C.. Embora esta datação seja altamente conjectural, ela abre novos caminhos para a pesquisa, fornecendo dados prováveis que permitem considerar com mais precisão a possibilidade de Leôntion ser ou não a mãe dos filhos de Metrôdoros.

Diante disso, considerando a datação hipotética de Kapparis (2018), que sugere que Leôntion nasceu por volta de 330 a.C., e a datação fornecida por Dorandi (1999), que indica que Metrôdoros nasceu em 331/0 a.C., podemos inferir, com base nesses autores, que se Leôntion tivesse conhecido o Jardim por volta de 306 a.C., ambos teriam menos de trinta anos de idade na época, dentro desse horizonte interpretativo.

Se Leôntion tivesse menos de trinta anos, sua condição biológica aumentaria significativamente a probabilidade de ter filhos com Metrôdoros, desconsiderando qualquer limitação biológica remota de concepção por parte da ateniense. No entanto, não parece que Leôntion e Metrôdoros tenham tido filhos durante os primeiros anos do Jardim, uma vez que os filhos pequenos são atribuídos a Metrôdoros entre seu falecimento no Jardim e a escrita do Testamento de Epicuro. Isso pode ser observado no próprio Testamento de Epicuro em Diôgenes Laértios (X, 19-20), como também na observação de Diôgenes Laértios de que:

o próprio Epicuro em seu testamento já mencionado fala claramente dele [Metrôdoros] como já estando morto, dando instruções a seus testamenteiros para cuidarem dos filhos de Metrôdoros” (D.L., X, 23, trad. de Mário da Gama Kury).

Diante disso, considerando as datações de Dorandi (1999), que situam a morte de Metrôdoros em 278/7 a.C., juntamente com a conjectura de Kapparis (2018), que sugere o nascimento de Leôntion por volta de 330 a.C., podemos inferir, com base nos autores mencionados, que Leôntion teria cerca de 52 anos quando Metrôdoros faleceu, dentro desse horizonte interpretativo. Além disso, considerando as datações de Dorandi (1999) de que Epicuro faleceu por volta de 270 a.C., e partindo do pressuposto de que ele escreveu seu testamento no último ano de vida, levando também em conta que a filha de Metrôdoros não tinha idade suficiente para se casar, conforme observado no testamento epicurista em Diôgenes Laértios (X, 20), e apoiando-se nos estudos de Laes (2022), que indicam que a idade mínima para uma moça se casar era de quatorze ou quinze anos, pode-se hipotetizar, com base nos autores supracitados, que a famosa filha de Metrôdoros poderia ter nascido entre 282/1 a.C. e 277/8 a.C., quando Leôntion teria entre 46 e 52 anos.

A constatação a que se chega após esse longo jogo de hipóteses, inferências e deduções é que, caso seja aceitável a maternidade de Leôntion dentro dessa linha de raciocínio, a hetaira, a amante, a concubina ou a esposa de Metrôdoros teve uma filha quando estava em uma fase mais madura de sua vida. Isso sugere que é viável, ainda que com ressalvas, a proposta de Asmis (2004) e Sedley (2013) de que Leôntion e Metrôdoros tiveram filhos. No entanto, todo esse horizonte interpretativo é extremamente conjectural, visto que se baseia em fontes secundárias e terciárias, além de interpretações históricas. Ela é sensível à realidade histórica, às novas evidências e às divergências acadêmicas presentes na literatura atual sobre a problemática em questão e desconsidera as doenças que podem ter levado à morte precoce de Metrôdoros.

Voltando à questão da localização de Leôntion entre a morte de Metrôdoros e a de Epicuro, é relevante considerar a hipótese de Kapparis (2018), que sugere que Leôntion nasceu por volta de 330 a.C., e as datas fornecidas por Dorandi (1999), que indicam que Epicuro faleceu em 270/1 a.C. Com base nesses dados, pode-se inferir que, no ano da morte de Epicuro, Leôntion teria cerca de 60 anos. Esta hipótese levanta a possibilidade de que a mais notória das supostas hetairas epicuristas poderia ter falecido após Metrôdoros,

especialmente considerando que tanto Metrôdoros quanto outros epicuristas proeminentes da primeira geração aparentemente não tiveram uma vida longa.

Por outro lado, sabe-se através dos estudos de Clay (1998) que Leôntion estava ativa aproximadamente em 285/6 a.C., quando recebeu uma correspondência durante o arcontato de Diocles, com base no *P. Herc.* 176 (fr. 5, XXV, 31–32, Vogliano). Considerando a datação de Clay (1998) e a datação fornecida por Dorandi (1999), que situa a morte de Metrôdoros em torno de 278 a.C., pode-se inferir, com base nesses autores, um intervalo de aproximadamente oito anos antes da morte oficial de Metrôdoros, o que pode apoiar a hipótese de que ela pode ter vivido até ou além da morte de Metrôdoros. No entanto, essa primeira hipótese levantada parece insatisfatória, pois Diôgenes Laértios, em sua obra sobre a *Vida e Doutrina de Epicuro* não menciona que Leôntion tenha morrido depois de Metrôdoros e antes de Epicuro. Além disso, em Diôgenes Laértios (X, 18), Epicuro não a cita entre seus familiares e amigos falecidos a serem lembrados no Jardim, considerando aqui a sua suposta presença e convivência contínua no Jardim.

A possibilidade de que Leôntion tenha falecido antes de Epicuro é questionável, pois os epicuristas da primeira geração eram francos em suas conversas sobre perdas pessoais, como demonstrado nas cartas e fragmentos sobreviventes que evidenciam a experiência da morte e do luto entre os primeiros epicuristas. Por exemplo, em Sêneca (*Epist. ad Luc.*, XCVIII, 9; XCIX, 5), Metrôdoros consola filosoficamente o luto de sua irmã. Por meio de Plutarco (*No posse*, 1101b), sabe-se que os primeiros epicuristas buscavam orientação e apoiavam-se mutuamente em momentos de perda. Além disso, sabe-se que os epicuristas lamentavam profundamente a perda de membros importantes da comunidade (*P. Herc.* 176, fr. 5, col. XXI, Daroca; Martínez, 2010, p. 32). No entanto, se considera-se aqui a possibilidade de que a morte de Leôntion tenha sido ignorada propositalmente no testamento, assim como nos escritos epicuristas que não sobreviveram, pode-se concordar com a observação de Gordon (2012), que sugere que Leôntion pode ter sido uma discípula menos proeminente dentro da comunidade epicurista primitiva.

Deste modo, permanecem abertos os questionamentos: se Leôntion é, de fato, a mãe dos filhos de Metrôdoros, e supondo que ela estava viva por volta do período da morte de Epicuro, por que a tradição filosófica não a menciona explicitamente como tal? Tanto os textos epicuristas quanto os antiepicuristas, assim como os autores antigos sem uma filiação

epicurista comprovada que remontam diretamente aos primórdios do Jardim, parecem evitar atribuir-lhe a maternidade, tanto de forma direta quanto indireta.

No Testamento de Epicuro, conforme relatado por Diôgenes Laértios (X, 16–22), o mestre epicurista não menciona o nome de Leôntion, nem se refere explicitamente a ela como a mãe dos filhos de Metrôdoros. Além disso, no *Livro X* (4, 5, 6, 7 e 23), Diôgenes Laértios evoca o nome de Leôntion em diversos contextos próximos a Epicuro e Metrôdoros, sem, no entanto, estabelecer qualquer ligação entre a ateniense e a maternidade, embora ela seja descrita como a *pallake* do discípulo Metrôdoros (D.L. X, 23).

Por outro lado, Plutarco, um autor que se opõe ao epicurismo, menciona Leôntion em suas obras, mas ele atribui o papel de mãe a uma hetaira estrangeira (*No posse*, 1098b). Essa representação contrasta com a imagem de Leôntion como uma figura cuja função era proporcionar prazer corporal e estético aos homens do Jardim, como indicado em outras passagens em Plutarco (*No posse*, 1089c, 1097d-e; *Lat. Viv.*, 1129b).

Por fim, é digno de nota que, embora Cícero mencione os filhos de Metrôdoros em suas obras, essas crianças não são atribuídas a Leôntion, mas exclusivamente a Metrôdoros. Cícero refere-se a elas apenas como “filhos de Metrôdoros [Metrodori liberi]” (Cic., *De finibus*, II, 30.96; 31.98, tradução nossa).¹⁰⁸ Ademais, essa informação também é corroborada por um *Papiro de Herculano*, no qual Epicuro

dizia ao expirar: «É o sétimo dia, o dia em que te escrevo, que a minha atividade na bexiga cessou, e sinto aquelas dores que são precursores do último dia. Portanto, se algo acontecer, cuida dos **filhos de Metrôdoros** por quatro ou cinco anos, sem gastar mais do que gastas anualmente comigo». E além disso: «Sei que, a respeito desses jovens, também Egeo e Diodoro compartilham do teu mesmo estado de espírito, e não só, como é apropriado, estão cheios de benevolência para com eles (Filod., *Prag.*, col. XXXI, p. 17 Diano *apud* Parente, 1974, p.129-130, tradução nossa, negrito nosso).¹⁰⁹

Sabe-se que Leôntion é citada expressamente por diversos autores antigos, incluindo (1) Filodemo (*P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX Angeli; *Prag.*, col. XX Sedley; *Lib.*, fr. 9, Konstan *et al*), (2) Cícero (*Nat. Deor.* I, 93), (3) Plutarco (*No posse*, 1089c, 1097e; *Lat. Viv.*, 1129b), (4) Plínio (*NH*, XXXV, 99; 144), (5) um anônimo em *Anthologia Graeca* (XVI, 324),

¹⁰⁸“hijos de Metrodoro”. (Trad. de Julio Pimentel Álvarez).

¹⁰⁹“[...] diceva spirando: «È il settimo giorno, questo in cui ti scrivo, che mi si è arrestata ogni attività nella vescica, e provo quei dolori che sono forieri dell’ultimo giorno. Tu dunque, se dovesse accadere qualcosa, provvedi ai figli di Metrodoro per quattro o cinque anni, senza spendere niente di più di quanto ora spendi per me ogni anno». E inoltre: «So che, a proposito di quei fanciulli, anche Egeo e Diodoro sono del tuo stesso stato d’animo, e non solo, come si conviene, sono pieni di benevolenza verso di loro [...]».

(6) Sêneca citado por *Jerome (Adv. Iovin., I, 48)*, (10) Diôgênes Laêrtios (X 4, 5, 6, 7 e 23), (11) *Athenaeus* de Náucratis (*Deipno.*, XIII, 49, 53, 64, 70), (12) *Aelius Théon (Prog., 112)*, (12) *P. Herc.* 176 (fr. 5, XXV, 31–32, Vogliano), (14) Boccaccio (*De Mulier.*, cap. LVIII), (15) *Alciphron* (II, §II, *Epist.*, XVI), e (16) Cleomenes (*Lectures On Astronomy*, I, 511). Além disso, acredita-se que sua presença em *Pliny (NH, pref., 29, 35)*, Filodemo (*De vitiis*, col. II, Jansen) e no *P. Herc.* 176 (fr. 5, XXVI, Vogliano), assim como implicitamente em Plutarco (*No posse*, 1098b).

Dentre as dezesseis passagens mencionadas acima, somente três citam Leôntion em conjunto com Metrôdoros: Diôgenes Laêrtios (X, 6, 7 e 23), Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93) e Sêneca citado por *Jerome (Adv. Iovin., I, 48)*. No entanto, essas fontes não estabelecem claramente a maternidade de Leôntion com relação a Metrôdoros. A única fonte que liga Leôntion à maternidade é *Athenaeus (Deipno., XIII, 64)*. Contudo, mesmo nesta fonte, não há uma indicação explícita da paternidade de Metrôdoros ou de qualquer vínculo afetivo com ele. Assim, parece que não há uma ligação direta e necessária entre a suposta hetaira Leôntion de Atenas e os filhos de Metrôdoros nas fontes antigas remanescentes.

Diante disso, a atribuição de maternidade a Leôntion resulta de um jogo de deduções interpretativas sobre os relacionamentos interpessoais e amorosos na antiga propriedade epicurista, ou seja, uma convenção teórica. Na fragmentária e incompleta *Vida de Metrôdoros* de Lâmpsaco, Leôntion de Atenas assume o papel maternal capaz de preencher essa lacuna, uma vez que ela é a figura feminina mais próxima do filósofo lampsaqueano, cujo envolvimento com o epicurismo primitivo é formalmente registrado na literatura antiga. Como resultado disso, Leôntion é frequentemente construída implicitamente no imaginário acadêmico como uma *mãe de família*, uma *esposa sem o pai de seus filhos*, ou até mesmo como uma *mãe-viúva esquecida* por seus pares, *distante*, *insensível* ou *impotente*, *apagada* ou *fugitiva* diante das necessidades de seus supostos filhos pequenos no Jardim.

5. 3. 4 Foi Metrôdoros pai da desafortunada hetaira Danae?

Embora a pesquisa sobre a maternidade dos filhos de Metrôdoros em relação ao Testamento de Epicuro, especialmente no que diz respeito a Leôntion, seja controversa, é inquestionável que, segundo *Athenaeus (Deipno., XIII, 64)*, Leôntion é reconhecida como

mãe da hetaira Danae (Δανάνη), que foi punida com a morte por ter revelado a Sófron¹¹⁰ o plano de Laodice contra ele. Essa informação preservada em uma fonte antiga confirma a ligação de Leôntion com a maternidade e levanta a questão se Metrôdoros poderia ser o pai de Danae ou se ela poderia ser a mesma menina mencionada no testamento epicurista em Diôgenes Laértios (X, 19).

Contrastando com as interpretações de Angeli (1993) e Gomperz (1871) que a infanta Ápia do papiro *P. Herc.* 176 (col. XXIII) poderia ser a filha de Metrôdoros, B. Lightman e M. Lightman (2008) reconhecem Metrôdoros como o pai de Danae e ela, consequentemente, como a filha de Metrôdoros à qual Epicuro expressa preocupação em seu testamento. Portanto, é pertinente questionar se o posicionamento de B. Lightman e M. Lightman têm fundamentos sólidos para sustentar a paternidade de Metrôdoros em relação a Danae e para identificar com segurança a crescida Danae como a filha pequena de Metrôdoros mencionada no Testamento de Epicuro.

Diante disso, é digno de nota que B. Lightman e M. Lightman (2008) justificam a ligação de Metrôdoros com Leôntion e Danae com base em Diôgenes Laértios (X, 19) e *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 64). No entanto, essa linha interpretativa, embora seja sofisticada e embasada em boas razões e fontes histórico-literárias, enfrenta problemas. O nome de Leôntion e Danae não aparece, de modo expreso, no testamento epicurista conforme preservado por Diôgenes Laértios (X, 16–22), nem Metrôdoros é mencionado como pai de Danae no relato do historiador Filarco de Náucratis em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 64). Além disso, essa pesquisa não encontrou nos *Papiros de Herculano* ou em textos epicuristas referências que confirmem a identidade de Danae como filha de Metrôdoros. A história de Danae aparece exclusivamente em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 64) como descendente direta de Leôntion, sem referências explícitas à paternidade de Metrôdoros.

Através das fontes antigas, sabe-se que os filhos de Metrôdoros são citados por Diôgenes Laértios (X, 19), *Cicerón* (*De finibus*, II, 30.96; 31.98), Filodemo (*Prag.*, col. XXXI, Diano, p. 17 *apud* Parente, 1974, p. 129-130), mas nenhuma dessas passagens possuem ligação direta com Leôntion e com a história de Danae. Assim, a interpretação das relações familiares e a atribuição de paternidade a Metrôdoros são, portanto, discutíveis e

¹¹⁰Segundo Filarco de Náucratis em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 64), Sófron era amante de Danae e governante da antiga cidade de Éfeso, localizada na Ásia Menor, especificamente na Jônia, região pertencente atualmente ao território turco. Na Antiguidade, Éfeso foi um importante centro econômico-religioso, notoriamente conhecido por seu culto à deusa Diana (ou Artêmis) e pelo imponente templo dedicado a ela.

carecem de uma base mais sólida para serem consideradas conclusivas, sendo uma convenção teórica do que baseada em fatos.

Caso seja aceita a conjectura apresentada por B. Lightman e M. Lightman de que Danae e a filha de Metrôdoros sejam a mesma pessoa, então deve-se concordar com a premissa intrínseca desse pensamento de que houve um intervalo significativo entre os dois grandes momentos na vida dessa figura feminina singular. Pois Epicuro escreveu em seu testamento que quando “chegar à idade apropriada deverão dá-la em casamento àquele entre seus companheiros em filosofia que Hêrmacos escolher, desde que ela tenha bons costumes e obedeça docilmente a Hêrmacos” (D.L., *X*, 19., trad. de Mário da Gama Kury), enquanto Filarco de Náucratis afirmou que Danae, a “[...] filha de Leôntion, a epicurista, também era uma cortesã” (Athen., *Deipno.*, XIII, 64, tradução nossa).¹¹¹

Essa mudança significativa de condição teria levado a um destino muito diferente do de sua suposta tia, Batis de Lâmpsaco, que, conforme relatado por Diôgenes Laértios (*X*, 23) que ela recebeu Leônteu como esposo por meio de seu irmão Metrôdoros de Lâmpsaco. Frente a essa lacuna temporal, B. Lightman e M. Lightman (2008, p. 103, tradução nossa) explicam que “nada se sabe sobre os anos seguintes antes de Danae se tornar a atendente favorita da poderosa LAODICE I em Antióquia.”¹¹² Deste modo, os acadêmicos supracitados não oferecem uma justificativa plausível que justifique tal comportamento atípico no seio da comunidade epicurista, visto que através de Diôgenes Laértios (*X*, 19; 22) e Filodemo (*Prag.*, col. XXXI, Diano, p. 17 *apud* Parente, 1974, p.129-130) sabe-se que Epicuro solicitou aos discípulos Hêrmacos, Idomeneu e a um contribuinte epicurista que cuidassem por consideração os *filhos de Metrôdoros*.

Embora não seja razoável descartar essa possibilidade, não se pode ignorar o modo de vida dos primeiros discípulos da Escola de Epicuro, que geralmente aderiam às práticas epicuristas. Como afirma Ascough, “[...] não apenas os ensinamentos de Epicuro eram altamente estimados, mas ele próprio era [...] venerado como ‘pai’ e ‘o sábio’ por seus seguidores” (Ascough, 2022, p. 23, tradução nossa).¹¹³

Por outro lado, não parece consistente argumentar que a crítica de Danae, feita antes de ser atirada no precipício, que as divindades recompensam de modo inverso aqueles que

¹¹¹ “[...] daughter of Leontium the Epicurean, who was also a courtesan herself.” (Trad. de C. D. Yonge).

¹¹² “Nothing is known of the intervening years before Danae became the favored attendant of the powerful LAODICE I in Antioch.”

¹¹³ “[...] for not only were Epicurus’s teachings held in high esteem but he himself was [...] venerated as ‘father’ and ‘the wise one’ by his followers.”

agem virtuosamente e aqueles que praticam constantemente a maldade (Athen., *Deipno.*, XIII, 64), foi um pensamento aprendido diretamente com Metrôdoros ou dentro do próprio Jardim. Isso porque Filarco de Náucratis identifica Leôntion de Atenas como “a epicurista” (Athen., *Deipno.*, XIII, 64, tradução nossa).¹¹⁴ Ademais, autores como De Witt (1964) e Lloret (2004) também concordam que Danae foi influenciada pela experiência filosófica de Leôntion.

Além disso, conforme os dados disponíveis nesta pesquisa, *Deipnosophistae* é a única obra que menciona Danae, o que sugere que ela não teve contato direto com o Jardim de Epicuro em sua primeira geração. Portanto, não é viável supor que Danae fosse uma filósofa distante de seus pares, uma vez que não há evidências que sustentem essa hipótese a longo prazo. Em contrapartida, McClure (2013) interpreta a performatividade de Danae como reflexo da exaltação da virtude da hetaira diante da tragicidade da vida presente na narrativa de Mirtilo de Tessália em *Deipnosophistae*.

No universo literário de *Athenaeus*, o pai de Danae poderia ser o próprio Epicuro (*Deipno.* XIII, 53), o poeta Hermesianax de Cólofon (*Deipno.*, XII, 70) ou qualquer outro homem, seja ele, epicurista ou não, dado que em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 49) Leôntion é retratada como uma hetaira epicurista ativa em sua arte (*Deipno.*, XIII, 49, 53). Descarta-se aqui a possibilidade de Epicuro e do poeta Hermesianax de Cólofon serem os pais de Danae, pois não há registros comprovados que tiveram descendência, nem a eles é dedicado prole em *Deipnosophistae* ou fora dela. Além disso, Mirtilo de Tessália denunciou que Leôntion teve relações eróticas com Epicuro e os epicuristas em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53). No entanto, essas supostas relações carnavais entre Leôntion e Epicuro, bem como com outros primeiros epicuristas, não implicam necessariamente que a discípula-hetaira teve uma filha com eles na vida privada. Além disso, não estabelece um vínculo direto entre Leôntion e Metrôdoros, nem entre Metrôdoros e a desafortunada hetaira Danae.

Em contraste, em *Athenaeus*, Metrôdoros é apresentado consistentemente como um discípulo profundamente engajado na filosofia epicurista, a qual girava em torno do prazer físico (*Deipno.*, VII, 11; XII, 67). No entanto, não há menção direta a um possível relacionamento entre Leôntion e Metrôdoros em *Deipnosophistae*. Isso levanta a questão de como a paternidade de Danae poderia ser atribuída a Metrôdoros, uma vez que *Athenaeus*, em sua extensa obra, não faz qualquer referência explícita a Leôntion como amante de

¹¹⁴“the Epicurean”. (Trad. de C. D. Yonge).

Metrôdoros. Pelo contrário, Leôntion é descrita como uma hetaira ciumenta em um relato cômico presente em *Athenaeus*, que narra que:

Leôntion estava uma vez sentada à mesa com um amante seu, quando Glicera entrou para jantar; e como o homem começou a prestar mais atenção em Glicera, Leôntion ficou muito incomodada: e logo em seguida, quando seu amigo se virou e perguntou por que ela estava chateada, ela disse: “meu ventre me doi”. (Athen., *Deipno.*, XIII, 49, tradução nossa)¹¹⁵

Por fim, é importante saber que, segundo Gordon (2012), Danae pode ser uma personagem fictícia originada das representações de Leôntion de Atenas. Em contraste, Coskun (2018) analisa a biografia de Danae como uma construção ficcional que reflete as tensões políticas entre os Impérios Selêucida e Ptolemaico no século II a.C. Assim, as interpretações desses autores indicam um tensionamento sobre a existência histórica de Danae. Isso enfraquece a possibilidade de que Danae seja a filha mencionada no testamento de Epicuro em Diôgenes Laértios (X, 19), uma infanta cuja existência é amplamente aceita tanto pelas fontes antigas quanto na literatura acadêmica contemporânea que se dedica ao epicurismo.

Considerando as informações exploradas até aqui, é possível questionar se Leôntion de Atenas realmente concebeu filhos. Esse questionamento levanta a dúvida de se a maternidade atribuída à hetaira ateniense é uma construção da tradição antiga ou uma interpretação da literatura acadêmica contemporânea, que busca reconstruir sua biografia apagada pelo tempo ou pelos homens. Assim, é necessário investigar mais a fundo a relação entre o filósofo lampsaqueano e a suposta hetaira ateniense, dentro dos limites que a literatura antiga e contemporânea permite compreender sobre este assunto.

Diante disso, é importante observar que, independentemente da abordagem adotada para confirmar a formalidade ou informalidade do relacionamento entre Metrôdoros de Lâmpsaco e Leôntion de Atenas, as interpretações presentes na literatura sobre epicurismo, apesar de suas variações, compartilham um fundamento comum. Todas essas análises se baseiam, direta ou indiretamente, em três fontes antigas: Diôgenes Laértios, Sêneca (, o Jovem) e Plutarco de Queroneia. Essas fontes são algumas das poucas que oferecem uma

¹¹⁵“Leontium was once sitting at table with a lover of hers, when Glycera came in to supper; and as the man began to pay more attention to Glycera, Leontium was much annoyed: and presently, when her friend turned round, and asked her what she was vexed at, she said, ἡ ὕστέρα pains me’.” (Trad. de C. D. Yonge).

visão concreta, ainda que limitada, sobre a dinâmica desse suposto casal no contexto do Jardim Epicurista em sua gênese.

Considerando o exposto, conforme indicado por Diôgenes Laértios (X, 6, 23), Metrôdoros foi amante de Leôntion, e posteriormente ela se tornou sua concubina. Sêneca citado por *Jerome (Adv., Ion., I, 48)*, apresenta Leôntion e Metrôdoros como um casal matrimonial. Por sua vez, Plutarco (*No posse*, 1098b) menciona que Metrôdoros contraiu matrimônio, embora não especifique o nome da esposa do filósofo lampsaqueano. Assim, as fontes que discutem a formalidade e informalidade do relacionamento de Metrôdoros foram escritas por um médio-platônico, um doxógrafo grego e um filósofo cristão influenciado por um estoico do período imperial, e são, portanto, exteriores e distantes do contexto histórico original do epicurismo em sua primeira geração.

Embora a literatura acadêmica contemporânea combine essas diversas fontes para confirmar o relacionamento de Metrôdoros com Leôntion e sua maternidade com relação aos filhos de Metrôdoros, todas essas fontes enfrentam problemas internos. Mesmo sendo consideradas clássicas e indispensáveis, elas apresentam limitações significativas diante do escrutínio crítico, especialmente quando se trata de fornecer informações precisas sobre a vida privada e comunitária do casal mais famoso, especulado e criticado do Jardim, cujas narrativas são problemáticas devido à exterioridade e o distanciamento do contexto original do epicurismo primitivo.

Diante das seções em Diôgenes Laértios (X, 6, 23), que sinalizam a elevação de Leôntion de amante para concubina de Metrôdoros, Arenson (2023) sugere que a presença e o papel de Leôntion podem ter sido moldados por perspectivas hostis ao epicurismo primitivo, incluindo a hipótese que houve uma ligação mais estreita entre ambos. Apesar de Diôgenes Laértios ser uma fonte valiosa do ponto de vista doutrinário e biográfico, ele não especifica claramente quais autores foram utilizados para confirmar a relação amorosa e estreita entre Leôntion e Metrôdoros. A falta de detalhes sobre a origem das informações deixa espaço para questionamentos, como os levantados por Arenson. Isso impossibilita a verificação completa da procedência das informações, gerando dúvidas sobre a precisão e a construção da narrativa a respeito de Leôntion e Metrôdoros como um casal no escrutínio crítico.

Por sua vez, Sêneca, conforme relatado por *Jerome (Adv., Ion., I, 48)*, descreve Leôntion e Metrôdoros como casados. No entanto, Roskam (2020) contesta essa caracterização, sugerindo que a discípula epicurista poderia ter sido apenas uma concubina de

Metrôdoros. Roskam argumenta que a interpretação estoica, apresentada pelo apologeta cristão, pode estar enviesada em relação à forma como o epicurismo tratava o matrimônio. Este ponto de vista adotado por Roskam dá um crédito à narrativa de concubinato presente em Diôgenes Laértios (X, 23), especialmente considerando as críticas levantadas por Arenson. Além disso, Gazur (2023) observa que:

Algumas fontes afirmam que ela era a concubina de Metrôdoros, enquanto outras dizem que ela era a esposa de Metrôdoros. É concebível que Leôntion fosse uma hetaira que Metrôdoros casou. Há casos de hetairas se tornando esposas, embora isso geralmente seja mencionado apenas para envergonhar o marido (Gazur, 2023, n.p., tradução nossa).¹¹⁶

Chegando à última referência, em que Plutarco (*No posse*, 1098b) menciona o casamento de Metrôdoros, Roskam (2019) não nega o vínculo entre Metrôdoros e Leôntion, mas interpreta essa menção como uma alusão a uma relação informal entre eles. Roskam sugere que Plutarco pode ter exagerado ou distorcido os fatos para criticar Metrôdoros, usando a própria filosofia do filósofo de Lâmpsaco contra o mesmo. Embora Roskam presuma que a mulher mencionada seja Leôntion, é importante notar que a passagem em questão não identifica explicitamente seu nome, ao contrário de outras passagens em que Plutarco menciona Leôntion claramente como amante de Epicuro (*No posse*, 1089c; *Lat. Viv.*, 1129b).

Por outro lado, em *No posse* (1098b), Plutarco parece concentrar seu foco nos líderes epicuristas, como Metrôdoros, Epicuro e Polieno, enquanto as mulheres, incluindo a hetaira estrangeira e a esposa de Metrôdoros, são apresentadas sem uma identidade claramente definida, exceto pelas referências aos membros femininos das famílias de Metrôdoros e Epicuro. Apesar da falta de identificação clara por parte de Plutarco, tanto Roskam (2019, 2020) quanto outros estudiosos, como Gordon (2004, 2012), Arenson (2023), Parente (1974) e De Witt (1964) reconhecem que a passagem em *No posse* (1098b) se constroi como uma narrativa negativa ao epicurismo primitivo.

Em suma, a interpretação das três fontes pode levar à conclusão de que Leôntion teve um vínculo formal ou mais flexível com Metrôdoros, o que parece compatível com corpo doutrinário epicurista. No entanto, a validade dessa afirmação pode ser questionada

¹¹⁶“Some sources say she was the concubine of Metrodorus but others say that she was Metrodorus’ wife. It is conceivable that Leontion was a hetaira that Metrodorus married. There are cases of a hetaira becoming a wife, though mostly this is only brought up to shame the husband.”

dependendo da perspectiva adotada na análise dos textos. Por outro lado, fica o questionamento de qual presumida hetaira epicurista poderia ter sido convencionada como mãe dos filhos de Metrôdoros pela tradição acadêmica, caso não houvesse fontes que vinculassem a suposta hetaira ateniense ao filósofo lampsaqueano. Seria atribuído, a Hedeia, Mammácion, Nicídion, Bodíon, Erótion ou à hetaira de Cízico, o papel de mãe dos filhos de Metrôdoros? Encerra-se aqui esta subseção, mas esta questão permanecerá em aberto para a posteridade e aos neo-epicuristas.

5. 3. 5 Idomeneu e Leônteu tiveram filhos bastardos com as hetairas epicuristas?

Deixando de lado agora a descendência de Leôntion e Metrôdoros, Plutarco também atribui filhos a Idomeneu de Lâmpsaco em *Adversus Colotem*, pois, segundo o queroneense, o grande mestre epicurista escreveu ao seu discípulo, dizendo: “Envia-me, então, primícias para o cuidado do corpo sagrado, em nome de ti e de teus filhos; É assim que me ocorre escrever para você” (Plut., *Adv. Col.*, 1117d-e, tradução nossa).¹¹⁷ Além disso, uma fonte preservada em Filodemo (*Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. 8-20 Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115) sugere Nicídion com sua parceira extraconjugal.

Diferentemente de Polieno e Metrôdoros, que aparentemente não contraíram matrimônio com mulheres legítimas, o próspero discípulo Idomeneu uniu-se publicamente em matrimônio com Batis de Lâmpsaco conforme registrado por Diôgenes Laértios (*X*, 23). Este dado bibliográfico sugere que a descendência atribuída por Plutarco a Idomeneu poderia ser considerada legítima, posto que Sêneca preservou dois trechos de cartas atribuídas a Metrôdoros consolando sua irmã pela perda de um filho. Em uma das suas epístolas, Sêneca escreveu que dava

[...] toda a razão a Metrodoro quando, numa carta dirigida à irmã por ocasião da morte de um filho de nobre carácter, lhe disse: “*Todo o bem relativo aos mortais é mortal.*” (Sen., *Epist. ad Luc.*, XCVIII, 9, trad. de J. A. Segurado e Campos, itálico do tradutor).

E na outra que tinha:

¹¹⁷“Mándame, pues, primicias para el cuidado del sagrado cuerpo, de parte tuya y de tus hijos; así se me ocurre escribirte” (Trad. de Juan F. M. Montiel).

as próprias palavras de Metrodoro: '*Das cartas de Metrodoros à irmã:*' - '*Há um certo prazer que nasce simultaneamente com a dor, e que é preciso captar no próprio momento*' (Sen., *Epist. ad Luc.*, XCIX, 25, trad. de J. A. Segurado e Campos, *itálico do tradutor*).

Em contraposição ao alegado relacionamento íntimo de Nicidion com Idomeneu presente em Filodemo, não há informações significativas que corroborem o envolvimento amoroso entre o discípulo e a hetaira, nem que tiveram descendência. Para os acadêmicos Erbi (2020) e Gazur (2023), esse envolvimento entre filósofos e amantes em Filodemo (*P. Herc.* 1005, fr. 117, col. 8-20) pode se tratar de uma provável heterodoxia que estava sendo combatida no círculo epicurista.

De modo semelhante a Idomeneu, Leônteu de Lâmpsaco foi acusado, pela mesma fonte, coletada por Filodemo, de ter Mammáriorion como sua companheira (*Filod., Agli amici di scuola, P. Herc.* 1005, fr.117, col. 8–20 Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115). No entanto, não há informações concretas sobre esse possível relacionamento afetivo entre Leônteu e Mammáriorion, nem evidências de que eles tiveram um filho. O que se sabe, de acordo com Laêrtios (*X*, 26), é que Leônteu tinha uma esposa e um filho, seus nomes eram Temista e Epicuro, respectivamente. O nome do filho de Leônteu com Temista foi uma homenagem ao grande mestre epicurista, a qual Frischer (1982, p. 205, tradução nossa) interpreta como “um gesto que implica não apenas reverência, mas também parentesco, uma vez que os meninos primogênitos gregos normalmente recebem o nome de seus avós paternos.”¹¹⁸

Diante da afirmação duvidosa de que Leônteu e Idomeneus tiveram envolvimento extraconjugais, é válido destacar que eles também são mencionados em contextos de desacordo com a filosofia epicurista em sua gênese. Através dos *Papiros de Herculano*, sabe-se que Leônteu de Lâmpsaco desviou-se, por algum tempo, da concepção teológica epicurista (*Philod., Lib.*, fr. 6, Konstan *et al*). Por outro lado, em uma carta estoica, Idomeneus de Lâmpsaco é retratado como um discípulo que desconhece a moderação racional dos desejos com um bem maior, que pode ser oferecida ao próximo (Sen., *Epist. ad Luc.*, XXI, 7–8). Em ambas as passagens mencionadas, os discípulos recebem críticas do grande mestre epicurista devido às peripécias do jovem Pítocles na comunidade epicurista no Helesponto.

Apesar de alguns erros cometidos como discípulos inexperientes, a boa relação interpessoal de Leônteu e Idomeneu com Epicuro, que começou em Lâmpsaco, segundo

¹¹⁸“a gesture implying not only reverence but kinship, since first-born Greek boys are normally named after their paternal grandfathers.”

Strabo (*XIII*, 1.19), perdurou até o falecimento de Epicuro. Isso pode ser confirmado na *Carta de Epicuro a Idomeneus* preservada por Diôgenes Laértios (*X*, 22), onde o líder epicurista solicita suporte material aos filhos de Metrôdoros, evidenciando a exemplar trajetória do discípulo epicurista lampsaqueano. Além disso, em Diôgenes Laértios (*X*, 25), o marido de Temista é destacado entre os alunos celebre da primeira geração. Assim, ambos são lembrados na história do epicurismo como discípulos que continuaram comprometidos com a filosofia epicurista em um contexto positivo.

Ainda que a prática filosófica epicurista não exigir a ausência de desejos por outros corpos como um requisito absoluto para o sábio, dada a liberdade e a gestão consciente sobre a própria vida que o epicurismo permitia, é relevante ressaltar que não apenas Leônteu e Idomeneus tiveram suas supostas infidelidades expostas, mas também a vida privada de suas esposas foi alvo de ataques. Gordon (2013) observa que as correspondência a Temista, preservada por Diôgenes Laértios (*X*, 5), onde o líder epicurista expressa saudade por ela, apresenta uma linguagem epistolar que parece destoar do modo habitual de escrever epicurista. Por outro lado, Roskam (2019) observa que a passagem em que Plutarco (*No posse*, 1098b) menciona Batis de Lâmpsaco, celebrando o fim da solteirice de seu irmão, é uma construção crítica destinada a atacar o *ethos* epicurista de Metrôdoros.

Embora Batis e Temista tenham sido tratadas de forma negativa em algumas narrativas sobre o epicurismo primitivo, como indicam Gordon e Roskam, é importante ressaltar que Temista foi destacada positivamente por autores externos ao Jardim e louvada nos escritos internos da comunidade epicurista. No caso de Temista, tanto *Clement of Alexandria* (*Strom.*, IV, 121.4) quanto *Lactantius* (*Div., inst.*, III, 25) a descrevem como uma mulher notável entre seus pares, que se destacou pelo aprofundamento na filosofia epicurista e na prática filosófica. Em relação a Batis, sua presença nos Papiros de Herculano foi identificada graças à nova interpretação de Angeli (1993), que, ao analisar o papiro *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XIX-XXIII), observou a referência a uma figura feminina associada à primeira geração do Jardim. Em uma das colunas, o epicurista afirma que:

... aquela, que realizava conosco todas as tarefas que eram nossas e, além disso, [proporcionava] por sua própria pessoa a incitação a agir como ela mesma, em [todos] os domínios. [Ela] tinha também a prudência do Mestre, o senso de medida em tudo e, ainda, um espírito conciliador, que revelava plenamente sua nobreza na conversa e [na prova], uma vez que também contribuiu para que ela cuidasse dele

sem a menor hesitação e [de todas as maneiras], no momento de sua morte... (*P. Herc.* 176, col. XIX, Daroca; Martínez, 2010, p. 31, tradução nossa).¹¹⁹

Independentemente da veracidade das informações, a fonte de Filodemo (Filod., *Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. 8-20, Angeli apud Guerra, 1991, p. 115), que menciona que Leônteu e Idomeneu tiveram companheiras extraconjugais chamadas Nicidíon e Mamárion, respectivamente, deve ser examinada com cautela. Essa menção precisa ser comparada com outras narrativas anti-epicuristas para avaliar se se trata de uma narrativa predominante ou se, ao menos, se alinha com as demais que moldaram o imaginário antigo sobre o epicurismo primitivo, já analisadas nesta pesquisa.

Diante disso, é importante compreender que os *Papiros de Herculano* revelam que Epicuro trocou cartas tanto com Leônteu, de acordo com *Philodemus* (*Lib.*, fr. 6, Konstan *et al.*), quanto com Temista, conforme o *P. Herc.* 176 (*Philod.*, *Mem. Epic.*, X 8-9, Erbi, 2020, p. 62). Além disso, segundo Diôgenes Laértios (*X*, 22) e Plutarco (*Adv. Col.* 18, 117d), Epicuro também manteve correspondência com Idomeneus. Da mesma forma, Sêneca (*Epist. ad Luc.*, XCVIII, 9; XCIX, 5) menciona que Metrôdoros trocou cartas com sua irmã em um momento de luto. Essas trocas de correspondência indicam que os discípulos e suas esposas permaneceram em Lâmpsaco, em vez de viver com Epicuro em sua propriedade em Atenas. Assim, é razoável supor que tanto Nicidíon quanto Mamárion, na condição de *amantes*, residiam no Helesponto, uma vez que os discípulos Leônteu e Idomeneu aparentemente não visitaram ou não passaram muito tempo na propriedade epicurista ateniense.

Se for verossímil, de que Nicidíon e Mamárion moravam em Lâmpsaco ou, ao menos, que seus companheiros eram de lá, essa possibilidade pode não coincidir com a crítica anti-epicurista de Timócrates de Lâmpsaco, que parece separar Nicidíon e Mamárion de seus supostos amantes Idomeneu e Leônteu, respectivamente. De acordo com Timócrates, conforme citado por Diôgenes Laértios (*X*, 7), Mamárion e Nicidíon eram hóspedes exclusivos de Epicuro e Metrôdoros na comunidade epicurista em Atenas.

Por outro lado, com base nas datas propostas por Angeli (2016), que indicam que a literatura timocratiana foi publicada após 290 a.C., e nas de Dorandi (1999), que sugerem que

¹¹⁹“... celle-là, qui remplissait avec nous toutes les tâches qui étaient les nôtres et, qui plus est, [procurait] par sa personne l’incitation même à agir comme ellemême, dans [tous] les domaines. [Elle] avait également la prudence du Maître lui-même, le sens de la mesure en tout et, encore, un esprit conciliant, qui révélait à plein sa noblesse dans la conversation et [l’épreuve], puisqu’il contribuait encore à ce qu’elle s’occupât de lui sans la moindre hésitation et [de toutes les façons], au moment de sa mort ...” (Trad. de Francisco Javier Campos Daroca e María de la Paz López Martínez).

a comunidade epicurista ateniense começou suas atividades por volta de 304 a.C., podem ser formuladas algumas hipóteses. Considerando essas análises, é possível que o ex-discípulo Timócrates estivesse se referindo implicitamente a mulheres que se integraram ao epicurismo em Atenas. Outra possibilidade é que essas mulheres tenham migrado de Lâmpsaco para Atenas acompanhando Epicuro e Metrôdoros, uma opção que confere sentido à narrativa, mesmo que de forma temporária, validando assim essa interpretação presente em Filodemo.

De maneira semelhante, a narrativa anti-epicurista de Plutarco parece não coincidir com a apresentada no fragmento de Filodemo (*Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. 8-20 Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115), uma vez que Nicídion é posicionada em um contexto diferente. Nas obras anti-epicuristas de Plutarco, embora Nicídion seja citada, assim como Leônteu, em réplicas contra Epicuro e o epicurismo, as menções ocorrem em obras distintas e não estabelecem uma conexão direta entre eles. Em vez de ser amante de um filósofo lamsaqueano, em Plutarco (*No posse*, 1097d-e), Nicídion é descrita em uma única passagem junto com outras três mulheres, vistas externamente como sedutoras na propriedade epicurista ateniense. Por sua vez, em Plutarco (*Adv. Col.*, 1108e), Leônteu é apresentado apenas como um discípulo que acredita e compartilha os ensinamentos de Epicuro entre os seus pares.

No que diz respeito à relação com Idomeneu, a narrativa não associa explicitamente as mulheres do prazer ao filósofo lamsaqueano, embora Plutarco (*Adv. Col.*, 1108e) possa sugerir uma conexão aparente. Em Plutarco (*Adv. Col.*, 1117d), Idomeneu é retratado apenas como um contribuinte da vida desregrada epicurista e não é diretamente vinculado a mulheres associadas ao prazer. Além disso, Mamácion não aparece nos trabalhos de Plutarco.

Pode-se afirmar que, entre todas as mulheres de condição reprovável que supostamente frequentavam ou residiam no Jardim, Plutarco confirma apenas a existência de uma mulher descrita de forma geograficamente distante implicitamente. Ela é associada exclusivamente a Poleno e Epicuro, mas seu nome não é informado; sendo descrita apenas como “a hetaira de Cízico” (*Non posse*, 1098b, tradução nossa).¹²⁰ No entanto, essa passagem apresenta problemas, conforme observado por teóricos como Parente (1974) e De Witt (1964).

Assim, dentro desse horizonte interpretativo parece, caso seja aceitável, que a narrativa presente em Filodemo *Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. 8-20 Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115) não é hegemônica nem se alinha completamente com outras fontes

¹²⁰ “la hetera de Cízico”. (Trad. de Juan F. M. Montiel).

hostis exteriores ao epicurismo. Embora seja uma fonte importante e ofereça uma perspectiva valiosa, sua descrição de figuras femininas como Nicídion e Mamácion apresenta características distintas que não coincidem totalmente com as narrativas de críticos anti-epicuristas como Plutarco e Timócrates.

Para concluir esta subseção, é fundamental destacar que Angeli (1993) interpretou a coluna XXIII do papiro *P. Herc.* 176 como uma correspondência privada de Batis para sua sobrinha. Considerando a interpretação de Angeli, que identifica Batis como a figura central dessa passagem, observa-se que a epístola não faz menção a Mamácion ou Nicídion durante a viagem, nem lhes concede destaque especial na terra natal de Batis, caso morassem lá. A mensagem de retorno é direta: “Cheguei em segurança a Lâmpsaco com Pítocles, Hêrmacos e Ctésippe. Lá encontramos **Temista** [, esposa de Leônteu] e outros amigos em boa saúde”(P. *Herc.* 176, col. XXIII; Daroca; Martínez, 2010, p. 34, tradução nossa, negrito nosso).¹²¹

5. 3. 6 Hêrmacos e Pítocles tiveram filhos com as hetairas epicuristas?

No que diz respeito a Hêrmacos de Mitilene e Pítocles de Lâmpsaco, a mesma fonte que acusou Idomeneu e Leônteu de manterem relações extraconjugais — em Filodemo (*Agli amici di scuola*, P. *Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli apud Guerra, 1991, p. 115) — sugere que o mitilenita teve um relacionamento afetivo com uma mulher chamada Demetria e se refere ao jovem lamsaqueano como pupilo de Polieno.

Diante dessas alegações, há poucas informações disponíveis sobre a vida privada de Hêrmacos. Não se sabe se ele deixou descendentes ou se contraiu casamento formal. A identidade da mulher chamada Demetria, associada ao discípulo no P. *Herc.* 1005 (fr. 117, col. VIII-XX, Angeli), permanece incerta. Além disso, não há evidências documentais na tradição epicurista que confirmem alegações de qualquer relacionamento afetivo entre o mitilenita e sua suposta amante.

Diante da suposta exposição da vida íntima de Hêrmacos, é importante notar que as narrativas anti-epicuristas apresentam divergências significativas quanto à posição geográfica e ao papel de Hêrmacos em relação ao Jardim de Epicuro, embora nenhuma delas mencione uma mulher associada a ele. Segundo Mirtilo de Tessália, citado por Athenaeus (*Deipno.*, XIII, 53), Hêrmacos é descrito apenas como um discípulo que tomou conhecimento, por

¹²¹“Je suis bien arrivée à Lampsaque avec Pythoclès, Hermarque et Ctésippe. Là nous avons rencontré Thémista et les autres amis en bonne santé.”(Trad. de Francisco Javier Campos Daroca e María de la Paz López Martínez).

meio de cartas de Epicuro, sobre o comportamento imoral e filosófico de Leôntion entre seus pares. Em contraste, Alciphron (II, §II, Epist., XVI) apresenta Hêmarcos como um discípulo com vínculos diretos com o Jardim, incumbido da missão de trazer a hetaira Leôntion de volta ao círculo epicurista junto com seus pares.

Essas fontes delineiam dois perfis distintos de Hêmarcos: no primeiro, ele é retratado como alguém ciente das questões internas, mas sem envolvimento direto nas práticas consideradas vulgares associadas ao Jardim. No segundo, Hêmarcos participa ativamente da vida cotidiana epicurista e, sob a influência de terceiros, coage uma mulher, cuja vontade e liberdade deveriam ser preservadas. Em última análise, Hêmarcos atua como um elemento simbólico na crítica moral ao epicurismo, tanto na posição de discípulo quanto, posteriormente, como líder da escola epicurista.

No caso do jovem Pítocles, as fontes epicuristas como Filodemo revelam que o jovem lamsaqueano Pítocles teve dificuldades em aderir prontamente à filosofia epicurista. Por exemplo, em Filodemo observa-se sua descrença nos deuses (Philod., *Lib.*, fr. 6, Konstan *et al*). Por meio de Sêneca (*Epist. ad Luc.*, XXI,7-8), sabe-se que Pítocles precisava controlar seus próprios desejos. Além disso, em um papiro atribuído ao jovem lamsaqueano, um sábio epicurista o adverte:

En(tendo) que você tenha **desejos carnavais** <inten>sos para o **prazer am(oso)**. Aproveite isso, contanto que não in(frinja) as leis, não transgri(da) os bons costumes, não cause dor ao teu próximo, não <contam>ine a carne, **nao gaste o necessário para a vida com <as prostitutas>**; na verdade, é realmente triste não seguir nem <mesmo uma> só dessas regras. Os **pra(zeres amorosos** <não trouxeram nunca> benefícios; devemos ser gratos <se não nos trouxerem dan>os (*Pap. Berol.* 16369, col. II, *apud* Parente, 1974, p. 524-525, tradução nossa, negrito nosso).¹²²

Embora o nome de Pítocles esteja associado a reflexões sobre o manejo dos próprios desejos, isso não implica necessariamente que ele tenha tido relações com as mulheres que supostamente frequentavam o Jardim, como Mammárion, Hedeia, Erótion, Nicídion e Bodion. Conforme interpretado por Brown (1987) e Spinelli (2009), a passagem do *Papiro Berolinense* 16369 deve ser entendida como uma exortação epicurista que incentivava o jovem a adotar uma postura ativa e responsável, considerando seus próprios desejos sexuais

¹²²“Ap(prendo) che hai moti della carne piuttosto <viva>ci verso il godimento dei piaceri amo(rosi). Godi pure di questa tua inclinazione, purché però tu non in(franga) le leggi, non trasgre(disca) i buoni costumi stabiliti, non arrechi dolore al tuo prossimo, non <contam>ini la <carne> o spenda il necessario per la vita <con le meretrici>; è triste cosa infatti non attenersi <anche a una> soltanto di queste regole. I pia(ceri amorosi non hanno ma)i giovato, c'è da esser grati <se non portano dan>no.” (Trad. de Margherita Isnardi Parente).

em termos de bem-estar físico e espiritual, e enfatizando a necessidade de moderar esses desejos. Assim, ambos os autores mencionados não se referem necessariamente a uma experiência concreta que valide o fragmento, mas sim a uma orientação que visa estabelecer um repertório de comportamentos alinhados ao epicurismo.

Por outro lado, o nome de Pítocles não costuma estar vinculado a mulheres nos textos dos autores que antagonizaram o Jardim; ao contrário, ele é descrito mais frequentemente ligado a homens mais amadurecidos em conotação erótica em contextos polêmicos. Por exemplo, Pítocles é supostamente louvado por Epicuro pela sua beleza estética em Diôgenes Laértios (X, 5) e Polieno de Lâmpsaco é creditado como seu educador em sua juventude em um contexto polemico (Filod., *Agli amici di scuola*, P. Herc. 1005, fr.117, col.VIII-XX Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115).

Embora o jovem Pítocles não seja citado expressamente, as acusações contra os epicuristas por supostamente se envolverem com mancebos não são as únicas. Plutarco, em sua crítica ao afastamento voluntário dos primeiros epicuristas da comunidade local, o filósofo insinua sutilmente este ponto da seguinte maneira:

se é aos bons que exortas a passarem despercebidos e ignorados, estás dizendo a Epaminondas: «Não comandes exércitos», [...] a Sócrates: «Não dialogues», e, em primeiro lugar, estás dizendo a ti mesmo, Epicuro: «Não escrevas aos amigos da Ásia, nem hospedes os do Egito, **nem sejas guardião dos efebos** [ἐφήβους] **de Lâmpsaco** [...]». De fato, o que significam esses banquetes em comum? O que são essas reuniões com **os amigos e os jovens** [ἐπιτηδείων] **bonitos**? Para que servem as milhares e milhares de linhas que escreveste a Metrôdoros, Aristóbulo e Queredemos, compostas laboriosamente para que nem depois de mortos passassem despercebidos [...]? (Plut., *Lat. Viv.*, 1128 e-f–1129a, tradução nossa, negrito nosso).¹²³

Sabe-se, através de *Philodemus* (*Lib.*, fr. 6, Konstan et al.; *De mort.*, 12.2–13.3, Henry), de Sêneca (*Epist. ad Luc.*, XXI, 7–8), e do *Papiro Berolinense* 16369 (col. II, *apud* Parente, 1974, p. 524-525), que os líderes epicuristas, incluindo Epicuro e Metrôdoros, estiveram diretamente envolvidos no processo formativo de Pítocles, especialmente durante sua adaptação à vida epicurista. No entanto, esse cuidado tinha um caráter estritamente

¹²³“si es a los buenos a quienes exhortas a pasar inadvertidos e ignorados, estás diciendo a Epaminondas: «No mandes ejércitos», [...] a Sócrates: «No dialogues», y en primer lugar te estás diciendo a ti mismo, Epicuro: «No escribas a los amigos de Asia, ni hospedes a los de Egipto, ni seas guardián de los efebos de Lámpsaco [...]». En efecto, ¿qué significan esas comidas en común? ¿Qué son esas reuniones con los amigos y los niños bonitos? ¿A qué vienen los miles y miles de líneas que escribiste a Metrodoro, a Aristobulo, a Queredemo, compuestas laboriosamente para que ni después de muertos pasasen inadvertidos [...]?» (Trad. de Juan F. M. Montiel)

filosófico, alinhando-se com os princípios expostos na *Carta a Meneceu*, onde Epicuro afirma:

não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, **nem a posse de [...] rapazes** [παίδων] [...] que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos (Epicuro, 2002, p. 44-45, trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore, negrito nosso).¹²⁴

Diante dessas considerações, é interessante observar que Plutarco criticou severamente as supostas habilidades retóricas do jovem Pítocles, conforme mencionado por Colotes (*Adv. Col.*, 1124C), mas não há menção direta a filhos atribuídos ao lamsaqueano pelo filósofo queroneense. Curiosamente, sabe-se por meio de um papiro, que sua relação mais próxima com a infância e a criação de filhos ocorreu quando ele ficou responsável pelos filhos de um discípulo chamado Cronius por um período indeterminado (*Filod., Prag., P. Herc.* 1289, col. XX, Sedley, 1976b, p. 29). Tanto Guerra (2010) quanto Erbi (2020) interpretam que Pítocles atuava como um educador particular durante sua participação na vida familiar do discípulo epicurista Cronius.

Em linhas gerais, tanto Hêrmacos quanto Pítocles se destacaram positivamente na tradição filosófica do Jardim. Hêrmacos de Mitilene, por exemplo, foi escolhido pelo próprio Epicuro para liderar sua escola após sua morte e conforme relata Diôgenes Laértios (*X*, 25), ele honrou sua posição na comunidade mesmo diante da enfermidade. No que diz respeito a Pítocles, subentende-se que os *puxões de orelha* do grande mestre epicurista tiveram um impacto positivo na vida do enérgico lamsaqueano, ainda que não de modo imediato. Afinal, Filodemo o evoca como um jovem que viveu uma vida boa aos moldes epicuristas (*Philod., Lib.*, fr. 6, 4–12, Konstan *et al*).

5. 3 Foram as supostas hetairas epicuristas grandes filósofas?

Ao longo desta pesquisa, observou-se que autores antigos, como o ex-discípulo Timócrates de Lâmpsaco, o filósofo Plutarco de Queroneia e o sofista *Alciphron*, retratam as mulheres epicuristas, frequentemente identificadas como hetairas ou prostitutas, da primeira geração do Jardim de Epicuro como meros objetos de prazer. Essas representações relegam essas mulheres a uma condição passiva dentro da comunidade epicurista, excluindo-as da

¹²⁴Cf. D.L., *X*, 132.

produção filosófica e marginalizando seu papel na escola-comunidade. Essa perspectiva reflete uma construção de gênero e performatividade que tem sido contestada e interpretada como enviesada por acadêmicos contemporâneos, como Gordon (2004, 2012), Spinelli (2009), Cid (2021), Berti (2015) e Fábio (2017). Estes renomados acadêmicos não apenas questionam a visão historicamente consolidada pela tradição filosófica e literária antiga sobre o suposto papel e condição social dessas mulheres na comunidade epicurista, mas também argumentam que as narrativas antigas utilizavam a ficção para atacar o epicurismo primitivo em sua formação inicial, enquanto escola filosófica e comunidade auto-afastada.

Considerando isso, pode-se afirmar que os teóricos supracitados abordam com ceticismo as narrativas antigas sobre as mulheres conhecidas como *hetairas* ou prostitutas no Jardim de Epicuro, uma vez que a verdade sobre o papel e a condição dessas mulheres na produção intelectual e na vida cotidiana da comunidade filosófica pode ter sido aumentado, exagerado ou, simplesmente, distorcido. Trata-se aqui de um Epicurismo pensado como um modo de experienciar a existência pautado em uma ética prática e comunitária, o qual se popularizou sobre um (suposto) espírito inclusivo, o qual, segundo os escritos epicuristas sobreviventes, afirmava que “a amizade percorre a terra anunciando a todos nós para despertarmos e nos alegrarmos uns com os outros” (Epic., *SV* LII, Arrighetti, 1960, p. 150, tradução nossa).¹²⁵

5.3.1 Leôntion de Atenas escreveu filosoficamente contra o Liceu?

Considerando a recepção hostil ao epicurismo primitivo sob a perspectiva da tradição filosófica e da literatura antiga, e adotando uma abordagem crítica em relação às questões de gênero dentro do epicurismo grego da primeira geração, Spinelli (2009) e Cid (2021) contestam a construção considerada como anti-epicurista. Ambos argumentam que essa visão não reflete com precisão os papéis e as funções desempenhadas pelas mulheres na comunidade epicurista inicial.

Sob um horizonte interpretativo que reconhece o princípio igualitário de gênero presente na filosofia epicurista primitiva, Spinelli (2009) e Cid (2021) destacam que as

¹²⁵“L’amicizia trascorre per la terra annunciando a tutti noi di destarci per felicitarsi gli uni con gli altri.” (Trad. de Graziano Arrighetti).

mulheres não apenas desfrutavam de protagonismo entre seus pares masculinos, mas também eram capazes de produzir conhecimento epistêmico e compartilhá-lo com o mundo exterior.

Como forma de fundamentar seus posicionamentos sobre o Jardim de Epicuro, ambos acadêmicos recorrem a uma passagem específica de Cícero, em *De Natura Deorum* (I, 93), a fim de destacar a cultura filosófica feminina no Jardim. Trata-se de uma passagem curta, que parece enfatizar as habilidades literárias da célebre Leôntion de Atenas. Conforme ressaltado pelo acadêmico Cotta: “[...] **ela escreveu elegantemente em bom estilo ático**, mas ainda assim, essa era a licença que prevalecia no Jardim de Epicuro.” (Cic., *Nat. Deor.*, I, 93, tradução nossa, negrito nosso).¹²⁶

Embora Spinelli e Cid interpretem o discurso de Cotta como um indicativo de que as mulheres desempenharam algum tipo de protagonismo filosófico no Jardim de Epicuro, autores como Millett (2007) e Gordon (2012) oferecem perspectivas contrastantes. Gordon argumenta que a presença feminina é utilizada por Cotta unicamente como um recurso retórico para atacar a moralidade epicurista sustentada por seu oponente retórico, Caio Valeio. Em contraste, Millett sugere que a passagem, em Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), deve ser entendida como uma narrativa ficcional que reflete mais os tensionamentos políticos enfrentados por Teofrasto como um estrangeiro em solo ateniense do que as habilidades de uma figura feminina epicurista. Comparando as interpretações de Millett e Gordon, ambos os teóricos assinalam para a possibilidade de que tais representações possam ter sido mais uma construção retórica ou ficcional do que uma descrição precisa da realidade. O que torna a passagem de *De Natura Deorum* (I, 93) uma fonte controversa para ser um fundamento seguro para o posicionamento de que as mulheres epicuristas tiveram a oportunidade de defender, com seus próprios pensamentos e palavras, a filosofia que conheciam e praticavam entre os seus pares na comunidade epicurista primitiva.

Tendo em vista isso, mesmo que se concorde com Gordon quanto ao aspecto negativo com relação o epicurismo apresentado em *De Natura Deorum* (I, 93), é pertinente questionar se existe algum grau de veracidade na descrição de Cotta sobre a estilística atribuída a Leôntion. Nesse contexto, é importante considerar que o próprio doxógrafo Diôgenes Laértios (X, 23) reconhece Leôntion como uma figura feminina ligada ao território ateniense. Além disso, Filodemo preservou uma passagem na qual um epicurista destaca Leôntion como uma

¹²⁶ “[...] she wrote elegantly in good Attic, but still, this was the license which prevailed in the Garden of Epicurus” (Trad. de P. G. Walsh).

correspondente ativa que se comunicava com Epicuro através de cartas, “[...] em termos gentis e apropriados [...]” (Philod., *Prag.*, col. XX, Sedley, 1976b, p. 29, tradução nossa).¹²⁷

Este reconhecimento pode sugerir, no primeiro momento que, apesar das possíveis intenções retóricas ou críticas de Cotta, há indícios que corroboram a presença e o envolvimento de Leôntion com a escrita entre os epicuristas da primeira geração, o que pode indicar um papel mais proeminente do que o simplesmente *desdenhado* pela narrativa tradicional exterior ao Jardim.

Ainda que possa haver a possibilidade, embora pequena, de que a narrativa de Cotta sobre Leôntion possua algum fundo de veracidade por trás de sua retórica, em *De Natura Deorum* (I, 93), é válido observar que o excêntrico senador epicurista Caio Valeio não corrigiu o acadêmico Cotta sobre as alegadas realizações da hetaira ateniense no Jardim, nem confirmou tal postura filosófica em sua réplica. Todavia, o senador romano optou pelo silêncio diante de seu oponente retórico, ao dizer: “[...] Mas responderei a esses argumentos seus em outra ocasião [, Cotta]; agora, vamos dar a palavra a Lucílio, se ele estiver de acordo.” (Cic., *Nat. Deor.*, II, 1, tradução nossa).¹²⁸ Esse posicionamento epicurista masculino deixa abertas as interpretações sobre a história de que uma mulher — ateniense, epicurista e supostamente hetaira — produziu filosofia entre os homens, desafiando um homem específico de altas habilidades filosóficas.

Considerando a possibilidade de que o acadêmico Cotta, em *De Natura Deorum* (I, 93), tenha tido acesso a uma obra atribuída a Leôntion, e levando em conta que Cícero viveu no século I a.C. e que Leôntion atuou aproximadamente no século III a.C., pode-se estimar que a suposta obra de Leôntion perdurou por cerca de 300 anos como parte do conhecimento público fora dos círculos epicuristas, transcendendo as fronteiras de sua época de produção. Além disso, a memória de sua escrita parece ser evocada por volta de 200 anos depois, em *Pliny* (*NH*, pref., 29, 35), e é expressamente retomada cerca de 1.300 anos depois por Boccaccio em *De mulieribus claris* (cap. LVIII). Isso sugere que a fama da obra resistiu ao tempo, considerando Cícero como um marco temporal.

Essa durabilidade levanta questões sobre a autoria e o conteúdo da referida obra de Leôntion contra Teofrasto, especialmente considerando que a suposta obra poderia ter uma base filosófica subjacente a esse suposto conflito, a qual teria provocado tensionamento e

¹²⁷ “[...] in kind and appropriate terms [...]” (Trad. de David Sedley).

¹²⁸ “[...] But I shall respond to these arguments of yours on another occasion; let us now give the floor to Lucilius, if he is agreeable.” (Trad. de P. G. Walsh).

repercussão tanto na filosofia quanto na história antiga, além de influenciar a crítica literária italiana dentro do contexto de transição para o *Renascimento*.

Em busca de possíveis respostas às questões levantadas, é importante observar que pouco se sabe concretamente sobre o conteúdo da obra atribuída à famosa hetaira Leôntion de Atenas, uma vez que o texto não chegou até a contemporaneidade. O período exato de sua publicação e a natureza precisa da obra—se literária, filosófica ou difamatória—permanecem desconhecidos. As passagens que discutem o evento não revelam o cerne da obra nem as razões que a provocaram do ponto de vista do *Liceu de Teofrasto*, como evidenciado nas referências presentes em Cicero e Boccaccio. Cicero (*Nat. Deor.* I, 93), por exemplo, descreve a obra como resultado de pensamentos equivocados, enquanto Boccaccio (*De mulier.*, cap. LVIII) sugere ressentimento ao invés de conteúdo epistemológico ou científico.

Sobre a consistência da autoria atribuída à suposta hetaira epicurista ateniense Leôntion, é possível observar que tanto Cicero (*Nat. Deor.*, I, 93) quanto Boccaccio (*De mulier.*, cap. LVIII) fazem referências à autoria de uma obra contra Teofrasto por parte de Leôntion de modo expreso. Cicero menciona explicitamente que “[...] ela escreveu elegantemente em **bom estilo ático** [...]” (Cic., *Nat. Deor.*, 1.93, negrito nosso)¹²⁹, enquanto Boccaccio relata que, “**segundo o testemunho dos antigos**, ela era tão estudiosa que ousou escrever e criticar Teofrasto [...] **Eu não vi este trabalho**” (Boccaccio, *De mulier.*, cap. LVIII, tradução nossa, negrito nosso).¹³⁰

Assim, observa-se que, ao contrário de Cícero, que supostamente descreve a estilística leontina de modo crítico, Boccaccio, por sua vez, fundamenta suas afirmações em pensadores do passado, cujas identidades e a legitimidade das informações não são verificáveis, pois o florentino não especifica as fontes utilizadas em seu capítulo dedicado a Leôntion de Atenas. Isso levanta dúvidas sobre a veracidade da narrativa de Leôntion como *escritora independente*, uma vez que as informações fornecidas são secundárias e não confirmadas diretamente.

Se a narrativa de Cicero e Boccaccio apresenta problemas internos, conforme exposto ao longo deste estudo, autores como Berti (2015) e Snyder (1989) propõem, com base em Pliny (*NH*, pref., 29, 35), que Leôntion teria produzido conteúdo filosófico contra o Liceu. Na passagem, em questão, Plínio afirma que “eu sei muito bem que até mesmo **uma mulher**

¹²⁹ “[...] she wrote elegantly in good Attic [...]” (Trad. de P. G. Walsh).

¹³⁰ “According to the testimony of the ancients, she was such a scholar that she dared write against and criticize Theophrastus [...] I have not seen this work.” (Trad. de Guido A. Guarino).

[*feminam*] uma vez escreveu contra Teofrasto [...]” (Pliny, *NH*, pref., 29, 35, tradução nossa, negrito nosso).¹³¹

Embora Plínio faça referência a uma mulher que escreveu contra Teofrasto, é importante notar que o historiador não menciona explicitamente o nome de Leôntion no texto em latim, ao contrário de outras passagens em que o nome de Leôntion está claramente associado ao epicurismo primitivo como em *Naturalis Historia* (XXXV, 99; 144). Assim, a atribuição de Leôntion a essa obra é feita com base em inferências e correlações com outras fontes como Boccaccio e Cícero, no entanto, especialmente em Cícero, que é fonte primária desse conflito. Assim, a identificação de Leôntion como autora de um trabalho contra um peripatético, em Pliny (*NH*, pref., 29, 35), deve ser considerada apenas como uma convenção teórica.

Diante da atribuição de uma obra a Leôntion, acadêmicos contemporâneos têm especulado sobre a possível base filosófica dessa controvérsia. Glassman (2017, p. 1204, tradução nossa) sugere que “uma das mulheres epicuristas, Leôntion, escreveu uma refutação à alegação aristotélica da inferioridade natural das mulheres em relação aos homens.”¹³²

Ainda que a interpretação de Glassman seja fundamentada em boas razões, até o momento não há evidências concretas que sustentem totalmente essa conjectura frente às críticas existentes. O que se pode observar é que a obra atribuída a Leôntion, caso tenha existido ou não, aparentemente adquiriu densidade ontológica, a ponto de ser interpretada em diferentes horizontes interpretativos pelos autores antigos ao longo dos séculos.

Em Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), a obra de Leôntion é apresentada como uma abertura no tecido filosófico do passado, que ainda tensionava e incomodava o presente dos oradores de *De Natura Deorum*. Por outro lado, em Boccaccio (*De Mulier.*, cap. LVIII), a escrita de Leôntion reflete sua postura não ortodoxa em relação ao que é considerado filosófico. Por fim, é pertinente considerar a explicação de Gordon, que ao analisar essa situação, ressalta que:

ele [Plínio, o Velho] conecta o trabalho dela [Leôntion] sobre o eloquente Teofrasto com um provérbio sobre “escolher a árvore da qual se enforcar,” implicando que ela

¹³¹ “[...] I well know, that even a woman once wrote against Theophrastus [...]” (Trad. de John Bostock e Henry Thomas Riley)

¹³² “One of the Epicurean women, Leontion, wrote a rebuttal to the Aristotelian claim of women's natural inferiority to men.”

—“vítima de sua própria armadilha” — escreveu uma crítica que apenas expôs sua própria inépcia. (Gordon, 2012, p. 76, tradução nossa).¹³³

Essas incertezas levantadas destacam a necessidade de abordar com cautela qualquer interpretação sobre a obra de Leôntion até que mais evidências histórico-filosóficas possam ser encontradas. Assim, afirmar com total convicção que Leôntion de Atenas escreveu um *tratado filosófico* ou um *livro volumoso* como o grande mestre epicurista fez, são assertivas questionáveis presente na literatura acadêmica sobre o epicurismo da primeira geração do Jardim de Epicuro, considerando que em Cicero (*Nat. Deor.*, 1.93) não especifica a extensão do escrito da hetaira ateniense, mas apenas que algo supostamente foi escrito contra Teofrasto, a rigor. Entre as fontes antigas, apenas Boccaccio parece sugerir que ela escreveu de modo prolífico. No entanto, essa possível indicação é questionável, já que, namente lembrando, o próprio Boccaccio admitiu francamente não ter tido acesso à obra e que baseou-se em impressões com base em relatos dos antigos (*De mulier.*, cap. LVIII).

Por outro lado, sabe-se, através de Filodemo (*Prag.*, col. XX, Sedley, 1976b, p. 29), que Leôntion e Epicuro tinham o hábito de trocar correspondências. No entanto, ainda que se possa argumentar que, a partir disso, a presumida hetaira ateniense pudesse ter habilidade para escrever obras de grande relevância no contexto epicurista, a passagem indica constância, e não extensão. Além disso, a passagem que expressa claramente a dimensão da escrita leontiana encontra-se em Diôgenes Laértios (*X*, 5), onde o grande mestre epicurista recebeu uma epistoleta da referida discípula. No entanto, Gordon (2012, 2013) compreende que essa passagem está inserida em um contexto desfavorável ao epicurismo primitivo.

Em suma, se Leôntion realmente escreveu algo contra Teofrasto, é provável que tenha sido uma obra bem elaborada, considerando o que se lê em *Philodemus* (*Prag.*, col. XX, Sedley, 1976b, p. 29) e desconsiderando, talvez, a ironia do acadêmico Cotta, que afirmou que “[...] ela escreveu elegantemente em bom estilo ático” (Cic., *Nat. Deor.*, I, 93, tradução nossa).¹³⁴ Entretanto, até que mais evidências concretas sejam descobertas ao longo do tempo, qualquer afirmação sobre a extensão e a natureza das obras de Leôntion deve ser feita com *humildade epistêmica* e uma consciência das atuais limitações das fontes remanescentes. Afinal, “[...] também é possível que Leôntion não tenha escrito nada e que, movidos por

¹³³ “[...] he connects her work about the eloquent Theophrastus with a proverb about ‘choosing one’s tree to hang from,’ implying that she—‘hoist with her own petard’—had written a critique that merely exposed her own ineptitude.”

¹³⁴ “she wrote elegantly in a good Attic.” (Trad. de P. G. Walsh).

má-fé, os adversários do Jardim tenham falsamente atribuído a uma mulher um escrito filosófico para desacreditá-lo” (Torres, 2018, p. 243, tradução nossa).¹³⁵

5. 3. 2 Foram Hedeia, Nicídion, Erótion, Bodion, Demétria filósofas?

Após a análise da suposta obra-prima de Leôntion, é pertinente questionar se outras mulheres hetairas no Jardim de Epicuro desfrutaram do mesmo protagonismo que ela. Fontes antigas retratam o Jardim de Epicuro como uma comunidade erótica, repleta de mulheres que proporcionavam prazer na periferia ateniense. Entre essas mulheres, segundo a lista de Timócrates de Lâmpsaco, estão as hetairas epicuristas Hedeia, Mamárion e Nicídion (D.L., X, 7). Posteriormente, Bodion foi introduzida na comunidade epicurista de modo unilateral e exclusivo por Plutarco (*No posse*, 1097e), e Demétria foi adicionada ao epicurismo primitivo por uma fonte em Filodemo (*Agli amici di scuola*, P. Herc. 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p.115). Por fim, recentemente Kapparis (2021) adicionou Filénis de Samos na *lista oficial* das mulheres hetairas epicuristas. Ao todo, incluindo Leôntion, são oito mulheres classificadas como *hetairas* que supostamente frequentaram o Jardim ateniense durante o séc. III a.C.

Diante da extensa lista de mulheres consideradas hetairas associadas ao Jardim de Epicuro, é importante esclarecer que, até o momento desta pesquisa, não há fontes ou evidências concretas que confirmem a existência de fragmentos literários, filosóficos ou difamatórios atribuídos às discípulas Hedeia, Mammárion, Nicídion, Erótion e Bodion, salvo a remota possibilidade de outros fragmentos, desconhecidos durante a produção desta pesquisa, virem à tona.

Na literatura antiga, essas mulheres não são descritas como sujeitos de conhecimento ou protagonistas independentes de figuras masculinas. Em Diógenes Laércio (X, 7), Hedeia, Mammárion e Nicídion são apresentadas como moradoras do Jardim, segundo a visão de Timócrates. Por outro lado, em Plutarco (*No posse*, 1089c, 1097d-e; *Lat. Viv.*, 1129b), Hedeia, Bodion e Nicídion são retratadas principalmente como frequentadoras da propriedade epicurista destinadas ao prazer físico. Além disso, uma fonte em Filodemo (*Agli amici di scuola*, P. Herc. 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115) sugere que

¹³⁵ “[...] pero también es posible que Leontio no hubiera escrito nada y que, henchidos de mala fe, los adversarios del Jardín, para desacreditarlo, hubieran atribuido falsamente a una mujer un escrito filosófico.”

Nicídion e Hedeia mantiveram vínculos amorosos com discípulos célebres da comunidade epicurista.

Essas são todas as fontes em que essas mulheres são citadas. Até o presente momento, não foram identificadas outras passagens que as mencionem no contexto epicurista ou exterior a ele. O autor da pesquisa reconhece, contudo, a possibilidade de desconhecimento de fontes adicionais que possam esclarecer suas contribuições ou papéis específicos, caso essas fontes existam no momento da escrita desta pesquisa. Por outro lado, mesmo considerando a hipótese de Castner (1982), que sugere que Hedeia, Mammáron, Nicídion e Bodíon possam ser as mesmas mulheres mencionadas nos inventários gregos, o estudo de Castner apenas indica que essas mulheres eram discípulas epicuristas e devotas em relação à tradição grega e à exterioridade, mas não filósofas. Além disso, embora Gazur (2023) e Erbi (2020) concordem que o envolvimento de hetairas epicuristas com filósofos da primeira geração represente uma *heterodoxia*, isso não esclarece completamente suas relações com a filosofia e seus papéis reais dentro da comunidade epicurista.

Por fim, pouco se avançou na compreensão da identidade e da função de Demetria na comunidade epicurista. Sabe-se que ela foi associada a um relacionamento íntimo com Hermarco de Mitilene, conforme registrado por Filodemo (*Agli amici di scuola*, P. Herc. 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli apud Guerra, 1991, p. 115). Além disso, segundo Dorandi (1994a, 1994b), seu nome, antes da atual reconstrução papirológica, era Demelata.¹³⁶ Assim, é convincente aceitar o posicionamento de Gordon (1996, 2004, 2012) e Daroca e Martínez (2010), que argumentam que a grande maioria das hetairas associadas ao epicurismo primitivo não possuem densidade ontológica.

5. 3. 3 Filénis de Samos filosofou entres os homens no Jardim de Epicuro?

Deixando de lado as supostas hetairas epicuristas, como Hedeia, Mamáron, Nicídion, Erótion e Bodion, é pertinente questionar também a presença de Filénis de Samos no Jardim de Epicuro e investigar se essa figura feminina singular desempenhou alguma atividade filosófica dentro da comunidade epicurista.

¹³⁶Observou-se ao longo da pesquisa que a grafia *Demelata* ainda é utilizada na literatura acadêmica nacional e internacional sobre o epicurismo, em vez de *Demetria*, o que pode gerar confusão. Para mais informações sobre a mudança gráfica de Demelata para Demétria, cf. Wilhelm Crönert, *Neues über Epikur und einige herkulanensische Rollen*, RhM 56 (1901), p. 618.

Conforme apresentado na segunda seção desta pesquisa, Kapparis (2021, p. 200, tradução nossa) acredita que as mulheres epicuristas eram “Leôntion, Mammáron, Hedeia, Erótion, Nicídion, Filénis e Bodion”.¹³⁷ No entanto, é importante destacar que a inclusão de Filénis de Samos entre as hetairas epicuristas foi baseada em um fragmento de Posidônio, citado pelo estoico Cleômenes. Na passagem em questão, Posidônio critica diretamente Epicuro, questionando:

“Não serás, ó “alma mais desavergonhada e sem pudor”, expulso da Filosofia, para Leôntion¹³⁸, Filénis e as outras prostitutas, e para as tuas “ululações sagradas” com Mindyrides¹³⁹, Sardanapalo¹⁴⁰ e todos os teus bons companheiros? Não vês que a Filosofia convoca Hércules e homens hercúleos, certamente não pervertidos e seus prazeres? De fato, é evidente, penso eu, para as pessoas cultas, que Epicuro não tem nada a ver com astronomia, muito menos com filosofia (Cleom., *Lectures on Astronomy*, I, 511, tradução nossa).¹⁴¹

Além de Filénis de Samos, descendente de Okymenes¹⁴², e Epicuro de Samos, descendente de Neocles¹⁴³ terem compartilhado a mesma ilha de nascimento, Plant (2004) coloca o nascimento de Filénis entre os séculos IV e III a.C. Este período coincide com a vida de Epicuro, que, segundo Dorandi (1999), viveu aproximadamente entre 341 e 270 a.C. Assim, há uma possibilidade de que ambos tenham vivido a mesma realidade histórica. No entanto, mesmo que Epicuro e Filénis possam ter compartilhado o mesmo local e período temporal, é relevante considerar que Diôgenes Laértios (X, 1) menciona que a família de Epicuro trocou Samos¹⁴⁴ por Cólofon¹⁴⁵ devido à influência de Perdicas¹⁴⁶ na ilha grega.¹⁴⁷

¹³⁷“Leontion, Mammarrion, Hedeia, Erotion, Nikidion, Philainis and Boidion.”

¹³⁸Refere-se aqui a Leontion de Atenas, discípula de Epicuro de Samos.

¹³⁹*Mindyrides* de Sibarís é um personagem ligado ao prazer vulgar entre os Antigos. Sobre contos relacionados a ele, Cf., Diod. Sic., VIII, 18.2, 19.1-2.

¹⁴⁰Sardanapalo um rei assírio famoso entre os Antigos pela vida ligada ao prazer. Sobre sua vida vulgar, Cf. Diod. Sic., II, 23-28; Strabo, XIV 5.9; Cic., *De finibus*, II, 32.

¹⁴¹“So will you not be off, ‘most brazen and shameless soul,’ routed from Philosophy, to Leontion, Philainis, and the other whores, and to your ‘sacred ululations’ with Mindyrides, Sardanapalus and all your boon companions? Do you not see that Philosophy summons Hercules and Herculean men, certainly not perverts and their pleasures? Indeed, it is evident, I think, to cultivated people that Epicurus has nothing to do with astronomy, let alone with philosophy.” (Trad. de Alan C. Bowen e Robert B. Todd).

¹⁴²Sobre a filiação de Phalaenis, Cf. *P. Oxy.* 2891 (fr. 1., col. I, Lobel).

¹⁴³Sobre a filiação de Epicuro e seu vínculo com Samos, Cf. D.L., X, 1.

¹⁴⁴A antiga Samos era uma pequena ilha sob domínio grego, localizada na costa da Ásia Menor. Era conhecida como berço de Pitágoras e Filénis. Atualmente, a ilha mantém o mesmo nome e pertence à Grécia, embora esteja mais próxima da Turquia.

¹⁴⁵A antiga Cólofon era uma cidade grega localizada perto de Éfeso e relativamente distante de Samos, na Ásia Menor, e foi o berço de Hermesianax e Xenófanes. Atualmente, seu antigo território faz parte da Turquia

¹⁴⁶Perdicas foi um dos três diádoco que herdou o império de Alexandre Magno.

¹⁴⁷Sobre a influência de Perdicas sobre Samos, Cf., Diod. Sic., XVIII, 37.2.

Diante desse evento que alterou a geopolítica da Ásia Menor e impactou os vínculos da família de Epicuro com Samos, Dorandi (1999) quanto Jones (1992), concordam que, após período militar do filósofo¹⁴⁸, Epicuro e sua família começaram uma nova em Colofão por volta de 322 a.C. Assim, com base nos autores mencionados, o mestre Epicuro manteve vínculos diretos e constantes com Samos durante boa parte de sua infância e adolescência. No entanto, há poucas informações sobre a possível presença de Filénis durante esse período turbulento na pequena ilha de Samos, na costa da Ásia Menor. Por outro lado, Plant (2004) sinaliza a possibilidade de que Filénis não tenha sido uma figura histórica real, mas sim uma personagem literária. Essa hipótese diminui relativamente a probabilidade de que a célebre hetaira samia tenha realmente frequentado o Jardim em sua primeira geração.

Embora Kapparis atribua o *status* de discípulo de Epicuro a Filénis de Samos com base Posidônio em Cleomenes, no entanto é informação pode ser considerada uma interpretação unilateral e exclusiva do filósofo estoico em questão. De fato, essa pesquisa não encontrou evidências dessa conexão entre Epicuro e Filénis nos textos epicuristas propriamente ditos. Além disso, não há referências na *Vida e Doutrina de Epicuro* de Diôgenes Laértios que sustentem uma relação estreita entre a célebre hetaira de Samos e o filósofo ateniense, que curiosamente nasceu na mesma cidade. Embora Posidônio seja mencionado entre os opositores de Epicuro catalogados pelo doxógrafo grego (D.L., X, 4), essa associação específica não aparece.

Diferentemente da interpretação de Kapparis, Jones (1992) compreende a passagem em Cleomenes (*Lectures on Astronomy*, I, 511), onde Epicuro e Filénis são mencionados juntos, como uma expressão da rivalidade entre o Jardim e Pórtico. Por lado, em *Justin Martyr*¹⁴⁹ (2 *Apol.*, cap. XV), termos relativos a Epicuro e Filénis são usados para destacar o contraste com a doutrina cristã. No entanto, Grant (1981) argumenta que a associação de Filénis com Epicuro reflete uma tradição anti-epicurista. Assim, observa-se, tanto Jones quanto Grant, que a menção de Filénis e Epicuro não indicam uma conexão real com a primeira geração do Jardim, mas sim uma estratégia crítica contra o epicurismo. Assim, é necessário investigar por que a figura de Filénis foi escolhida para cumprir esse papel.

Diante desse questionamento, é importante destacar que Cleomenes, em *Lectures on Astronomy* (I, 511), reúne na mesma passagem duas mulheres consideradas hetairas creditadas pela tradição antiga como escritoras. Segundo Cícero (*Nat. Deor.*, I, 93), Leôntion escreveu

¹⁴⁸Refere-se aqui a *ephebia* grega. Sobre informações sobre esse momento, cf. Strab., XIV (1.18)

¹⁴⁹Refere-se a São Justino, Mártir.

contra um líder do Liceu, enquanto, de acordo com *Athenaeus* (*Deipno.*, VIII, 13), Filénis escreveu um livro literário. No entanto, ao contrário da obra combativa de Leôntion, a obra associada a Filénis é um manual referido como erótico. Conforme explica *Athenaeus* (*Deipno.*, VIII, 13, tradução nossa):

[...] Filénis, a quem é atribuída aquela composição indelicada sobre os Prazeres Amorosos; o que, no entanto, Aeschrion, o poeta iâmbico de Samos, diz que foi escrito por Polícrates, o sofista, é atribuído a Filénis com o propósito de caluniá-la, quando ela era uma mulher muito respeitável.¹⁵⁰

Independentemente da veracidade das questões morais e da autoria atribuída a Filénis — assunto debatido tanto por autores antigos quanto por acadêmicos contemporâneos, especialmente estes últimos sob uma perspectiva crítica de gênero e performatividade feminina no mundo antigo — a obra atribuída a Filénis não contém conteúdo filosófico. Para autores antigos como *Athenaeus* (*Deipno.* VIII, 13; X, 86) e *Polybious* (*Hist.*, XII, 13. 1), a obra de Filénis é considerada vulgar e moralmente reprovável. Além da perspectiva dos autores masculinos sobre a obra, chegaram à contemporaneidade fragmentos de papiros atribuídos a Filénis de Samos. Os fragmentos dizem:

Fr. 1 (col. i): Filainis, a Samia, filha de Okymenes, escreveu esta obra para aqueles que desejam conhecer as coisas verdadeiras da vida e não apenas de passagem ... tendo trabalhado nisso pessoalmente ... (col. ii): Sobre as seduções: é necessário que o sedutor esteja sem enfeites e despenteado para que a mulher não perceba o que ele está fazendo ... Fr. 3 (col. ii) ... em pensamentos ... dizendo que uma mulher ... é como uma deusa, que uma mulher feia está cheia de charme, e que uma mulher idosa é como uma jovem donzela. Como beijar ... (*P. Oxy.* 2891, fr. 1-3 Lobel *apud* Boehringer, 2018, p. 375-376, tradução nossa).¹⁵¹

Como pode-se constatar, a suposta produção intelectual de Filénis de Samos não reflete os valores e princípios do epicurismo primitivo, mas sim exibe uma estética pornográfica. No entanto, é importante considerar que, segundo Boehringer (2018), a linguagem utilizada na arte pornográfica antiga não reflete necessariamente o conteúdo em si, mas sim o objetivo e a maneira como o artista se relaciona com seu público por meio da obra.

¹⁵⁰ “[...] Philenis, to whom that indelicate composition about Amatory Pleasures is attributed; which, however, Aeschrion, the iambic poet of Samos, says was written by Polycrates the sophist, and attributed to Filénis for the sake of calumniating her, when she was a most respectable woman”. (Trad. de C. D. Yonge).

¹⁵¹ “Fr. 1 (col. i): Filénis the Samian, daughter of Okymenes, wrote this work for those who want to know the true things in life and not just in passing ... having worked at it myself ... (col. ii): About seductions: it is necessary that the seducer be unbeautified and uncombed so that the woman has no realisation of what he is doing ... Fr. 3 (col. ii) ... in thoughts ... by saying that a woman ... is like a goddess, that an ugly woman is full of charm, and that an old woman is like a young maid. How to kiss ...” (Trad. de Sandra Boehringer).

Com base no exposto sobre Filénis, esta pesquisa diverge da interpretação de Kapparis a respeito da presença de Filénis no Jardim de Epicuro na medida que ela não se sustenta a longo prazo e adota a perspectiva de Wallace (1880), que considera incorreta a associação de Filénis de Samos à lista oficial de mulheres hetairas da primeira geração do Jardim de Epicuro.

Fazendo um breve retrospecto, pode-se concluir que, das oito mulheres associadas ao epicurismo e rotuladas pelas narrativas anti-epicuristas como mulheres voltadas ao prazer masculino, cinco delas — Mammárian, Hedeia, Bodíon e Demétria — não têm informações claras sobre suas atividades filosóficas na comunidade epicurista. Além disso, Filénis de Samos não participou do Jardim em sua gênese, embora sua presença seja tida como certa entre os epicuristas da primeira geração. Em contrapartida, Leôntion, por outro lado, é a única mulher supostamente *hetaira* epicurista que teve algum tipo de protagonismo presumidamente como filósofo conhecido fora de sua escola-comunidade, embora o conteúdo de sua obra irreverente não seja conhecido pela contemporaneidade, nem comprovada sua existência ontológica e sua profundidade epistêmica.

Diante dessa constatação, é necessário investigar se os escritos epicuristas remanescentes e a literatura acadêmica atual sustentam a ideia de que Leôntion de Atenas, além de vivenciar a doutrina epicurista, tenha produzido conhecimento epistêmico como seus pares masculinos da primeira geração do Jardim.

5. 3.4 Foi Leôntion de Atenas a grande filósofa do Jardim de Epicuro?

Ao questionar a tradição acadêmica que estuda o epicurismo sobre a presença e o papel de Leôntion, teóricos como Spinelli (2009) e Jones (1992) interpretam Leôntion de Atenas não apenas como uma mulher que ocupava um espaço físico na propriedade epicurista, sendo parte de uma classe minoritária, mas também como uma protagonista ativa na produção epistemológica e nos debates filosóficos promovidos pelo epicurismo primitivo em confronto com outras escolas em Atenas. Em contraste com essas interpretações, que destacam Leôntion entre as supostas mulheres hetairas da primeira geração, Gordon (2012) questiona essa visão otimista, apontando que (1) Temista de Lâmpsaco teve maior destaque do que Leôntion, segundo pensadores antigos como Diógenes Laércio, e que (2) Usener

(1887)¹⁵² não lhe atribuiu o crédito pela crítica ao Liceu. Dessa forma, observa-se que não há consenso entre os especialistas sobre o fato de Leôntion, como sujeito histórico, ter alcançado um papel proeminente entre seus pares na fase inicial do Jardim e na tradição fora do Jardim.

Embora o argumento de Gordon seja convincente e possa comprometer a ideia de que o Jardim de Epicuro tenha acolhido uma filósofa como Leôntion de Atenas, o trabalho recente de Arenson (2023) argumenta que Usener não se posiciona de maneira clara sobre a autoria de Leôntion, evitando tanto confirmar quanto negar sua importância literária. Além disso, apesar de Gordon apresentar Leôntion como uma figura feminina apagada na reconstrução da história de sua própria escola, é relevante observar que Temista não aparece como uma personagem feminina independente entre os discípulos masculinos em Diógenes Laércio (X, 25). Como Le Doeuff (2002, p.105, tradução nossa) aponta: “Diógenes Laértios menciona uma mulher, Temista, em sua lista dos discípulos de Epicuro; mas ela seguiu seu marido Leônteu de Lâmpsaco até o jardim de Epicuro.”¹⁵³

Se em Diógenes Laértios não se encontra nenhum registro de que Leôntion tenha exercido alguma atividade filosófica ou produzido obras no âmbito do epicurismo, dois autores antigos são claros ao afirmar que ela desempenhou um papel significativo na primeira geração do Jardim entre os demais filósofos epicuristas. Por exemplo, o gramático Mitríades de Tessália, em *Deipnosophistae*, afirma expressamente que Leôntion teve um papel relevante no Jardim de Epicuro, quando ele questiona acidamente que:

acaso esse próprio Epicuro não teve Leôntion como sua amante, aquela que era tão célebre como cortesã ? Mas ela não deixou de viver como uma prostituta quando **começou a aprender filosofia**, mas continuou a se prostituir para toda a seita dos epicuristas nos jardins, e para o próprio Epicuro, da maneira mais aberta; tanto que esse grande filósofo era extremamente afeiçoado a ela, apesar de mencionar esse fato em suas cartas para Hêmarcos (Athen., *Deipno.*, XIII, 53, tradução nossa, **negrito nosso**).¹⁵⁴

¹⁵²Hermann K. Usener (1834–1905) foi um acadêmico alemão responsável por uma das primeiras traduções modernas críticas de textos e fragmentos antigos relacionados ao Epicurismo, compilados sob o título *Epicurea* (1887).

¹⁵³“Diogenes Laertius does in fact mention a woman, Themista, in his list of Epicurus's disciples; but she had followed her husband Leontias of Lampasque to Epicurus's garden.”

¹⁵⁴“Now, had not this very Epicurus Leontium for his mistress, her, I mean, who was so celebrated as a courtesan? But she did not cease to live as a prostitute when she began to learn philosophy, but still prostituted herself to the whole sect of Epicureans in the gardens, and to Epicurus himself, in the most open manner; so that this great philosopher was exceedingly fond of her, though he mentions this fact in his epistles to Hermarchus.” (Trad. de C. D. Yonge).

Além disso, o retórico *Aellius Théon* elogia Leôntion de Atenas, destacando sua influência e importância, dizendo que:

É também merecedor de admiração aquele que, partindo de uma profissão artesanal ou de uma condição abjeta, foi capaz de produzir uma obra bela, como **Simão, o sapateiro, e Leôntion, a cortesã** que, segundo se diz, **se tornaram filósofos: a virtude, de fato, brilha especialmente na adversidade** (Ael. Th., *Prog.*, 111-112, tradução nossa, negrito nosso).¹⁵⁵

Embora essas duas passagens aparentemente indiquem, sem sombras de dúvidas, que Leôntion de fato filosofou no Jardim de Epicuro junto com os demais filósofos em uma primeira leitura, é importante observar atentamente que *Aellius Théon* e *Athenaeus* de Náucratis oferecem diferentes perspectivas sobre a condição de Leôntion de Atenas. Enquanto em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53) Leôntion permanece em seu *status* de *hetaira* depois que conheceu o epicurismo, por sua vez *Aellius Théon* (*Prog.*, 112) indica que ela deixou essa condição para trás. Assim, essas duas passagens, embora curtas, são suficientes para criar um novo impasse sobre a condição de Leôntion, uma mulher que se tornou bastante conhecida tanto dentro quanto fora do Jardim após sua adesão à comunidade epicurista. Essa divergência nas fontes levanta a questão de saber se Leôntion realmente participou da atividade filosófica, ou melhor, se realmente filosofou entre os líderes epicuristas da primeira geração do Jardim.

Diante desse conflito de narrativas, é interessante notar que Barnes (2014) e Taylor (2003) usam a referência a Leôntion de Atenas em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53) como um exemplo representativo do envolvimento das mulheres na filosofia praticada no Jardim de Epicuro. No entanto, apesar de abordarem a presença de Leôntion em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53) sob perspectivas diferentes, tanto Gordon (2012) quanto McClure (2013) argumentam que a descrição subjetiva da atuação de Leôntion tem o objetivo de criticar o *ethos* epicurista primitivo e minimizar sua importância como sujeito epistêmico, devido à ênfase em sua performance sexual. Assim, com base nas interpretações dessas autoras, pode-se concluir que o fragmento epicurista em *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53) pode não refletir seu verdadeiro papel na estrutura social e doutrinária do Jardim, não fornecendo uma base sólida para sustentar a participação de Leôntion na filosofia epicurista sem ressalvas.

¹⁵⁵“Mérite aussi d’être admiré celui qui, parti d’un métier d’artisan ou d’une condition abjecte, a su produire une belle œuvre, comme Simon le cordonnier et Léontion la courtisane qui devinrent, diton, des philosophes: la vertu en effet brille surtout dans l’infortune.” (Trad. de Michel Patillon e Giancarlo Bolognesi).

Embora Athenaeus (*Deipno.*, XIII, 53) não ofereça uma visão positiva sobre o papel e a posição de Leôntion no antigo Jardim, conforme apontado por Gordon e McClure, Kapparis (2018) destaca que *Aelius Théon*, em *Progymnasmata* (112), apresenta uma perspectiva favorável sobre a ateniense. Kapparis sugere que a elevação da virtude filosófica de Leôntion demonstra, segundo a perspectiva antiga, que ela conseguiu superar os vícios oriundos de seu passado ao se dedicar à filosofia, alcançando uma nova forma de dignidade através da sua própria escolha e determinação. Por outro lado, Gordon (2013) argumenta que a passagem não reflete uma análise de um sujeito histórico em um contexto específico, mas sim expressa uma tradição popular, ou seja, o senso comum da época. Por fim, é importante notar que *Aelius Théon*, em *Progymnasmata* (112), fundamenta suas afirmações sobre a vida intelectual de Leôntion com base em testemunhos de terceiros, cujas identidades e fontes não podem ser verificadas quanto à sua autenticidade. A passagem menciona apenas que “Simão, o sapateiro, e Leôntion, a cortesã, que, **segundo se diz**, se tornaram filósofos” (Ael. Th., *Prog.*, 111-112, tradução nossa, negrito nosso).¹⁵⁶

Independentemente disso, é fundamental destacar que *Aelius Théon* pode ter considerado essas fontes latinas e gregas como confiáveis, especialmente no contexto mais amplo da passagem em questão. Por outro lado, entre as diversas interpretações possíveis, Goulet (2016) enfatiza a passagem de *Progymnasmata* (111-112), que examina a identidade do sapateiro filósofo, incluindo a possibilidade de que ele fosse um discípulo direto de Sócrates exercendo a mesma profissão. Além disso, em outro estudo, Goulet comenta que:

É difícil acreditar que Théon escolheu o nome de um desconhecido como exemplo num manual de retórica. Os demais personagens citados nesta passagem, a começar por Leôntion, são figuras clássicas que todo retórico deve ter conhecido e com quem sem dúvida poderia fazer uma comparação em seu discurso de louvor. O uso da palavra λέγουσιν mostra que, ao citar Héron e Leôntion, Théon estava apenas retomando exemplos conhecidos pela tradição (Goulet, 2017, p. 121, tradução nossa).¹⁵⁷

Além das passagens de *Athenaeus* (*Deipno.*, XIII, 53) e *Aelius Théon* (*Prog.*, 112), que são fontes questionáveis para confirmar o papel de Leôntion como filósofa, é importante considerar as análises de estudiosos contemporâneos como Arenson (2023) e Taylor (2003)

¹⁵⁶“Simon le cordonnier et Léontion la courtisane qui devinrent, diton, des philosophes [...]” (Trad. de Michel Patillon e Giancarlo Bolognesi).

¹⁵⁷“On croira cependant difficilement que Théon ait choisi le nom d'un inconnu comme exemple dans un manuel de rhétorique. Les autres personnages mentionnés dans ce passage, à commencer par Léontion, sont des figures classiques que tout rhéteur devait connaître et avec lesquelles il pouvait sans doute établir une comparaison dans son discours de louange. L'emploi du mot λέγουσιν montre qu'en citant Héron et Léontion Théon ne faisait que reprendre des exemples connus par la tradition.”

sobre as pinturas antigas associadas a Leôntion de Atenas. Estas estudiosas sinalizam que a epicurista pode ter se envolvido com a filosofia, com base nas descrições das pinturas de Aristides de Tebas (fl. 340 a.C) e *Theorus* em *Pliny* (NH, XXXV, 99, 144), que a retratam em postura pensamento profundo e ligada ao grande mestre do Jardim, respectivamente. Por outro lado, Gordon (2012) argumenta que, embora existam possíveis sinais de envolvimento filosófico no melhor dos cenários, as representações artísticas de Leôntion criadas por *Theorus* e Aristides de Tebas podem ser mais adequadamente vistas como idealizações de sua feminilidade, apresentadas de forma erótica ou fictícia, ao invés de retratos precisos de seu verdadeiro papel como filósofa.

Diante dos argumentos convincentes de Gordon, que sugerem uma ambiguidade na possibilidade de Leôntion ter sido ou não uma filósofa no Jardim de Epicuro, é relevante considerar a interpretação de Taylor (2003) sobre a pintura de *Theorus*. Taylor vê o verbo usado por Plínio para descrever a postura de Leôntion na obra de *Theorus* como um possível indicativo de uma atitude filosófica, semelhante à representação de uma mulher em reflexão no *Mural de Boscoreale*¹⁵⁸ do período helenístico. Arenson (2023), por outro lado, enfatiza que a descrição de Leôntion na pintura de Aristides, conforme mencionada por *Pliny* (NH, XXXV, 99), sugere explicitamente uma associação com a filosofia epicurista, o que reforça a hipótese de sua conexão profunda com a filosofia.

Embora as análises de Taylor e Arenson contribuam significativamente para uma compreensão mais ampla do possível envolvimento de Leôntion nas atividades filosóficas do Jardim de Epicuro, essas interpretações permanecem conjecturais e estão circunscritas pelos limites interpretativos dessas pesquisadoras. A questão central reside em determinar se as pinturas de Aristides de Tebas e *Theorus* retratam Leôntion como uma filósofa ou se enfatizam sua beleza enquanto hetaira, ou ainda, se ambas as dimensões coexistem nessas representações. Essa incerteza persiste devido à perda dessas obras na Antiguidade, o que obriga as estudiosas a formular argumentos sobre o conteúdo estético, simbólico e semântico dessas representações que acreditam ter existido. Tais argumentos devem ser avaliados à luz do contexto da história do epicurismo, da vida e obra dos pintores, e da especulação acerca da presença de hetairas como filósofas entre os primeiros discípulos epicuristas. Nesse sentido, as representações de Aristides de Tebas e *Theorus* fornecem informações limitadas sobre a figura histórica de Leôntion e seu possível papel como filósofa epicurista entre seus pares.

¹⁵⁸Refere-se às pinturas encontradas na cidade de Boscoreale, Itália.

Diante da análise das fontes que abordam Leôntion a partir de uma perspectiva externa ao Jardim de Epicuro, não foi possível encontrar uma fonte confiável que confirme sua participação nas atividades epicuristas enquanto filósofa. Assim, torna-se muito importante examinar seu papel e suas ações com base em fontes internas ao próprio movimento epicurista ou em relatos de autores antigos que não se mostram menos hostis à escola, pois essa análise pode lançar luz sobre a questão fundamental se Leôntion de fato participou das atividades filosóficas do Jardim de Epicuro em sua primeira geração. Em outras palavras, a questão essencial é se alguma mulher chamada de *hetaira* realmente desfrutou de tal protagonismo no Jardim de Epicuro.

Por meio de Diógenes Laércio, um dos poucos intelectuais que, fora do campo dogmático de defesa e refutação de outras correntes hegemônicas, temos conhecimento de que Epicuro mantinha o hábito de trocar correspondências com seus discípulos, incluindo mulheres legitimamente respeitadas, como Temista de Lâmpsaco (X, 5), bem como com mulheres consideradas hetairas, como Leôntion (X, 5). Em uma dessas cartas, preservadas por Laértios em *Vida e Doutrina de Epicuro*, lê-se: “[...] a Leôntion, o filósofo [Epicuro] escreveu: 'Deus da Cura! Senhor! Pequena Leôntion querida, que transbordamento de alegria me inspirou a leitura de tua carta !’” (D.L., X, 6, trad. de Mário da Gama Kury).

Este fragmento de carta, embora breve, contém informações valiosas. Revela que Leôntion não se limitava a uma posição passiva como discípula, meramente recebendo as cartas de Epicuro; ela também era uma interlocutora ativa, enviando correspondências para a propriedade epicurista em Atenas. Considerando o contexto social da época, em que essas mulheres referidas como hetaira tinham acesso facilitado à educação e à escrita, isso não é surpreendente. No entanto, o aspecto crucial não reside apenas na habilidade de uma hetaira epicurista em ler e escrever, mas na natureza do conteúdo de suas cartas e na intenção ao se comunicar com o mestre epicurista, refletindo seu papel na comunidade.

Diante da questão sobre o conteúdo implícito da carta de Leôntion preservada por Laértios, diversas interpretações emergem, principalmente a partir da passagem na biografia de Epicuro. Uma interpretação notável é a de Bignone (1973), que sugere que a carta reflete o sucesso da influência política indireta e informal de Leôntion na corte do diadoco Demétrio Poliorcetes, com o objetivo de criar um ambiente favorável ao epicurismo em Atenas. Em contraste, Rist (1972) contesta essa visão ao argumentar que não há evidências documentais suficientes para sustentar a ideia de que Epicuro utilizou intermediários para proteger sua

escola, nem provas concretas de uma conexão significativa entre Epicuro e Leôntion antes do estabelecimento formal da escola epicurista na região ática. Dessa forma, chega-se ao entendimento de que a interpretação política das mulheres hetairas apresenta problemas internos, o que não contribui para uma compreensão mais ampla das outras possibilidades de atuação relacionadas às hetairas epicuristas da primeira geração.

Embora Rist considere insustentável a perspectiva política de Bignone, ambos concordam que é possível que Epicuro tenha redigido o fragmento em resposta a Leôntion. No entanto, essa hipótese é contestada por Gordon (2013), que argumenta que a linguagem utilizada no fragmento difere significativamente da encontrada nas cartas doutrinárias epicuristas de maior porte preservadas por Diôgenes Laértios, sugerindo uma possível origem anti-epicurista. Por outro lado, Torres (2018) interpreta o fragmento como uma expressão autêntica da amizade entre o grande mestre epicurista e sua discípula hetaira. Dessa forma, o pequeno fragmento de carta preservado por Laértios permite uma ampla gama de interpretações, que variam desde uma perspectiva política até a negação total da autoria epicurista.

Esse fato é problemático, pois não se sabe o conteúdo exato que Epicuro teria recebido antes de sua resposta, já que ele não oferece muitas pistas sobre o que poderia ter sido. O máximo que o fragmento sugere é que Epicuro tinha apreço pela suposta hetaira ateniense, ressaltando a curiosa distância geográfica que os separava. Dessa forma, não se pode afirmar com certeza que Leôntion exerceu atividades filosóficas, conforme o fragmento de carta preservado por Laértios (X, 5).

Portanto, cabe investigar o que os *Papiros de Herculano* podem oferecer sobre o papel e a condição de Leôntion, especialmente à luz das novas descobertas que estão renovando a compreensão da filosofia e do *ethos* epicurista da primeira geração. Através dos papiros remanescentes da *Biblioteca de Filodemo de Gadara*, é possível confirmar o que já se sabe por meio de Diôgenes Laértios: Epicuro realmente mantinha correspondência com seus discípulos, incluindo mulheres chamadas de hetairas. Entre os fragmentos de cartas preservadas, encontram-se referências à troca de correspondência entre Epicuro e Leôntion nos *P. Herc.* 176 (fr. 5, XXV, Vogliano) e no *P. Herc.* 1418 (col. XX, Sedley) respectivamente.

No *P. Herc.* 176 (fr. 5, XXV, Vogliano) um epicurista registrou que:

Acompanhado por Epicuro a Lâmpsaco, você se curvou de maneira digna, tendo havido razões para isso, à liberdade de expressão em todas as competições. Sob o

arcontato de Diocles o terceiro... **e para Leôntion, ele diz delineando** — — — (*Script. Epic. inc., P. Herc.* 176, fr. 5, XXV, Vogliano *apud* Guerra, 1991, p. 119, tradução nossa, negrito nosso).¹⁵⁹

Já no *P. Herc.* 1418 (col. XX Sedley), um epicurista revela que:

E em uma carta para o próprio Crônio, ele escreve: 'Pois **Leôntion** também **frequentemente falou de você** para Epicuro **em termos gentis e apropriados**, assim como Pítoles, a quem você enviou para ficar conosco, e que está cuidando de seus filhos e considera que foi da escola de Eudoxo [...] (Filod., *Prag., P. Herc.*, 1418 col. XX, Sedley, 1976b, p. 29, tradução nossa, negrito nosso).¹⁶⁰

Conforme evidenciado tanto no *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano) quanto no *P. Herc.* 1418 (col. XX, Sedley), sugere-se que Leôntion estava geograficamente distante de seu interlocutor epicurista, considerando a logística de entrega e envio de cartas no Mundo Helenístico. No entanto, é importante notar que, no *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano), Leôntion assume um papel passivo como receptora em relação ao interlocutor epicurista, enquanto no *P. Herc.* 1418 (col. XX, Vogliano), Leôntion exerce um papel ativo como escritora e remetente de cartas ao seu interlocutor epicurista. Esse contraste levanta a questão sobre se as cartas trocadas por Leôntion continham algum conteúdo filosófico relevante, permitindo uma compreensão mais profunda de seu envolvimento com a produção literária dogmática da primeira geração do Jardim de Epicuro, especialmente à luz das novas descobertas sobre o epicurismo primitivo.

Diante disso, ao analisar o *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano), é relevante destacar a interpretação de Angeli (1993), que sugere que o conteúdo epistolar pode estar relacionado ao contexto imediato, especificamente sobre a liberdade de expressão dentro do ambiente epicurista. No entanto, Erbi (2020) aponta que a carta a Leôntion é coletiva, mas o conteúdo exato da carta permanece desconhecido devido ao estado fragmentário da fonte papirológica. Assim, o *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano) torna difícil a tarefa de determinar com precisão o papel de Leôntion e se há ou não natureza filosófica nessas comunicações epistolares em questão sem que haja ressalvas.

No máximo, o fragmento oferece uma visão limitada e não detalha o envolvimento filosófico de Leôntion além de seu papel como discípula receptora entre os primeiros

¹⁵⁹“... Accompagnato da Epicuro a Lampsaco da te piegato in modo degno, essendovene statì i motivi, alla libertà di parola in ogni competizione”. Sotto l'arcontato del terzo Diocle... e a Leonzio dice delineando — — —.” (Trad. de Adele Tepedino Guerra).

¹⁶⁰“And in a letter to Cronius himself he writes: ‘For Leontion too has frequently spoken of you to Epicurus in kind and appropriate terms, and so has Pythocles, whom you have sent to stay with us, and who is taking charge of your sons and considers that it was from the school of Eudoxus [...]’ (Trad. de David Sedley).

epicuristas. Pode-se concluir que, conforme o *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano), Leôntion aparentemente desfrutava de uma posição respeitável em relação aos discípulos masculinos contemporâneos. Além disso, sua presença na tradição epicurista, conforme preservada nos *Papiros de Herculano*, indica que Leôntion não foi marginalizada ou silenciada na memória epicurista pelos adeptos subsequentes, mesmo após a direção de Hêrmacos de Mitilene. Esse fato é notável, especialmente considerando a polêmica em torno de sua biografia, intimamente ligada ao Jardim de Epicuro na primeira geração.

Ao analisar o *P. Herc.* 1418 (col. XX), Sedley (1976b) e Guerra (2010) concordam na interpretação de que o papiro aborda questões filosóficas, incluindo uma crítica às habilidades filosóficas de Cronius ao ingressar na doutrina epicurista em Lâmpsaco. Com base nos autores supracitados, pode-se entender que o trecho mistura aspectos filosóficos com dados biográficos, o que sugere indiretamente um possível papel filosófico de Leôntion dentro desse contexto, caso ela tenha avaliado sobre as habilidades filosóficas de Cronius conforme o bom rigor epicurista.

Embora o texto aborde aspectos filosóficos e formativos, a passagem não esclarece o conteúdo exato das cartas trocadas entre Epicuro e Leôntion a respeito de Cronius, limitando-se a afirmar que “Leôntion também frequentemente falou de você a Epicuro de maneira gentil e apropriada [...]” (Philod., *Prag.*, *P. Herc.* 1418, XX, Sedley, 1976b, p. 29, tradução nossa).¹⁶¹ A falta de clareza neste trecho impede determinar se Leôntion estava abordando aspectos filosóficos de Cronius ou questões de caráter pessoal. Além disso, tanto Sedley (1976b) quanto Guerra (2010) não exploram em seus trabalhos a possibilidade de que Leôntion pudesse estar desempenhando um papel ativo como filósofa, limitando-se a retratá-la como uma discípula com uma conexão próxima a Cronius e à comunidade epicurista de Lâmpsaco.

Diante do exposto, com base nos *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXV, Vogliano) e *P. Herc.* 1418 (col. XX, Sedley), não é possível confirmar se Leôntion foi, de fato, uma filósofa entre os primeiros discípulos epicuristas da primeira geração do Jardim de Epicuro, pois as passagens analisadas não revelam o conteúdo exato das comunicações entre o mestre epicurista e a suposta hetaira ateniense, como também abre espaço para a dúvida.

¹⁶¹“Leontion too has frequently spoken of you to Epicurus in kind and appropriate terms [...]” (Trad. de David Sedley).

Na busca por evidências que possam sustentar a ideia de que Leôntion era uma filósofa na comunidade epicurista primitiva, encontramos uma passagem curiosa e surpreendente que merece uma análise mais aprofundada, a qual Filodemo registou:

...[em geral] tal e tal [dos erros deles (sc. dos estudantes)] e o que Epicuro aprende com Leôntion ele [hipoteticamente] atribuirá a Colotes. Uma vez que o sábio também às vezes transferirá para si mesmo um erro intemperante, [dizendo] que ocorreu em sua juventude... (Philod., *Lib.*, fr. 9 David Konstan *et al*, tradução nossa, negrito nosso).¹⁶²

Diante dessa questão enigmática, é válido destacar que Barnes (2014) menciona a passagem de *Philodemus* (*Lib.*, fr. 9 David Konstan *et al*) como um contraponto às afirmações de que as epicuristas tiveram um protagonismo intelectual. Embora o acadêmico apenas apresente a passagem sem se comprometer ou tecer algum tipo de juízo, no entanto, à primeira vista, o fragmento pode ganhar uma carga forte de deflacionismo da tese que Leôntion filosofou. Isso porque a passagem parece sugerir uma aparente transferência epistêmica desleal de uma figura feminina (Leôntion) para uma figura masculina (Colotes) em uma leitura apressada. Apesar da possível interpretação negativa, Wallace oferece uma leitura favorável dessa passagem, esclarecendo que:

Nessa irmandade, onde a reflexão sobre os objetivos da vida substituíra palestras, e refeições simples com conversas amigáveis aplacavam as fúrias da controvérsia, cada um era guardião do seu irmão. Mesmo naqueles primeiros dias, nem todos compartilhavam da mesma opinião. Diz-se que Leôntion e Colôtes tinham seus pequenos equívocos. Quando os líderes da seita percebiam tais divergências, não era seu costume corrigir o ofensor diretamente. Preferiam escrever a outro membro, expondo e corrigindo esses erros como supostos equívocos de seu correspondente. Foi assim que Leôntion viu seus erros apontados em uma carta do mestre a Colôtes. No entanto, de maneira geral, embora houvesse certa liberdade em pontos secundários, as principais doutrinas da sociedade eram estereotipadas (Wallace, 1880, p. 60-61, tradução nossa).¹⁶³

¹⁶²“...[in general] such and such of [their (sc. the students') errors] and what Epicurus learns from Leôntion he will {hypothetically} ascribe to Colotes. Since the wise man will also sometimes transfer to himself an intemperate error, [saying] that it occurred in his youth...” (Trad. de David Konstan *et al*).

¹⁶³“In this brotherhood, where reasoning on the aims of life took the place of a lecture, and simple meals with kindly converse restrained the furies of controversy, each was his brother's keeper. Even in those early days all were not of one opinion. Leontion and Colôtes are alleged to have had their little errors. When the chiefs of the sect saw such divergence, it was not, however, their way to correct the offender directly. Rather they wrote to another member, exposing and correcting these errors as supposed mistakes of their correspondent. In such a way Leontion saw her mistakes pointed out in a letter of the master to Colôtes. But, on the whole, though there was a certain liberty left on secondary points, the main doctrines of the society were stereotyped.”

Embora a interpretação de Wallace atenuar o leve aceno de Barnes de que a passagem em *Philodemus* (*Lib.*, fr. 9 David, *Konstan et al*) possa contradizer a narrativa de que as mulheres chamadas hetairas filosofaram no Jardim de Epicuro, observa-se que, na leitura de Wallace, isso não implica necessariamente que Leôntion tenha sido uma filósofa. Em vez disso, Leôntion seria uma discípula que também necessitava da atenção e correção de Epicuro em caso de heterodoxia ou conflito interno, sendo seu nome mencionado apenas como um exemplo em discussões sobre essas questões, sem indicar uma situação real que tenha ocorrido em uma data concreta ou o que conteúdo aprendido seja filosófico. Por outro lado, pode-se observar que ela pode ter sido uma discípula célebre ao ser citada ao lado de Colotes, dada a relevância filosófica do lamsaqueano dentro e fora da comunidade.

Independentemente disso, essa situação parece estar em consonância com a prática pedagógica do grande mestre epicurista. Sob uma ótica estoica menos hostil, Sêneca afirma:

Diz Epicuro que certos homens conseguiram atingir a verdade sem qualquer auxílio, desbravando eles mesmos o seu caminho; para esses, que se elevaram a si próprios espontaneamente, vão os seus maiores louvores. **Outros há, contudo, que necessitam de apoio externo: são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente.** Entre os homens deste tipo Epicuro inclui Metrôdoros. São espíritos apreciáveis, embora, por assim dizer, de segunda escolha. Nós não pertencemos aos espíritos de primeira escolha, e devemos dar-nos por felizes se formos aceites entre os de segunda. (*Sen., Epist. ad Luc.*, LIV, 3, trad. de J. A. Segurado e Campos, negrito nosso)

Diante disso, resta apenas analisar o *P. Herc.* 1005 (fr. 117, col. 8-20, Angeli) e o *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXVI, Vogliano), onde o nome de Leôntion aparece de modo aparente.

No *P. Herc.* 1005 (fr. 117, col. 8–20, Angeli), Filodemo registrou:

Ele ostenta o domínio de toda a doutrina, causando perturbação nos livros (dos Mestres) e **repetidamente dizendo que Leonzio e outra cortesã [ἐτέρα] são mencionados nos escritos doutrinários [πραγματεῖαι]** e que Nicídion foi amante de Idomeneu, Mamáron de Leônteu, Demétria de Hermárcos e que Polieno foi tal pedagogo [...] (*Filod., Agli amici di scuola, P. Herc.* 1005. fr. 117, col. VIII–XX Angeli *apud* Guerra, 1991, p.115, tradução nossa, negrito nosso).¹⁶⁴

E também no *P. Herc* 176 (fr. 5, col. XXVI, Vogliano), um epicurista escreveu:

¹⁶⁴“Egli ostenta il possesso di tutta la dottrina, portando scompiglio nei libri (dei Maestri) e dicendo ripetutamente che che Leonzio ed un'altra etèra sono menzionate negli scritti dottrinari e che Nicidio fu l'amante di Idomeneo, Mammario di Leonteo , Demetria di Ermarco e che Polieno fu tale pedagogo [...]” (Trad. de Anna Angeli).

(...) [e vivendo] e morrendo (...) o jovem fez todas as coisas maravilhosas (...) de toda filosofia e exemplo (...) Polieno dele (?) (...) de sua própria [filosofia (?)] (...) e [confundindo (vel refutando)(?)] a [rivalidade] de Diótimo, [porque ele era] competente (vel capaz) (?), escreveu (...) tendo dito que ele (...) Polieno [no escritos(?)] em que (...) acrescenta (...) dignamente (...) transtorna (vel reviravolta) (...) exibe/exibir (...) **Leôntion (vel Leônteu)** (...) Polieno (...) (Script. Epic. inc., *P. Herc.* 176, fr. 5, col. XXVI, Vogliano *apud* Vassallo, p. 186, 2021, tradução nossa, negrito nosso, itálico do autor).¹⁶⁵

Com base em Filodemo (*Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX, Angeli *apud* Guerra, 1991, p. 115), observa-se que Leôntion é mencionada junto com três hetairas associadas ao epicurismo primitivo, cujas identidades são explicitamente conhecidas. Essas mulheres são mencionadas também em outras narrativas anti-epicuristas, como as de Timócrates e Plutarco. Torres (2018) interpreta a inclusão das hetairas na passagem, como Leôntion, na filosofia como um indicativo da participação feminina significativa no epicurismo. Em contrapartida, Damiani (2021), Erbi (2020) e Gazur (2023) argumentam que as informações sobre a performatividade das hetairas Demetria, Nicídion e Mamáron, associadas à primeira geração de discípulos, devem ser entendidas no contexto de combate a uma heterodoxia por parte de Filodemo de Gadara entre seus pares epicuristas.

Essa perspectiva de Damiani, Erbi e Gazur é corroborada pelo fato de que Filodemo se queixa, nas linhas que antecedem a menção às mulheres, de que:

Quanto aos raciocínios que ele afirma deduzir dos livros (dos Mestres), você saberá que essas expressões são reproduções de 12 ou 15... (se ele argumenta) que foi (por ele) ilustrado da maneira mais clara possível e pense em todos os aspectos da mesma forma (dos Mestres), assim como poderemos extrair dos livros os pensamentos mais sábios? Ele ostenta o domínio de toda a doutrina, **causando perturbação nos livros (dos Mestres)** e repetidamente dizendo que [...]. (Filod. *Agli amici di scuola*, *P. Herc.* 1005, fr. 117, col. VIII-XX Angeli *apud* Damiani, 2021, p. 154, tradução nossa, negrito nosso).¹⁶⁶

Sobre o *P. Herc.* 176 (fr. 5, col. XXVI, Vogliano), Vassallo (2021) aponta que se trata de um texto filosófico de autoria disputada. No entanto, é uma passagem fragmentada, com

¹⁶⁵“(…) [and living] and dying (...) the youth made all wonderful things (...) of all philosophy and example (...) Polyaenus of him(?) (...) from his own [philosophy(?)] (...) and [confuting (vel refuting)(?)] the [rivalry] of Diotimus, [because he was] competent (vel able)(?), wrote (...) having said that he (...) Polyaenus [in the writings(?)] in which (...) adds (...) worthily (...) upset (vel overturn) (...) exhibits/to exhibit (...) Leontion (vel Leonteus) (...) Polyaenus (...)” (Trad. de Christian Vassallo).

¹⁶⁶“Quanto ai ragionamenti che egli afferma di dedurre dai libri (dei Maestri) saprai che queste espressioni sono restituzioni di 12 o 15 ... (se egli sostiene) che è stato (da lui) illustrato nel modo più chiaro possibile e pensa sotto ogni riguardo allo stesso modo (dei Maestri), così come potremo ricavare dai libri (i pensieri) più saggi? Egli ostenta il possesso di tutta la dottrina, portando scompiglio nei libri (dei Maestri) e dicendo ripetutamente che [...]” (Trad. de Anna Angeli)

uma alta incidência de palavras reconstruídas ou necessárias para completar o sentido total do fragmento. Nesse contexto, não é possível afirmar com certeza que Leôntion seja mencionada na passagem em questão. Conforme explica Vassallo:

Tepedino Guerra (1991)¹⁶⁷ sugere que o nome de Leôntion aparece aqui, também à luz do pronome feminino αὐτὴν na linha 27; no entanto, a estudiosa não descarta a possibilidade de que o trecho de uma carta transmitida por esta coluna possa mencionar Leônteu¹⁶⁸ de Lâmpsaco (Vassalo, 2021, p. 186, tradução nossa).¹⁶⁹

Segundo Plutarco, Epicuro e seus discípulos dedicavam-se igualmente a homens e mulheres, abordando temas centrais da doutrina em suas interações (*No posse*, 1094d, 1105a; *Lat. viv.*, 1128b). No entanto, a literatura epicurista sobrevivente não esclarece completamente o conteúdo das correspondências, nem confirma se Leôntion realmente desempenhou o papel proeminente atribuído a ela pelos autores antigos e, mais recentemente, pela literatura acadêmica contemporânea que estuda o epicurismo primitivo.

Caso não existam fontes epicuristas adicionais que tratam das supostas mulheres hetairas epicuristas da primeira geração, ou mais especificamente de Leôntion, e que ainda não tenham sido consideradas nessa pesquisa — e, acima de tudo, que possam reduzir as ressalvas e contribuir positivamente para a tese de que Leôntion ou outra mulher epicurista presumida como hetaira tenha sido filósofa —, a ausência de evidências claras reforça a conclusão de que não há provas suficientes para corroborar o papel de Leôntion como filósofa, assim como o de outras mulheres consideradas hetairas na filosofia epicurista.

Considerando todos os pontos levantados, é adequado concordar com Gordon (2012) e Torres (2018), que argumentam que Leôntion de Atenas pode não ter sido uma filósofa de grande destaque entre seus pares, mas uma discípula notável da primeira geração do Jardim de Epicuro. Trata-se, portanto, não de uma conclusão definitiva, mas de um reconhecimento cauteloso do que pode ser afirmado, com base na literatura disponível até o momento, sem exageros, sobre uma das hetairas mais famosas da filosofia antiga. Infelizmente, quando não é esquecida, ela é frequentemente mencionada apenas como figura abstrata, utilizada para demarcar ou definir algum nível de distinção ou elevação da filosofia masculina de Epicuro,

¹⁶⁷Vassallo (2021) faz referência à obra de A. Tepedino Guerra, Polieno: Frammenti (Nápoles, 1991).

¹⁶⁸Pode-se também explicar que a indefinição persiste devido à semelhança na grafia tanto do nome Leôntion (Λεόντιον) quanto Leônteu (Λεόντεu) no grego antigo, sendo que no papiro restaram apenas aproximadamente quatro letras (λεον).

¹⁶⁹“Tepedino Guerra (1991) suggests that Leontion’s name appears here, also in light of the female pronoun αὐτὴν at l. 27; but the scholar does not rule out the possibility that the excerpt from a letter transmitted by this column could mention Leonteus of Lampsacus.”

Metrodoro, Hermarco e Polieno, em comparações negativas com outras escolas filosóficas, tanto do passado quanto contemporâneas à sua época.

6. CONCLUSÃO

Essa presente pesquisa abordou a complexa questão da presença e do papel das mulheres referidas como hetairas na primeira geração do Jardim de Epicuro. Esta análise é relevante na medida em que busca preencher uma lacuna significativa na literatura acadêmica em língua portuguesa, que frequentemente negligencia uma abordagem crítica e detalhada sobre a participação feminina no epicurismo primitivo. Em vez de simplesmente reproduzir as narrativas tradicionais que marginalizam essas mulheres dentro da diversidade social do Jardim, condicionam a uma breve apresentação ou a descrever suas supostas condições, este estudo se propôs a investigar suas identidades, condições e possíveis contribuições para a filosofia epicurista primitiva.

Os resultados obtidos indicam uma ampla gama de opiniões divergentes e complementares sobre as mulheres epicuristas chamadas de hetairas ou prostitutas. As narrativas existentes mostram que essas mulheres foram frequentemente alvo de escárnio, sendo associadas a comportamentos e práticas que contrastavam com os ideais de prudência e equilíbrio promovidos pelo epicurismo primitivo. No entanto, a filosofia epicurista, com seu foco no prazer racional e na prática da prudência, sugere que muitas das alegações negativas sobre essas mulheres podem não se sustentar, na medida em que se baseiam em falácias espantelhos ou ataques à honra, e até mesmo distorções intencionais.

A pesquisa revelou a falta de evidências conclusivas para confirmar se essas mulheres eram hetairas ou prostitutas antes de ingressarem no Jardim, devido à ausência de informações confiáveis e disponíveis. A hipótese proposta por Gordon, de que algumas dessas figuras possam não ter existido em um contexto histórico real, deve ser considerada e ponderada na medida que reduz drasticamente o público feminino referido como hetaira ou prostituta, assim como contraditório as assertivas de que a antiga propriedade epicurista era espaço propício às mulheres hetairas em busca de uma nova vida fora dos muros de Atenas.

A verificação da hipótese revelou a ausência de evidências diretas, ou melhor, menos questionáveis, para confirmar a condição de hetairas ou prostitutas das mulheres em questão. A insuficiência de dados detalhados e a falta de novas fontes documentais impedem uma conclusão definitiva sobre sua verdadeira natureza e papel dentro da comunidade epicurista. As narrativas existentes, embora numerosas, não são suficientes para resolver a questão de

forma conclusiva sem a contraparte de fontes epicuristas, mantendo o debate aberto e necessitando de investigações mais profundas que considere as análises do *Papiros de Herculano*, uma vez que a literatura acadêmica brasileira limita-se o pensamento a Diôgenes Laértios e as poucas máximas traduzidas.

O problema central da pesquisa, que era entender o papel e a condição dessas mulheres no Jardim de Epicuro, ainda não possui uma resposta definitiva; ou seja, elas podem ser ou não-ser. Embora tenha sido explorada a possibilidade de envolvimento filosófico e administrativo, a falta de provas concretas e a ambiguidade das fontes disponíveis não permitem uma conclusão clara, apesar de afirmações insistentes nesse sentido. A questão de se essas mulheres foram hetairas ou prostitutas antes de se unirem ao Jardim continua indefinida.

A ideia de que as hetairas epicuristas tiveram filhos com os epicuristas não é suportada por evidências robustas, na medida em que se baseia em inferências a partir de fontes secundárias ou terciárias. No entanto, não se pode excluir essa possibilidade, considerando que os antigos epicuristas viam a experiência sexual humana de maneira natural, e não se pode negar que Epicuro e os epicuristas não conheciam os prazeres do amor, ainda que o grande mestre epicurista não conheceu a paternidade e que alguns epicuristas eram casados com mulheres legítimas.

A avaliação dos instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa, incluindo textos antigos e fragmentos dos *Papiros de Herculano*, revelou suas limitações intrínsecas como previsíveis. A análise dos textos dispersos de autores como Diôgenes Laértios, *Athenaeus*, Filodemo, entre outros, apesar de valiosa, demonstrou ser insuficiente para fornecer uma compreensão completa e clara sobre a presença feminina no epicurismo. A falta de dados diretos e a necessidade de novos fragmentos indicam que a abordagem atual precisa ser complementada por novas investigações e fontes que possam oferecer uma visão mais precisa e abrangente, quem sabe através de fontes primárias que possam falar diretamente sobre as hetairas ou elas discorrendo sobre elas, revelando aspectos que a tradição antiga ou o tempo não permitiram esclarecer.

Para avançar na compreensão da presença e do papel das mulheres no Jardim de Epicuro, é imperativo que futuras pesquisas se concentrem em uma análise mais detalhada e na busca de novas fontes. Estudos futuros devem considerar a revisão crítica das fontes atuais e a exploração de novos fragmentos que possam esclarecer as ambiguidades existentes. A

avaliação das funções filosóficas e administrativas atribuídas a essas mulheres, bem como a reconsideração das hipóteses levantadas por Gordon e outros teóricos como Torres, deve ser abordada com rigor. Além disso, essas pesquisas devem explorar com mais profundidade as possíveis relações consensuais dos epicuristas com mulheres sem a *apologia epicurista dogmática acadêmica* e revisar a literatura acadêmica para identificar e preencher as lacunas ainda presentes sobre as mulheres epicuristas em geral.

Em suma, esta pesquisa oferece uma contribuição significativa para o entendimento da complexidade da presença feminina no Jardim de Epicuro, mas muitos aspectos permanecem incertos. A questão do *status* e do papel das mulheres no Jardim é um ponto de tensão que requer mais investigação, com o objetivo de superar ambiguidades e avançar na dialética do epicurismo primitivo. A questão de se essas mulheres foram filósofas é uma questão aberta, cuja resposta somente o futuro pode ou não revelar, uma vez que, no presente, sua condição como discípulas ou simpatizantes permanece incerta em sua grande parcela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIPHON. The courtesans *In*: _____. **Letters from the country and the town, of fishermen, farmers, parasites and courtesans**. Tradução: F. A. Wright. Londres: Routledge & Sons, Ltd.; New York: E.P. Dutton & Co., 1923. p. 167–221.

ANGELI, Anna. Le biografie di Leonteo, Idomeneo e Batide nel PHerc. 176. *In*: DALL'ORTO, Luisa Franchi (ed.). **Ercolano 1738-1988: 250 anni di ricerca archeologica: atti del convegno internazionale, Ravello-Ercolano-Napoli-Pompei: 30 ottobre - 5 novembre 1988**. Itália: L'Erma di Bretschneider, 1993. p. 301–305. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Ercolano_1738_1988/UhfJFhN-Pe4C?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Ercolano+1738-1988+250+anni+di+ricerca+archeologica+:+atti+del+convegno+internazionale,+Ravello-Ercolano-Napoli-Pompei+:+30+ottobre-5+novembre+1988&printsec=frontcover. Acesso em: 20 mai. 2024.

_____. Timocratès de Lampsaque [T 156]. *In*: GOULET, R. (ed.). **Dictionnaire des philosophes antiques**. v. 6. Paris: CNRS Éditions, 2016. p. 1207–1223. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/Dictionnaire_des_philosophes_antiques/_HZTvAxN7CIC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Timocrat%C3%A8s+de+Lampsaque&pg=PA1211&printsec=frontcover. Acesso em: 23 mar. 2024.

APOLODORO. **Contra Neera. [Demóstenes] 59**. Tradução: Glória Onelley. 3 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ARENSON, K. Ancient Women Epicureans and Their Anti-Hedonist Critics. *In*: O'REILLY, K. R.; PELLÒ, C. (ed.). **Ancient Women Philosophers: Recovered Ideas and New Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. p. 77–95. Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/Ancient_Women_Philosophers/Ut_LEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Ancient+Women+Epicureans+and+Their+Anti-Hedonist+Critics&pg=PA77&printsec=frontcover. Acesso em: 12 mai. 2024.

ARISTÓTELES. **Os Econômicos**. Tradução: Delfim F. Leão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, 2004.

ARRIGHETTI, Graziano (ed.). **Epicuro. Opere**. Turim: Einaudi, 1960.

ASCOUGH, R. S. Greco-Roman Philosophic, Religious, and Voluntary Associations. *In*: _____. **Early Christ Groups and Greco-Roman Associations: Organizational Models and Social Practices**. Estados Unidos: Wipf and Stock Publishers, 2022. p. 17–35. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=06h2EAAAQBAJ&pg=PA23&dq=%5B.#v=onepage&q=%5B.&f=false>. Acesso em: 30 mai. 2024.

ASMIS, Elizabeth. Epicurean Economics. *In*: FITZGERALD, J.; OBBINK, D.; HOLLAND, G. (ed.). **Philodemus and the New Testament World**. Leiden: Brill, 2004. p. 133–176. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/Philodemus_and_the_New_Testament_world_e/82Kdj8orBm0C?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Epicurean+Economics. Acesso em: 25 mai. 2024.

ATHENAEUS. The Deipnosophistae. *In: Delphi Complete Works of Athenaeus (Illustrated)*. Tradução: C. D. Yonge. Reino Unido, Delphi Classics, 2017. *E-book*.

BARNES, N. J. *Women In Philosophy*. *In: _____*. **Reading 1 Corinthians with Philosophically Educated Women**. Estados Unidos: Wipf and Stock Publishers, 2014. Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/Reading_1_Corinthians_with_Philosophical/GFH7DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Reading+1+Corinthians+with+Philosophically+Educated+leontion&pg=PA102&printsec=frontcover. Acesso em: 08 jun. 2024.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. Aspásia de Mileto: mulher e filosofia na Atenas Clássica. *In: PACHECO, Juliana (org.). Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p. 28–43.

BERTI, Gabriela. **Epicuro. El objeto supremo de la filosofía es conseguir la felicidad**. Espanha: RBA, 2015. (Colección Aprende a pensar)

BIGNONE, Ettore. **L'Aristotele perduto e la formazione filosofica di Epicuro**. 2 ed. v. 2. Itália: Firenze; La Nuova Italia, 1973.

BOCCACCIO, Giovanni. **Concerning famous women**. Tradução: Guido A. Guarino. New Brunswick: Rutgers University Press, 1963.

BOEHRINGER, Sandra. What is named by the name “Philaenis”? Gender, function and authority of an antonomastic figure. *In: MASTERTON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James E. (ed.) Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. New York; London: Taylor & Francis, 2018. p. 374–392. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Sex_in_Antiquity/k1G2BQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 10 jun. 2024.

BROWN, R. D. The Philosophical, Cultural, and Literary Background. *In: _____*. **Lucretius on love and sex: a commentary on De rerum natura IV, 1030-1287, with prolegomena, text, and translation**. New York: Brill, 1987. p. 101–139. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/De_Rerum_Natura/z70fAAAAIAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Lucretius+on+love+and+sex:+a+commentary+on+De+rerum+natura+IV,+1030-1287,+with+prolegomena,+text,+and+translation.&printsec=frontcover. Acesso: 07 jun. 2024.

CASTNER, Catherine J. Epicurean Hetairai as Dedicants to Healing Deities? *In: Greek, Roman and Byzantine Studies*. [Durham], v. 23, n. 1, p. 51–57, 1982. Disponível em: <https://grbs.library.duke.edu/index.php/grbs/article/view/6361>. Acesso em: 16 abr. 2024.

CECCARELLI, Paola *et al.* Introduction. *In: Ceccarelli, P. et al (ed.). Letters and Communities: Studies in the Socio-Political Dimensions of Ancient Epistolography*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1–40. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/Letters_and_Communities/yh5pDwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=Letters+and+Communities:+Studies+in+the+Socio-Political+Dimensions+of+Ancient+Epistolography+daughter&pg=PA11&printsec=frontcover. Acesso em: 22 mai. 2024.

CICERO. **The Nature of the Gods**. Tradução: P. G. Walsh. Oxford: Clarendon Press, 1997.

_____. Academica (The Academics). In: **Delphi Complete Works of Cicero (Illustrated)**. Tradução: C. D. Yonge. Reino Unido: Delphi Classics, 2014. *E-book*.

CICERÓN, Marco Tulio. **De Los Fines de los bienes y los males I-II**. Tradução: Julio Pimentel Álvarez. México: Universidad Autónoma de México, 2002.

CID, Ignácio Marcio. Feminidad y Filosofía em Epicuro: Inclusión igualitaria. In: GONZÁLEZ, Alfredo José Martínez; GUIDOBONO, Sandra Olivero (coord.). **Identidades, segregación, vulnerabilidad: ¿Hacia la construcción de sociedades inclusivas? Um reto pluridisciplinar**. Madrid: Editorial Dykinson, 2021, p. 1786–1805. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=851094>. Acesso em: 01 abr. 2024.

CHRYSTAL, Paul. **Women in Ancient Greece**. Reino Unido: Fonthill Media, 2017. *E-book*.

CLAY, Diskin. **Paradosis and survival: three chapters in the history of Epicurean philosophy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Paradosis_and_Survival/qXR0D9bYe90C?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 25 mai. 2024.

_____. The Athenian Garden. In: Warren, J. (ed.) **The Cambridge Companion to Epicureanism**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2009. p. 9–28. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/The_Cambridge_Companion_to_Epicureanism/tGggAwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=diskin+clay+the+garden&pg=PA9&printsec=frontcover. Acesso em: 26 abr. 2024.

CLEMENT OF ALEXANDRIA. Stromata (Miscellanies). Tradução de William Wilson. In: **Delphi Complete Works of Clement of Alexandria (Illustrated)**. Reino Unido: Delphi Classics, 2016. *E-book*.

CLEOMENES. **Cleomedes' Lectures on Astronomy**. Tradução: Alan C. Bowen; Robert B. Todd. Berkeley: University of California Press, 2004.

COSKUN, Altay. The War of Brothers, the Third Syrian War, and the Battle of Ankyra (246-241 BC): a Reappraisal. In: ERICKSON, Kyle (ed.). **The Seleukid Empire 281-222 BC: War Within the Family**. Reino Unido: Classical Press of Wales, 2018. p. 197–252. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/_/JkaEDwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 01 jun. 2024.

DAMIANI, Vincenzo. La scuola di Epicuro. In: _____. **La ›Kompendienliteratur‹ nella scuola di Epicuro: Forme, funzioni, contesto**. Alemanha, De Gruyter, 2021. p. 137–175. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/La_Kompendienliteratur_nella_scuola_di_E/wwVGEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 05 jun. 2024.

DAROCA, Francisco Javier Campos; MARTÍNEZ, María de la Paz López. Communauté épicurienne et communication épistolaire: lettres de femmes selon le PHerc. 176: la

correspondance de Batis. In ANTONY, Agathe *et al* (ed.). **Miscellanea Papyrologica Herculanensia**. v. 1. Pisa; Roma: Fabrizio Serra Editore, 2010. p. 21–36. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/handle/10045/72130>. Acesso em: 23 mai. 2024.

DE WITT, Norman. **Epicurus and his philosophy**. 2 ed. United Kingdom: University of Minnesota Press, 1964.

DORANDI, Tiziano. Démélata [37]. In: GOULET, R. (ed.). **Dictionnaire des philosophes antiques**. v. 2. Paris: CNRS Éditions, 1994a. p. 621. (de Babélyca d’Abam(m)on à Dyscolius).

_____. Démé[tr]ia [38]. **Dictionnaire des philosophes antiques**. v. 2. Paris: CNRS Éditions, 1994b. p. 621. (de Babélyca d’Abam(m)on à Dyscolius).

_____. Chronology. In: ALGRA, K. *et al.* (ed.). **The Cambridge History of Hellenistic Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 31–54. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Cambridge_History_of_Hellenistic_Phi/9lRD6feR3hEC?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 27 mai. 2024.

DUFALLO, Basil. **Disorienting Empire: Republican Latin Poetry’s Wanderers**. United Kingdom, Oxford University Press, 2021. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Disorienting_Empire/s0wwEAAQBAJ?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 27 mai. 2024.

ERBÌ, Margherita (ed.). **Epicuro: Lettere. frammenti e testimonianze**. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2020.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução: Álvaro Lorencini; Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

FÁBIO, Tiziana Di. Donne epicuree: cortigiane, filosofe o entrambe?. **Bollettino della società filosofica italiana**, Roma, n. 221, p. 19–36, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://www.sfi.it/258/bollettino.html>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FARRINGTON, Benjamin. **La rebelión de Epicuro**. Tradução: José Cano Vázquez. 3 ed. Barcelona: Laia, 1983.

FÖLLINGER, Sabine. **Differenz und Gleichheit: das Geschlechterverhältnis in der Sicht griechischer Philosophen des 4. bis 1. Jahrhunderts v. Chr.** Alemanha: F. Steiner, 1996. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Differenz_und_Gleichheit/6BJsdyBJklkC?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 10 mai. 2024.

FRISCHER, Bernard. **The sculpted word : epicureanism and philosophical recruitment in Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Sculpted_Word/lqXeEAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=The+Sculpted+Word:+Epicureanism+and+Philosophical&pg=PA34&printsec=frontcover. Acesso em: 10 mai. 2024.

GAZUR, Ben. **Epicurus and His Influence on History**. Reino Unido: Pen and Sword History, 2023. *E-book*.

GELLIUS, Aulus. The Attic Nights. Tradução: John C. Rolfe. In: **Delphi Complete Works of Aulus Gellius**. Reino Unido, Delphi Classics, 2016. *E-book*.

GLASSMAN, Ronald M. **The Origins of Democracy in Tribes, City-States and Nation-States**. Alemanha: Springer International Publishing, 2017. Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/The_Origins_of_Democracy_in_Tribes_City/GNgoDwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=leontion+wrote++about&pg=PA1204&printsec=frontcover. Acesso em: 07 jun. 2024.

GOMPERZ, Th. Ein Brief Epikurs na Ein Kind. **Hermes: Zeitschrift für classische Philologie**, [Berlim], v. 5, n. 3, p. 386–395, 1871. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4471180>. Acesso em: 15 maio. 2024.

GONZÁLEZ, Ángela Sierra. Las mujeres como sujetos de conocimiento en Epicuro. **Revista Laguna**, [San Cristóbal de La Laguna], n. 10, p. 121-131, jan. 2002.

GORDON, Pamela. **Epicurus in Lycia: the second-century world of Diogenes of Oenoanda**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1996. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epicurus_in_Lycia/-gM7K41MAcgC?hl=en&=1&dq=Epicurus+in+Lycia:+the+second-century+world+of+Diogenes+of+Oenoanda.&pg=PA43&printsec=frontcover. Acesso em: 15 maio. 2024.

_____. Remembering the garden the trouble with women in the school of Epicurus. In: FITZGERALD, J. T.; HOLLAND, G. S; OBBINK, D. (ed.). **Philodemus and the New Testament World**. Leiden: Brill, 2004, p. 221–243. Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/Philodemus_and_the_New_Testament_world_e/82Kdj8orBm0C?hl=en&gbpv=1&dq=Remembering+the+garden+the+trouble+with+women+in+the+school+of+Epicurus.&pg=PA221&printsec=frontcover. Acesso em: 23 mar. 2024.

_____. **The Invention and Gendering of Epicurus**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Invention_and_Gendering_of_Epicurus/c29xyS3nuw4C?hl=en&gbpv=1&dq=The+Invention+and+Gendering+of+Epicurus&pg=PA140&printsec=frontcover. Acesso em: 25 mar. 2024.

_____. Epistolary Epicureans. In: HODKINSON, Owen; ROSENMEYER, Patricia A.; BRACKE, Evelien (ed.). **Epistolary Narratives in Ancient Greek Literature**. Leiden: Brill, 2013, p. 133–151. Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/Epistolary_Narratives_in_Ancient_Greek_L/oAR57BbbsUUC?hl=en&gbpv=1&dq=Epistolary+Epicureans&pg=PA133&printsec=frontcover. Acesso em: 25 mar. 2024.

_____. Science for Happiness: Epicureanism in Rome, Naples, and Beyond. In: KEYSER, Paul T.; SCARBOROUGH, John (ed.). **Oxford Handbook of Science and Medicine in the Classical World**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 615–636. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Oxford_Handbook_of_Scienc

e_and_Medic/TCxhDwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=Epicureanism+in+Rome,+Naples,+and+Beyond.&pg=PA635&printsec=frontcover. Acesso em: 07 abr. 2023.

GOULET, Richard. Simon D'Athènes Le Cordonner. In: GOULET, Richard. (ed.). **Dictionnaire des philosophes antiques**. t. 6. Paris: CNRS Éditions, 2016. p. 314–318. (Sabinillus à Tyrsénos). Disponível em: https://www.google.co.uk/books/edition/Dictionnaire_des_philosophes_antiques/. Acesso em: 10 jun. 2024.

_____. Thois Cordonniers Philosophers. In: JOYAL, Mark (ed.). **Studies in Plato and the Platonic Tradition: Essays Presented to John Whittaker**. United Kingdom: Taylor & Francis, 2017. p. 119–126. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Studies_in_Plato_and_the_Platonic_Tradit/vJguDwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=Studies+in+Plato+and+the+Platonic+Tradition:+Essays+Presented+to+John+Whittaker.&printsec=frontcover. Acesso em: 10 jun. 2024.

GRANT, Robert M. Charges of “immorality” against various religious groups in antiquity. In: VERMASEREN, M. J.; BROEK, R. B. Van den (ed). **Studies in Gnosticism and Hellenistic religions presented to Gilles Quispel on the occasion of his 65th birthday**. t. Leiden: Brill, 1981. p. 161–170. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Studies_in_Gnosticism_and_Hellenistic_Re/Eel5DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Charges+of+%E2%80%9Cimmorality%E2%80%9D+against+various+religious+groups+in+antiquity&pg=PA161&printsec=frontcover. Acesso em: 10 jul. 2024.

GUAL, Carlos García Gual. **Epicuro**. Espanha: Alianza Editorial, 2002. (Clásicos de Grecia y Roma)

GUERRA, Adele Tepedino (ed.). **Polieno: Frammenti**. Napoli: Bibliopolis, 1991. (La scuola di Epicuro, 11).

_____. Le lettere private del Κῆπος: Metrodoro, i maestri e gli amici epicurei (PHerc. 176 e PHerc. 1418). In ANTONY, Agathe *et al* (ed). **Miscellanea Papyrologica Herculanesia**. v. 1. Pisa; Roma: Fabrizio Serra Editore, 2010. p. 37–59.

HAWLEY, Richard. The Problem of Women Philosophers in Ancient Greece. In: ARCHER, Leonie J.; FISCHLER, Susan; WYKE, Maria (ed.). **Women in Ancient Societies: An Illusion of the Night**. Reino Unido, Palgrave Macmillan UK, 1994. p. 70–87. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Women_in_Ancient_Societies/XEqvCwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 10 jul. 2024.

HEßLER, Jan Erik. Orthodox Enhancement vs. Orthodox Misconception: Epicurean Allegiance from the Inside Perspective. In: ERLER, Michael; HEßLER, Jan Erik; PETRUCCI, Federico M. **Authority and Authoritative Texts in the Epicurean Tradition**. Suíça, Schwabe Verlag (Basel), 2023. p. 21–40. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Authority_and_Authoritative_Texts_in_the/zvbbEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 06 abr. 2024.

HUTCHINSON, D. S. Introduction. *In*: GERSON, Lloyd P.; INWOOD, Brad (ed.). **The Epicurus Reader: Selected Writings and Testimonia**. Estados Unidos: Hackett Publishing Company, Incorporated, 1994. p. VII–XV. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=YVBgDwAAQBAJ & printsec=frontcover>. Acesso em: 06 abr. 2024.

JENOFONTE. **Recuerdos de Sócrates**. Tradução: Juan Zaragoza. *In*: **Recuerdos de Sócrates, Económico, Banquete, Apología de Sócrates**. Madrid: Gredos, 1993. p. 9–200.

_____. **Económico**. Tradução: Juan Zaragoza. *In*: **Recuerdos de Sócrates, Económico, Banquete, Apología de Sócrates**. Madrid: Gredos, 1993. p. 201–291.

JEROME. Against Joviniano (393). Tradução: W. H. Fremantle, G. Lewis; W. G. Martley. *In*: **Delphi Collected Works of Jerome (Illustrated)**. United Kingdom, Delphi Classics, 2022. *E-book*.

JONES, H. **Epicurean Tradition**. Reino Unido: Taylor & Francisco, 1992. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epicurean_Tradition/8eNXAQAAQBAJ?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 14 abr. 2024.

JUSTIN MARTYR, St. **The First and Second Apologies**. Tradução: Leslie William Barnard. Estados Unidos: Paulist Press, 1997. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_First_and_Second_Apologies/FwzTtRVN8woC?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 25 Jul. 2024.

LACTANTIUS. **The Divine Institutes, Books I–VII**. Tradução de Sister Mary Francis McDonald. v. 49. Estados Unidos: Catholic University of America Press, 2008. (The Fathers of the Church).

LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução: Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

LAES, Christian. The Loneliness of a Marriage with Age Difference in Graeco - Roman Antiquity. Exploring the (Im)possibility of Writing Emotional History. *In*: MATUSZEWSKY, Rafał (ed.). **Being Alone in Antiquity: Greco-Roman Ideas and Experiences of Misanthropy, Isolation and Solitude**. Alemanha: De Gruyter, 2022. p. 319–347. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Being_Alone_in_Antiquity/zdpwEAAAQBAJ?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 06 jun. 2024.

LE DOEUFF, Michele. Long hair, short ideas. *In*: _____. **Philosophical Imaginary**. Tradução: Colin Gordon. Reino Unido: Continnum, 2002, p. 100–128. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Philosophical_Imaginary. Acesso em: 07 jun. 2024.

LIGHTMAN, Benjamin; LIGHTMAN, Marjorie. Danae. *In*: _____. **A to Z of Ancient Greek and Roman Women**. 2 ed. rev. United States: Facts On File, Incorporated, 2008. p.103. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_to_Z_of_Ancient_Greek_and_Roman_Women/2esYJJUETiYC?hl=en&gbpv1&dq=Danae. Acesso em: 02 jun. 2024.

LLORET, M. Isabel Méndez. Leontion: meditação. In: AGUADO, María Isabel Peña; BIRULÉS, Fina; (ed.). **La passió per la llibertat: acció, passió i política, controvèrsies feministes**. Espanha: Universitat de Barcelona, 2004. p. 343–347. Disponível em: <https://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/164427>. Acesso em: 30 jun. 2024.

LUCIAN. Chattering Courtesans In: **Chattering Courtesans and Other Sardonic Sketches**. Tradução: Keith Sidwell. Reino Unido: Penguin Books Limited, 2004. *E-book*.

_____. Essays in Portraiture—Εἰκόνες. Tradução: H. W. Fowler; F. G. Fowler. In: **Delphi Complete Works of Lucian of Samosata**. Reino Unido: Delphi Classics, 2016. *E-book*.

LUDWIG, Walther. Plato's Love Epigrams. In: **Greek , Roman, and Byzantine Studies**. v. 4, n. 2., p. 59–82, [Durham], mai/1963. Disponível em: <https://grbs.library.duke.edu/index.php/grbs/article/view/12091>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LYSIAS. On the murder of Eratosthenes. Tradução: Andrew Wolpert. In: WOLPERT, Andrew; KAPPARIS, Konstantinos. (ed.) **Legal Speeches of Democratic Athens: Sources for Athenian History**. Estados Unidos: Hackett Publishing Company, Incorporated, 2011. p. 17–28. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Legal_Speeches_of_Democratic_Athens/. Acesso em: 28 jun. 2024.

KAPPARIS, K. **Prostitution in the Ancient Greek World**. Alemanha, De Gruyter, 2018. Disponível em: Acesso em: https://www.google.com.br/books/edition/Prostitution_in_the_Ancient_Greek_World/. Acesso em: 05 abr. 2024.

_____. **Women in the Law Courts of Classical Athens**. United Kingdom, Edinburgh University Press, 2021.

KENNEDY, R. F. **Immigrant Women in Athens: Gender, Ethnicity, and Citizenship in the Classical City**. Reino Unido: Taylor & Francis, 2014. *E-book*.

MACLACHLAN, Bonnie. **Women in Ancient Greece: A Sourcebook**. Londres: Bloomsbury Academic, 2012.

MARCIAL. **Epigramas I-II**. Tradução: Amable Viegas Arias. t. 1. Espanha: Editorial Galaxia, 1999. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epigramas_I_II/i1YtgjWeiygC?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 30 mar. 2024.

MARTIN, Thomas R. **Ancient Greece: From Prehistoric to Hellenistic Times**. 2 ed. Reino Unido: Yale University Press, 2013.

MCCLURE, Laura. **Courtesans at Table: Gender and Greek Literary Culture in Athenaeus**. Reino Unido: Routledge, 2013.

MILLETT, Paul. **Theophrastus and His World**. Reino Unido: Cambridge Philological Society, 2007. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Theophrastus_and_His_World/UahYEAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 10 jul. 2024.

PARENTE, Margherita Isnardi (ed.). **Opere di Epicuro**. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974.

PHILODEMUS. **On Frank Criticism**. Tradução: David Konstan; Diskin Clay; Clarence E. Glad; Johan C. Thorn; James Ware. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

_____. **On Death**. Tradução: W. Benjamin Henry. Países Baixos: Brill, 2010. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Philodemus_on_Death/bzIqAQAA_MAAJ?hl=en&gbpv=1&bsq=Pythocles+on+death&dq=Pythocles+on+death&printsec=frontcover. Acesso em: 23 mar. 2024.

_____. **On Anger**. Tradução: David Armstrong; Michael Mcosker. Estados Unidos: SBL Press, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Philodemus_On_Anger/myn5DwAAQBAJ?hl=en&gbpv=1&dq=On+Anger+philodo&printsec=frontcover. Acesso em: 23 mar. 2024.

PLANT, Ian Michael (ed.). Philaenis. In: _____. **Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology**. Reino Unido: Equinox, 2004. p. 45–47. Disponível em: https://www.google.de/books/edition/Women_Writers_of_Ancient_Greece_and_Rome/rJpGIrUUPPMC?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 20 abr. 2024.

PLATO. Symposium. Tradução: Benjamim Jowett. In: **Delphi Collected Works of Plato**. Reino Unido: Delphi Classics, 2015. *E-book*.

_____. Thaeatetus. Tradução: Benjamim Jowett. In: **Delphi Collected Works of Plato**. Reino Unido: Delphi Classics, 2015. *E-book*.

PLATÓN. Menéxeno. Tradução: E. Acosta. In: **Diálogos II: Gorgias, Menéxeno, Eutidemo, Menón, Crátilo**. 8 ed. Madrid: Gredos, 2016. (Biblioteca Clássica, 61)

PLINY, The Elder. Natural History. Tradução: John Bostock; Henry Thomas Riley. In: **Delphi Complete Works of Pliny The Elder**. Reino Unido: Delphi Classics, 2015. *E-book*.

PLUTARCH. Alcibiades. Tradução: Bernadotte Perrin. In: **Delphi Collected Works of Plutarch**. Reino Unido: Delphi Classics, 2013. *E-book*.

_____. Demetrius. Tradução: Bernadotte Perrin. In: **Delphi Collected Works of Plutarch**. Reino Unido: Delphi Classics, 2013. *E-book*.

PLUTARCO. Contra Colotes. In: **Obras morales y de costumbres (Moralia) XII**. Tradução: Juan Francisco Martos Montiel. Madrid: Gredos, 2004. p. 23–82.

_____. Sobre la imposibilidad de vivir placenteramente según Epicuro. In: **Obras morales y de costumbres (Moralia) XII**. Tradução: Juan Francisco Martos Montiel. Madrid: Gredos, 2004. p. 83–151.

_____. De si está bien dicho lo de «vive ocultamente». In: **Obras morales y de costumbres (Moralia) XII**. Tradução: Juan Francisco Martos Montiel. Madrid: Gredos, 2004. p. 152–169.

_____. Vida de Péricles. In: **Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo**. Tradução: Ana Maria Guedes Ferreira; Ália Rosa Conceição Rodrigues. 3 ed. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra /Coimbra University Press, 2013. p. 21–148.

POLYBIOUS. **The Histories**. Tradução: Robin Waterfield. Reino Unido: Oxford University Press, 2010. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Histories/EYHlrmZFNZgC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=inauthor:%22Polybius%22&printsec=frontcover. Acesso em: 15 jul. 2024.

PORPHYRY. Letter to Marcella. Tradução: Alice Zimmern. In: **Delphi Collected Works of Porphyry**. Reino Unido: Delphi Classics, 2023. *E-book*.

RICHARDSON, B. E. **Old Age Among the Ancient Greeks: The Greeks Portrayal of Old Age in Literature, Art, and Inscriptions, with a Study of the Duration of Life Among the Ancient Greeks on the Basis of Inscriptional Evidence**. Estados Unidos: Johns Hopkins Press, 1933.

RIST, J. M. Epicurus: **An Introduction**. Reino Unido, Cambridge University Press, 1972. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epicurus_An_Introduction/tSg7AAAAIAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 20 mai. 2024.

ROSKAM, Geert. The anti-Epicurean tradition before Plutarch. In: _____. **A Commentary on Plutarch's De Latenter Vivendo**. Bélgica, Leuven University Press, 2007. p. 43–84. Acesso em: https://www.google.com.br/books/edition/A_Commentary_on_Plutarch_s_De_Latenter_V/G4trDQB7wfkC?hl=en&gbpv=0. Acesso em: 25 mar. 2024.

_____. Metrodorus of Lampsacus in Plutarch In: GUERRIER, Olivier; LEÃO, Delfim Ferreira (ed.). **Figures de sages, figures de philosophes dans l'oeuvre de Plutarque**. Itália: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 109–126. Disponível em: https://www.google.co.vi/books/edition/Figures_de_sages_figures_de_philosophes/8l6wDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 12 jun. 2024.

_____. Epicurus on Marriage. In: BENEKER, Jeffrey; TSOUVALA, Georgia. (org.). **The Discourse of Marriage in the Greco-Roman World**. United State of America: The University of Wisconsin Press, 2020. p. 119–141. Disponível em: https://www.google.co.vi/books/edition/The_Discourse_of_Marriage_in_the_Greco_R/TgrtDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 12 jun. 2024.

RÖSCH, Yvonne. Close Encounters with the hetaira: Reading Alciphron's Book 4. In: BIRAUD,, Michèle; ZUCKER, Arnaud. **The Letters of Alciphron: A Unified Literary Work?**. Leiden: Brill, 2018. p. 224–243. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Letters_of_Alciphron/XdJ7DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 25 Jul. 2024.

SANTOS, Y. G. Dos; LIMA, W. Matias. O discurso sobre o amor no Banquete, de Platão, e a presença de Diótima de Manteneia: mulher/sacerdotisa/hetaira. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 106–125, 2019. DOI: 10.9789/1679-9887.2019.v17i1.106-125. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9217>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SEDLEY, David. Epicurus and his Professional Rivals. In: BOLLACK, Jean; LACKS, André (ed.). **Études sur l'épicurisme antique: Cahiers de Philologie I**. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, 1976a, p.121–15. Disponível em: https://www.academia.edu/10175217/Epicurus_and_his_professional_rivals?sm=b. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. Epicurus and the Mathematicians of Cyzicus. **Cronache ercolanesi: bollettino del Centro Internazionale per lo Studio dei Papiri Ercolanesi**. [Nápolis], Gaetano Macchiavoli Editore, n. 6, p. 23–54, 1976b. Disponível em: https://www.academia.edu/3051043/Epicurus_and_the_mathematicians_of_Cyzicus?sm=b. Acesso em: 06 abr. 2024.

_____. Medrodorus of Lampsacus. In: ZEYL, Donald J. (ed.). **Encyclopedia of Classical Philosophy**. Reino Unido, Taylor & Francis, 2013. p. 342–343. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Encyclopedia_of_Classical_Philosophy/yUGzAQAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Metrodorus+david+sedley&pg=PA343&printsec=frontcover. Acesso em: 15 jul. 2024.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Tradução: J. A. Segurados e Campos. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SILVER, Morris. **Slave-Wives, Single Women and “Bastards” in the Ancient greek World: Law and Economics Perspectives**. United Kingdom: Oxbow Books, 2018.

SNYDER, Jane M. **The Woman and the Lyre: Women Writers in Classical Greece and Rome**. Estados Unidos: Southern Illinois University Press, 1989. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Woman_and_the_Lyre/X4CLx2PMk4wC?hl=en&gbpv=1&dq=he+Woman+and+the+lyre&printsec=frontcover. Acesso em: 25 mar. 2024.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009.

STRABO. Geography. Tradução: H. C. Hamilton; W. Falconer. In: **Delphi Complete Works of Strabo (Illustrated)**. Reino Unido: Delphi Classics, 2016. *E-book*

TAYLOR, Joan E. **Jewish Women Philosophers of First-Century Alexandria: Philo's 'Therapeutae' Reconsidered**. New York: Oxford University Press, 2003. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Jewish_Women_Philosophers_of_First_Centu/m2nIikh7KbIC?hl=pt-BR&gbpv=009. Acesso em: 20 abr. 2024.

THE GREEK anthology. Tradução: William Roger Paton. v. 5. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1918. Disponível em:

<https://archive.org/details/greekanthology05newyuoft/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 10 jul. 2024.

THÉON, Aelius. **Progymnasmata**. Tradução: Michel Pattilon; Michel Patillon. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

TORRES, Salvador Mas. **Epicuro, epicúreos y epicureísmo em Roma**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37410967/Epicuro_epic%C3%BAreos_y_el_epicure%C3%ADsmo_en_Roma. Acesso em: 27 mar. 2024.

VASSALLO, Christian. **The Presocratics at Herculaneum: A Study of Early Greek Philosophy in the Epicurean Tradition. With an Appendix on Diogenes of Oinoanda's Criticism of Presocratic Philosophy**. v. 11. Alemanha: De Gruyter, 2021. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/The_Presocratics_at_Herculaneum/8wVGEAAAOBAJ?hl=en&gbpv=1. Acesso em: 10 jun. 2024.

VILLALONGA, Catalina Aparicio. **As hetairas en la Grecia**. Madrid: Editorial Ménades, 2019. *E-book*.

USENER, Hermann (ed.). **Epicurea**. Alemanha: Teubner, 1887. Disponível em: <https://www.google.com.br/books/edition/Epicurea/VoJV6MrxVlcC?hl=en>. Acesso em: 16 abr. 2024.

WALLACE, William. **Epicureanism**. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1880. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Epicureanism/n_v5CsDDLtIC?hl=en&gbpv=1&dq=WALLACE,+William.+Epicureanism.&printsec=frontcover. Acesso em: 01 abr. 2024.